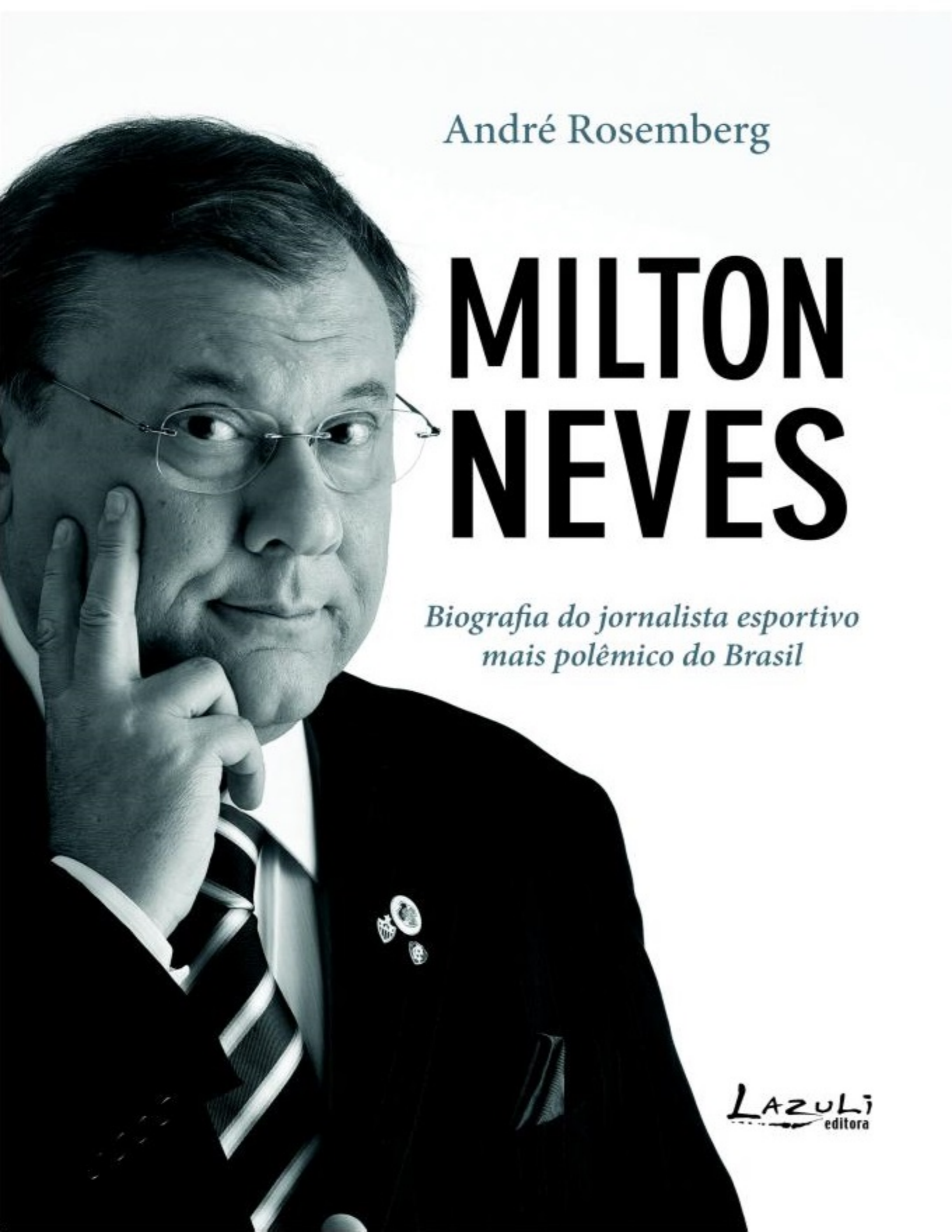




André Rosenberg

MILTON NEVES

*Biografia do jornalista esportivo
mais polêmico do Brasil*

LAZULI
editora



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

**conhecimento, e não mais
lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade
poderá enfim evoluir a um
novo nível."**



MILTON NEVES

*Biografia do jornalista esportivo
mais polêmico do Brasil*

por
André Rosemberg

idealização
Claudio Tognolli





O escrete do Colégio Estadual Professor Salatiel de Almeida, em Muzambinho, em meados da década de 1960. Em pé: Luis Rato, Humberto, Beto Broa, Milton Neves, Onor Simpatia e Mizé. Agachados: Maé, Lezinho, Dinho, Ruy Cantor e Crézio



Equipe da Rádio Jovem Pan. Da esquerda pra direita: Joseval Peixoto, Orlando Duarte, Cláudio Carsughi, Osmar Santos, Israel Gimpel, Milton Neves, Randal Juliano, Constantino Ranieri, Fausto Silva, Leônidas da Silva, Cândido Garcia, Edeмар Annuseck e Aluani Neto.

Sumário

Uma grande história
Torcida brasileira, aquele abraço
Muzambinho
Nascimento e família
A casa da família
O sítio invernada
A morte do pai
O futebol na minha infância
Meu primeiro Pelé
A adolescência: Meu primeiro microfone
Curitiba: Fome e frio
São Paulo
Jovem Pan
Repórter de trânsito
O futebol
Detran
Plantão de domingo e *Terceiro tempo*
Publicidade e viagem para Israel
Macabídas
Bandeirantes
Televisão
Epílogo
Agradecimentos





Tia Antônia, a Madrinha, com a neta Giulia Beatriz

Uma grande história

Alberto Helena Jr.

Pode-se dizer que o rádio é o pai do cinema, avô da televisão e bisavô da internet no Brasil.

Sim, porque a comunicação de massa no Brasil começa lá no início dos anos 30, com o Programa Casé, na Rádio Phillips do Brasil, um desfile de cantores, intercalado por sketches humorísticos.

E o que foram os primeiros filmes da Cinédia, na mesma década? Uma longa sequência de números musicais pontilhada por breves situações cômicas

Nos anos 40, cristalizam-se duas outras vertentes – a das novelas, que tomaria conta da TV a partir da década seguinte, e as transmissões esportivas, sobretudo o futebol.

A tal ponto, que, em São Paulo, essas duas expressões radiofônicas ganharam prefixos próprios e exclusivos – a Rádio São Paulo, o Vale de Lágrimas, como a denominava o saudoso Moraes Sarmento, e a Panamericana, Emissora dos Esportes, ambas propriedades de Paulo Machado de Carvalho, o Marechal da Vitória, chefe da delegação brasileira nas Copas de 58 e 62.

A Panamericana transmitia eventos e programas de todos os esportes, dia e noite, até a virada para os anos 60, quando a disseminação da TV nas camadas mais desvalidas da população decretou a morte precoce do rádio.

Foi quando o Tuta, filho do Dr. Paulo, assumiu a direção da emissora, e a fez transitar, no início, na esteira do sucesso dos musicais da TV Record. Mas, logo mudou de rumo e encontrou nos serviços jornalísticos (trânsito, Bolsa, notícias em geral) e no esporte a salvação da lavoura.

É nesse período, já nos anos 70, que surge das sombras um nome que ganharia a luz da fama, subitamente – Milton Neves.

Um mineirinho vindo da pequena Muzambinho que bem poderia ser personagem de uma rádio novela tendo o futebol como trama central. É a história do menino do interior desse mundão de Deus, criado ao pé do rádio e o cabeção atuando como um enorme repositório de situações e nomes, enfim, toda essa maravilhosa mitologia do futebol, que veio para a cidade grande tentar a sorte.

Sorte? Talvez. Mas, imagine o leitor que o Miltinho de Muzambinho chegou à Jovem Pan, e transformou o plantão esportivo, um espaço tradicionalmente, desprovido de brilho e repercussão, num ícone da radiofonia brasileira.

Com seu Terceiro Tempo, Milton Neves expandiu-se de tal maneira, pela TV, pela internet, por onde passa, que posso dizer sem medo ter se transformado simplesmente no maior comunicador de esportes do Brasil.

Como se deu esse sortilégio? Bem, é isso que o amigo ficará sabendo daqui pra frente, pela voz potente, timbrada de humildade e, ao mesmo tempo, altamente personalista, provocativa, quando não evocativa, de Milton Neves.

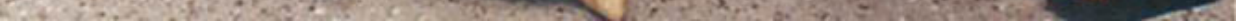
Boa viagem.





Nos bastidores da rádio Bandeirantes antes de entrar no ar: a alegria diante do microfone





Em 2004, na Record, em participação especial na Escolinha do Barulho

Torcida brasileira, aquele abraço

Começo com o inesquecível bordão do emblemático e saudoso mestre Fiori Giglioti. Não posso negar: ele embalou meu primeiro grande sonho profissional e pessoal.

De tanto escutar “o locutor da torcida brasileira”, coloquei na cabeça que um dia trabalharia na Rádio Bandeirantes de São Paulo, na esperança de receber meu batismo definitivo de sua voz imortal:

“Agora Milton Neves, o moço de Muzambinho”!

Dessa forma, acreditava, estaria “consagrado perante o mundo”. Com o aval de Fiori passaria a ser a “figura máxima” de minha terra.

É mole?

Tinha por volta de 17 anos e nessa idade os sonhos são como eles devem ser: um desvario de expectativas sem qualquer referencial mais concreto. Mas algumas veleidades juvenis vêm se confirmar, amém!

Pois assim, preparando o terreno que pavimentaria meu futuro, fiz das rádios Bandeirantes e Tupi, ambas de São Paulo, as minhas primeiras universidades. A outra, oficial, foi a SUPERO (Sociedade Universitária Paulista de Ensino Renovado Objetivo), hoje UNIP, onde me formei jornalista profissional em 1977.

Mas vamos devagar com o andor...

O objetivo de mais essa empreitada, que se soma a tantas outras, é fazer um relato da minha história: são 61 anos de vida, quarenta deles vivendo em São Paulo. Trata-se de uma narrativa, sem dúvida; mas não há pretensão de encerrá-la num “livro”. Talvez fosse muito pedante de minha parte. Procuro só mais uma maneira para dar vazão ao diálogo - franco e direto. Às outras mídias em que

milito, se junta mais essa, por que não? Uma nova plataforma para compartilhar o balanço de uma trajetória dedicada, sobretudo, ao futebol.

Nessa retrospectiva, confesso, não sabia que havia armazenado tantas fotos, tantos causos. Na Era da Informação, foi muito difícil a labuta de girar a memória, recuperar fatos, organizá-los, ditá-los... Enfim, fazer reviver seis décadas de vida e quarenta de profissão em texto e fotos.

Sem delongas, vamos lá...





Em seis de outubro de 2001, com o escritor Roberto Drummond, na entrega do Galo de Prata. Num Mineirão com 90 mil pessoas, entoando “Doutor, eu não me engano, o Milton Neves é atleticano!”. O Atlético empatou com o Cruzeiro em 2 a 2





Milton Neves e o irmão Homero, em Muzambinho, meados da década de 1950

Muzambinho

Toda biografia tem início pela origem. É o óbvio ululante, com o perdão de Nelson Rodrigues. Mas este não é o caso aqui. Fosse assim, começaria rastreando as inconfidências dos longínquos Neves que aportaram no Brasil nos idos do século XVII; quiçá, fossem judeus convertidos a fórceps (isso explicaria muita coisa...). Talvez me debruçasse sobre a árdua trajetória familiar até que tivessem se fixado - avôs e avós - no Sul de Minas, numa labuta infinita pela sobrevivência digna. Num rastro de orgulho, divisaria em antepassados a semente do sucesso que de geração em geração amadureceu à espera de um portador para, enfim, conseguir germinar.

Mas esta não é uma biografia na sua forma mais usual. Trata-se, em vez, da busca pela alma - a minha - que na mais absoluta transparência pretendo compartilhar com o público que me acompanha há tanto tempo. É a essa tarefa que me dedico aqui: reunir os fragmentos de vida, quer onde eles se encontrem.

A origem de tudo, posso afirmar, vem do chão roxo de minha terra – é de lá que pulsa a natureza do que eu sou; do que eu sempre fui; do que eu nunca deixarei de ser - seis décadas de vida; 45 anos de profissão. Parafraseando Fernando Pessoa, eu sou a minha aldeia. Hoje, cidadão rodado, não desgarro da essência que me forma e me conforta: meu mundo é Muzambinho. Sou de Muzambinho. Sou Muzambinho.

Eis-me lá escancarado. Está aí o meu começo: o bojo do novelo que se desenrola um bocadinho todos os dias, em cada gota de suor, em cada tribuna onde milito. A quem quiser me desvendar - este tabaréu imodestamente caipira e monoglota de quatro costados - que se dedique primeiro a conhecer meu rincão

natal. Como é a costela para Adão, também sou uma parte de Muzambinho. A ela, e aos que nela viveram e me fizeram, tenho contas a prestar. É o que começo a cumprir agora, saudando meus maiores amores: Carmen Fernandes Neves (1923-1995), minha mãe; Milton Neves (1921-1960), meu pai; Antonia Carlos Fernandes, minha tia-mãe, acometida de do Mal de Alzheimer desde 1998.

Sendo assim: deixa cair, Muzamba!





No Monumento em homenagem aos pracinhas da Segunda Guerra, na praça dos
Andradas, em Muzambinho. Dona Carmen Neves rodeada por netos, filhos de Homero
e Milton





No mesmo monumento da foto anterior (1956): vó Beatriz, Homero (irmão, em pé), Beatriz (prima, em pé). Sentados, Humberto (primo), Luis Carlos (primo), Milton Neves (ao centro)

Nascimento e família

Nasci num seis de agosto – data infausta que marca a efeméride triste do bombardeamento de Hiroshima pelos americanos. Para o otimista, entretanto, o evento significa renascimento, reconstrução... Portanto, é nesse sentido auspicioso que tenho guardada a superstição de meu natalício: um seis de agosto de 1951. A essa curiosidade soma-se outra, ainda mais impressionante devido à coincidência, mas que vem comprovar a minha teoria. Saiba-se que o Santos Futebol Clube – minha vida, minha razão – surgiu em 14 de abril de 1912, no mesmo dia, e aos pés do mesmo oceano (ainda que a alguns milhares de quilômetros de distância), em que o Titanic encontrava seu fim. Pois, se é inegável o destino que bem-aventurou o time da Vila nesses cem anos de história... está ao acaso se confirmar.

Como dizia, fui dado à luz em Muzambinho, numa manhã de inverno. Nasci na Santa Casa, como era de vexo das famílias humildes do interior. E como também era praxe naquele interior, minha infância correu solta, entre a cidade e o sítio. Ao contrário do usual, posso dizer que fui abençoado com duas mães. Não se vá pensar que se trata desses arranjos familiares modernos... Os Fernandes e os Neves eram para lá de tradicionais, católicos praticantes, tementes a Deus, como o era quase toda a gente muzambinhense. O fato é que minha criação se dividiu entre mamãe, Carmen “Carmita” Carlos Neves, e minha “tia-mãe” Antônio – Antônio Carlos Fernandes – professora denodada, que carregava nas costas o fardo de fazer sobreviver a família. Os próximos sempre a trataram por Madrinha, uma deferência autoexplicativa. Meu pai, Milton Neves, conheci pouco (não me lembro de sua voz, o que é um fato significativo para quem

trabalha com rádio há tanto tempo): morreu com 39 anos, quando eu contava apenas oito.

Meus primeiros passos se deram no Grupo Escolar Cesário Coimbra, no quintal de casa, no meio-fio de ruas enlameadas da Praça dos Andradas e de castelos de barro, feitos e desfeitos na mais inocente aventura pueril, das quais minha tia Antônia, hoje incapacitada pela doença, até há pouco tempo fazia questão de me rememorar; foram as viagens ao sítio Invernada, cuja grandiloquência de papai exagerava-lhe as dimensões, alcinando-o de fazenda.

Porém, acima de tudo, minha infância é sinônimo de bola: essa entidade sagrada. Não uma bola qualquer, mas a bola tangida pelos pés mágicos de totens vestidos com suas túnicas brancas. Guardado o exagero da imagem, há de se me desculpá-lo, mas ele se justifica plenamente. Explico: é de se ressaltar que, nos idos dos anos 50, o futebol – o futebol oficial, jogado pelos deuses e titãs – chegava a mim, e a todos perdidos pelos rincões do Sul mineiro, trazido pelas ondas do rádio, do rádio paulista mais precisamente, representado pelas emissoras Bandeirantes, Tupi, Piratininga, Gazeta. E os feitos de meus heróis descrevia, em pormenor, a voz em potência de um Fiori Giglioti, de um Geraldo José de Almeida, de um Pedro Luiz, de um Haroldo Fernandes, de um Flávio Araújo; eles, também, figuras lendárias, paladinos de um mundaréu desconhecido que se estendia por detrás das Alterosas. Seres etéreos, escondidos naquelas caixinhas de pandora, que, quando abertas, libertavam vozes maviosas, a narrar tamanhas peripécias.

Personificados pelo timbre imponente dos locutores, os jogadores combatiam, sobre a relva rarefeita dos campos daquele tempo, sanhudos inimigos, cujo único intuito era o de me privar do deleite da vitória do Santos. Pagão, Calvet, Dalmo, Zito, Formiga, Manga, mais tarde, Gylmar. Tantos outros protagonistas que retiniam sob o contraste do uniforme alvo ou listrado em preto: o suor do esforço físico a ressaltar a nitidez da pele sob o manto – Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pepe e... preciso concluir?

De todo o modo, posso dizer que de minha infância repercutiu (e repercute ainda) a magia conjugada – a bola e o rádio a iluminar minhas ilusões de futuro tão distante e de perspectivas, então ainda, muito embotadas: quem diria que naquela curva de fim de mundo, no sonho mais ingênuo do menino, meu destino já estava traçado?

A seguir dou início a esse relato, dividido nas minhas memórias mais marcantes. Coisas da infância, de Muzambinho, do futebol...





Na casa da família, em Muzambinho. Com a esposa, Lenice, Milton Neves Netto, Fábio e Rafael

A casa da família

Meu pai, Milton Neves, era natural de Areado, mas logo cedo foi viver em Varginha. Ganhava a vida como sapateiro. Atrás de trabalho, mudou-se para Muzambinho, onde funcionava uma fábrica de sapato (a cidade, aliás, abrigava duas outras indústrias: uma fabriqueta de cerveja e uma outra, de doce de leite). Lá conheceu mamãe, e se casaram. Pouco tempo depois do meu nascimento, a fábrica faliu. Rumamos, então, para Varginha; mas, sem muitas perspectivas, ali permanecemos apenas dois anos.

Papai levava vida errática e doente – jogador contumaz de baralho e sinuca, sofria do “mal do peito”, como se dizia. Tuberculose. Doença maldita e interdita na boca do povo, a acometer os boêmios e os irreverentes. Ele passava longos períodos fora, fosse no calcanhar das cartas ou internado no sanatório de Campos do Jordão.

Resultado: voltamos a nos instalar em Muzambinho – mamãe, Homero, meu irmão mais velho, e eu – sob as asas de tia Antônia, que nos acolheu e proveu. A casa em que morávamos – na praça dos Andradas, 185 – pertencera a meu bisavô materno, o austero Joaquim Teixeira da Silva, que amealhou bom dinheiro nos anos de 1920 plantando café. Falecido, deixou a casa e um torrão de terra – o sítio Invernada (que fica no município vizinho de Monte Belo) – para suas três filhas, dentre elas, minha avó Beatriz, nome santificado, cujo significado – aquela que provê felicidade – acompanha minha família até hoje. Minhas netas Maria Beatriz e Giulia Beatriz “roubaram” os nomes das filhas que nunca tivemos (minha prole consiste em três marmanjos: Rafael, Fábio Lucas e Milton Neves Netto). A cada gravidez de Lenice, tínhamos certeza de uma princesinha vindoura, e o nome Beatriz devidamente preparado para brindar a ocasião...

Na nossa casa, em Muzambinho, morávamos nove: vovó Beatriz, tia Antonia, mamãe, meu irmão Homero, eu, e meus quatro primos, Beatriz Maria, Humberto (prefeito de Monte Belo para o mandato de 2013-2016), Luis Carlos e Ana Maria; todos filhos de tia Maria Carlos Fernandes (a caçula das irmãs) e Juscelino Bonelli Maciel. Tia Mariinha e tio Celino viviam na fazenda Invernada.

Nas décadas de 1920 e 1930, a vida das três irmãs Carlos Fernandes - Carmen Carlos (a mais velha), Antônia Carlos e Maria Carlos - ainda podia sorrir. Vovó Beatriz recebera um bom quinhão de seu falecido pai e casara em segunda núpcias com Luís Carlos Fernandes, de quem adquiriu o sobrenome, um chefe de estação que fora alocado em Muzambinho pela Companhia Mogiana. A morte precoce de Luis Carlos deixou as meninas em posição privilegiada, com uma herança polpuda de 300 mil contos de réis para serem repartidos, além dos alqueires do Invernada.

Na região, a tríade carregava a pomposa alcunha de “as milionárias filhas de dona Beatriz”, desvelando, por trás do apelido, a cobiça de um dote portentoso. Entretanto, a administração precária, a divisão das terras em três partes e a crise da década de 1930, refluíram a prosperidade do sítio e do café lá produzido. Verdade que tia Mariinha e tio Juscelino conduziram melhor os negócios que as outras irmãs. A sede da propriedade e o solo mais fértil lhes couberam na partilha. Para os padrões da época, eles ascenderam a uma condição bastante abastada. Pelo menos até o momento em que tio Celino resolveu se dedicar à política, tornando-se um quadro fervoroso do PSD (partido a que pertenceu o xará Kubistchek e o meu “vovô” Tancredo Neves), elegendo-se, posteriormente, prefeito de Monte Belo. A política, entretanto, mostrou ser sua desdita: ele foi o único político que eu conheço a deixar a carreira mais pobre do que entrou.

A parte da fazenda que ficou para mamãe não vingou. A doença e o vício de papai o afastavam da lida necessária das terras. A lavoura minguou, o gado era parco. Pouco a pouco, as “filhas de dona Beatriz” perderam o valor agregado da herança, a pobreza avançou sobre a rotina, obrigando as mulheres a se virar.

Minha tia Antônia seguiu o magistério. Foi ela, com seu salário derrisório, quem segurou as pontas e bancava as despesas da casa. Para cuidar de todos, nunca se casou. Mantinha-se sempre esguia, alta. Ainda que segura de si, não disfarçava seu olhar triste. Uma deusa grega que trabalhava de sol a sol, lecionando em três cidades: Guaxupé, Muzambinho e Monte Belo.

Foi tia Antônia quem me deu, sem cobrar, os tostões que abriram o caminho para minha vida profissional. Pagou, com sacrifício, minha estada em São Paulo no começo da minha carreira: a mensalidade da faculdade, a pensão, meu sustento.

Quando comecei a me projetar na Jovem Pan, fui incontinenti à finada casa de materiais de construção Marcovan, na Marginal Tietê, e ao também extinto Mappin, na Praça Ramos. Para ela, comprei material de construção, sofá, tevê, oratório, etc. Tudo em 24 prestações. Quando viu aquele mundaréu de coisas, tia Antônia, na sua inapelável santidade, devolveu: “*Mirtim*, precisamos acertar o valor disso”. Até hoje essa cena me entenece: se tivéssemos que acertar as contas, Madrinha, nem todo o dinheiro que ganhei seria suficiente para retribuir seu amor e sacrifício...

Enfim, a década de 1950 nos flagrou na pobreza: proprietários de uma terra sem muito valor, vivendo numa casa despojada. Eletrodomésticos, por exemplo, não havia: geladeira, fogão a gás, televisão; sofá e outros “supérfluos”, também não. Quimeras de uma situação inatingível. Mesmo do mais básico carecíamos: papel higiênico, improvisávamos de retalhos do jornal *Minas Gerais*, o diário oficial do estado, que minha tia – professora da rede pública – assinava, a fim de acompanhar os trâmites da burocracia.

Apesar do apertume daquela vida em Muzambinho, no Natal, tínhamos direito a uma “dádiva”. Embora com os tostões contadinhos do salário no magistério, tia Antônia fazia questão de dar presente para as crianças. Nem que fosse um par de meias, todos os anos, na manhã de 25 de dezembro, sob a árvore mirrada, encontrávamos nosso pacotinho... Mas o grande frisson do dia, o evento que me aguça a memória e me emociona até a medula, era a chegada da Cesta de Natal Amaral.

Os “reclames” da época comprovam o enorme sucesso da cesta, disponível em cinco tamanhos – do número 5 ao número 1, da maior para a menor. E não pense que era barata: vendia-se a prestações aquele colosso de vime que embalava iguarias com as quais nem sonhávamos no dia-a-dia ordinário: azeitona, azeite, chocolates, balas, vinho, doces em calda... Em meio àqueles produtos, se escondia um boneco de plástico – o Gigante Amaral – que, numa das mãos carregava uma casa, representando os prêmios distribuídos pela empresa. Ao comprar a cesta, concorria-se a casas, carros e dinheiro, sorteados com as extrações da Loteria Federal. O sucesso era estrondoso: vendiam-se mais de 50 mil unidades por ano. Para as crianças, entretanto, a sorte consistia num bem abstrato demais. Muito mais palpável e palpitante era a sensação de desbravar a palha que acomodava os quitutes na cesta em busca das melhores guloseimas e do prêmio máximo almejado pela ingenuidade infantil: o bonequinho de plástico. Em casa, a cada Natal, nos atracávamos, os primos, escarafunchando a cesta número 5, a maior e

mais sortida, comprada com muito orgulho, e com muito custo, diluído nas inúmeras prestações mensais.

Num determinado ano, tia Antônia, com um quê de decepção, chegou em casa com uma cesta número 4 – a diferença passou despercebida para nós. Valia o prazer da surpresa. Nos Natais subsequentes, o decréscimo se acentuou gradativamente: 3, 2, 1. A frustração se notava entre a meninada, mas fazer o quê? Ainda tínhamos o Gigante Amaral! Até que, finalmente, o cinto apertou, e titia avisou o que já se anunciava: naquele Natal não haveria cesta. Ela deu a notícia quase envergonhada: um ano difícil, o dinheiro curto, muitas bocas para alimentar. Mas o presentinho ainda estava lá, ao lado da árvore, para compensar a dureza, para amainar o orgulho ferido.

Como eu dizia, pouquíssimos luxos nos eram concedidos. Normalmente, só em caso de doença, quando tia Antonia se contorcia para compensar o desconforto. E, naquela época, quando o interior ainda era desprovido da vacinação sistemática, adoecia-se a granel: sarampo, catapora, escarlatina, caxumba, a temida poliomelite, e toda a sorte de moléstias infantis funcionava como rito de passagem para as crianças. O sofrimento se mostrava atroz, principalmente aos mais pobrezinhos, padecentes de nutrição suficiente. Era praxe, nesses estados, oferecer-se algum refrigério compensador ao doente, por mais modesta que fosse a extravagância. No caso, uma garrafa de guaraná caçulinha funcionava como um bálsamo dos deuses. Para se ter uma ideia da preciosidade do evento, quando recebíamos a oferenda, no lugar de escancarar-lhe logo a tampa, fazíamos um furo com o prego mais delgado. Um buraco quase imperceptível por onde vazava aquele chiado mágico do gás escapulindo. Pelo furinho, sorvíamos, ou melhor, degustávamos o líquido reparador bem devagar, prolongando ao máximo aquele prazer raro.

Mas de todos os cheiros e sabores da minha infância, aquele que me embala os sentidos é a lembrança da jabuticaba. Pela fruta, nutria paixão avassaladora. Toda vez que podia, corria para o fundo do quintal de casa, onde se agigantava, frondosa, a jabuticabeira, a oferecer suas dádivas dulcíssimas. São elas, as jabuticabas, as reminiscências mais poderosas que carrego da tenra idade. Assim, permitam-me o direito de fazer minhas as palavras de Nelson Rodrigues, em *A Menina sem Estrela*, onde registra suas mais verdes memórias: “Toda a minha primeira infância tem gosto de caju e de pitanga”. No meu caso, paira o sabor da jabuticaba. Recentemente, recuperei a parte do quintal que minha tia fora obrigada

a vender para custear uma mastectomia que lhe salvou a vida. A jabuticabeira continua lá, como um marco a manter viva as memórias de outrora.



A famosa jardineira do Expresso José Orrico, que ligava Muzambinho com o resto do mundo (isso quando ela não empacava nas estradas de terra precárias do sul-mineiro).
Em Caconde (SP), a viagem seguia num ônibus melhor





A casa do sítio Invernada

O sítio invernada

As viagens para o sítio eram aguardadas com muita ansiedade pela meninada. Nas férias, a roça, como se dizia, era o destino certo. Quando papai voltava do sanatório ou de suas longas ausências, costumava cuidar da terçada que nos coube na divisão das terras – chamávamos o lugar pelo pomposo nome de Fazenda Alto do Mirante, devido à sua localização topográfica, no alto do morro. Na casinha simples, toda branca, meu irmão e eu nos divertíamos. Chupávamos fruta no pé – lima de bico, como se chama no Sul de Minas –; nadávamos no ribeirão. No lugar, não havia quaisquer benefícios: luz elétrica ou água corrente. Papai sonhava em instalar uma bomba para levar água da mina que brotava no pé do morro até a casa, mas o equipamento (de nome bié) nunca funcionou. O banho, tomávamos numa enorme bacia, que minha mãe enchia, trazendo com chaleiras a água quente direto do fogão a lenha. O sabão, fazia-se das cinzas recolhidas da madeira queimada. Eram cozidas num tacho com banha de porco para dar a liga. Aquilo, acreditem, fedia demais. Depois, um jantarzinho frugal e sono – dormíamos e acordávamos com as galinhas. Ainda assim, as viagens eram uma redenção. Esperávamos com ansiedade as visitas ao sítio. Na nossa pobreza de provérbio, a aventura na roça tinha muito valor.

O sítio ficava em Monte Belo, a quarenta minutos de Muzambinho (hoje leva dez). O acesso não era fácil. Normalmente, quem nos conduzia

era o Waldomiro, chofer de praça, como se dizia. Waldomiro e sua esposa, dona Noêmia, geraram 18 filhos, sendo que doze deles vingaram. A curiosidade é que todos foram batizados com a letra i. De sua prole, os mais “famosos” são Ivonaldo, com quem dividia a assinatura de *A Gazeta Esportiva*, e Ivan Surdão, centro-avante do “temido” Bandeirante de Muzambinho.

A história do porquê Ivan ganhou seu adendo não deixa de ser curiosa. Em Muzambinho, como por todo o interior de Minas, havia o costume de se jogar víspera, que em outras partes do país se conhece por bingo ou tômbola. Nas cartelas, marcava-se o número sorteado com feijões. Numa imprevidência momentânea, Ivan introduziu no ouvido um grão da leguminosa. Desesperada para sacar o intruso, Noêmia, mãe de Ivan, *cavucou* o local, conforme narrava a crônica local. Em vão. Não contente, *cavucou* e *cavucou* mais, até que o feijão, claro, adentrasse seu canal auditivo e ferisse de morte seu tímpano.

Se a conveniência da corrida com seu Waldomiro Chofer resolvia nossa vida para chegar ao sítio, o imbróglio maior estava na volta. Não existia telefone; não podíamos chamar o chofer; ônibus também não havia. A alternativa era pegar o trem na estação de Monte Cristo, distrito de Monte Belo – a maria-fumaça resfolegava pelos lugarejos de Palmeia e Monte Alverne até chegar em Muzambinho. A estação de Monte Cristo ficava longe da fazenda e o único acesso se dava via carro de boi. Isso mesmo: um carro de boi, que atravessava preguiçoso pastos e descampados. Me lembro bem de dois carreiros que conduziam o veículo. Um deles se chamava Zé Pintinho; o outro, a quem presto singela homenagem, chamava-se João Jacinto. Um dia, no caminho para Monte Cristo, com aqueles olhos matreiros, João Jacinto divisou uma cobra por entre a folhagem do pasto. Arriou do carro e matou a bicha: uma urutu cruzeiro, venenosíssima. No interior, tinha dessas coisas: morria-se de dor de dente, de dor de parto e de picada de cobra.

Mas, enfim... chegando na estação de Monte Cristo, um último obstáculo se erguia: um riacho. Tão inofensivo, aparentemente, mas cuja travessia se fazia por sobre uma pinguela. Para quem não conhece, pinguela

é uma ponte improvisada, normalmente um tronco derrubado, que une uma margem à outra. O carro de boi estacionava à beira do riozinho e arribávamos do veículo: vovô Beatriz, mamãe, Homero e eu. Uma cena pungente: vovó e mamãe com dificuldades para andar, equilibrando-se sobre a pontezinha, um reles cipó como único arrimo, preocupadas com a integridade das crianças. Apesar do perigo iminente, aquilo fazia parte da vida das pessoas, era uma situação absolutamente natural.

Nosso sitiozinho era muito simples. Plantava-se um pouco de café, que secava num improvisado terreiro. As ausências de papai prejudicavam o bom andamento dos negócios; mas ele se esforçava. No meu devaneio infantil, ansiava em ver o sítio tomado de vacas e bois. Afinal, o gado simbolizava opulência naquelas paragens. A riqueza se contava por cabeças: quanto mais reses possuísse, mais o sujeito era considerado. Devo confessar que tinha uma pontada de inveja do tio Celino, proprietário de apreciável boiada. Ele era minha aspiração de sucesso.

Pois então, é de se imaginar o meu encantamento quando flagrei, um dia, olhando para o horizonte, aquelas silhuetas que tomavam forma à medida que se aproximavam do sítio. Era meu pai a tocar meia-dúzia de bois que havia recém-adquirido. Bois de carro, possantes. Que alegria, meu Deus! Me senti no topo do mundo. O dono do mundo... A dupla de guias, responsável por puxar o veículo, chamamos de Matoso e Mateiro; me lembro também de outro boi: o Relógio. Mas um carro com seis bois carece de potência: não *guenta* carregar o fardo morro acima. Meu pai, então, me disse orgulhoso: “Vou comprar outros bichões, você vai ver”. Dito e feito. Arranjou mais seis cabeças, entre zebus (gado de corte) e gires (gado leiteiro). Na minha inocência de criança, me afeiçoei por duas novilhas em especial, a Azeitona e a Estrela. E, como se verá a seguir, elas estão intimamente ligadas às lembranças que tenho da morte de papai.

Cordô Morto

Em Muzambinho-MG, cidade pequena, quando morre alguém, a notícia é moída pelo alto-falante da Alfaiataria do Nhonhô (que não existe mais, agora é do Bazar Pires). Em póstumo respeito, toca-se a música *Il Silenzio* com Nino Rosso. Egressa desse hábito é a minha prática de colocar a mesma canção na Rádio e TV Bandeirantes, como costumava fazer na Jovem Pan e TV Record, toda vez que morre alguém, ou quando um time grande é eliminado de uma competição. É a minha singela homenagem.

Mas, em Muzambinho, quando morria alguém, como costumava acontecer amiúde, quem se desincumbia do anúncio oficial nos alto-falantes era o célebre Zé Tarzan, José Sales de Magalhães, primo do ator Tarcísio Meira, a cuja ocupação conjugava a de professor de português, técnico de futebol e apresentador na Rádio Continental.

Certo dia faleceu Zé Sprita, que também atendia por José Espírita, o médio-volante do escrete local. Da mesma cepa que Toninho Cerezo, Zé Sprita jogava muito futebol, muita sinuca. E bebia industrialmente. Para variar, Magalhães meteu o *Il Silenzio*. Emendou, dizendo que era uma lástima a morte de Sprita, médio-volante, pedreiro, exímio jogador de sinuca. Deixava viúva sua estimada Batatinha.

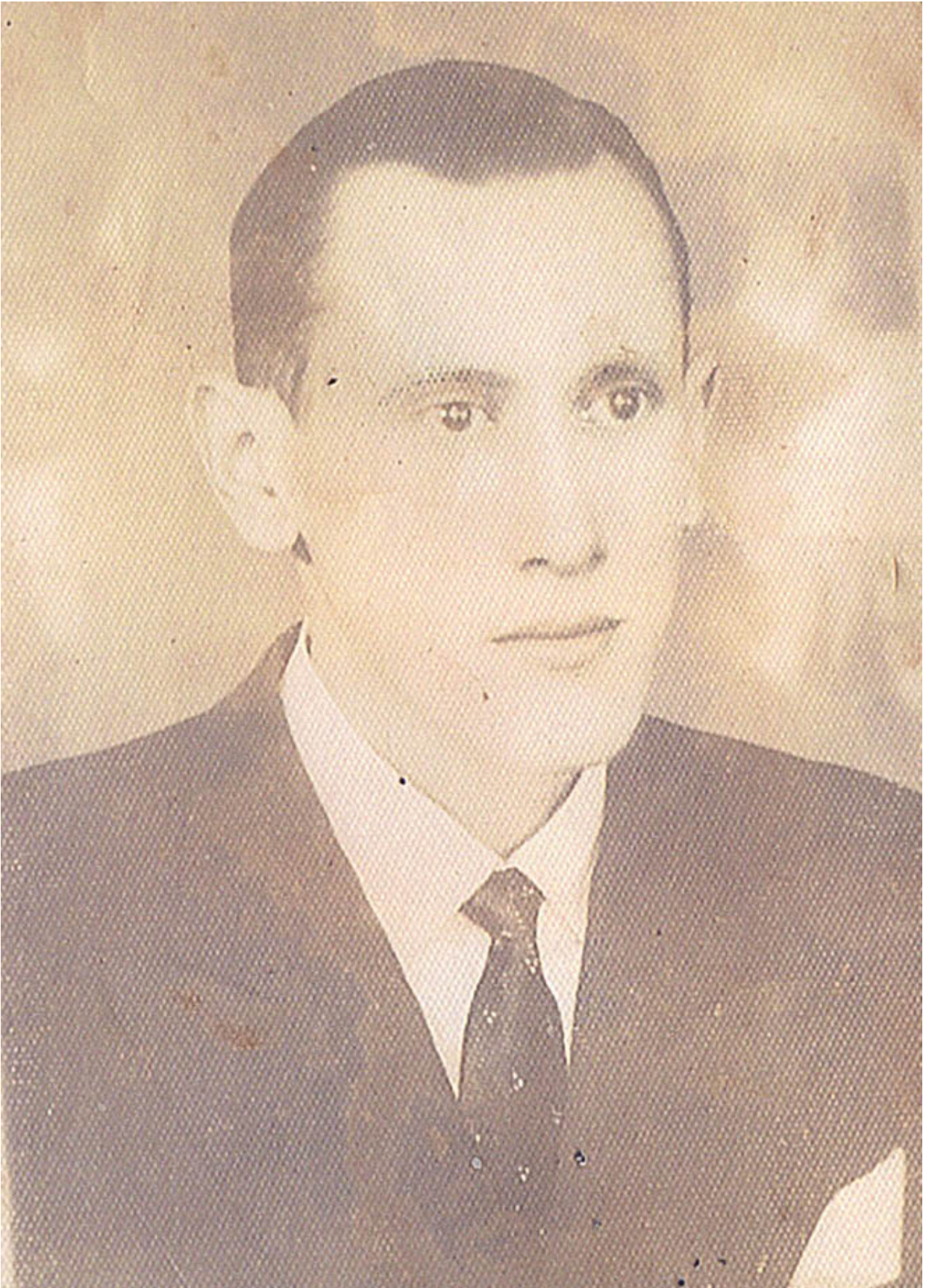
E agora afirmo eu: Zé Sprita jogava sinuca com a mão enfaixada, pois não tinha quatro dedos de uma das mãos, perdidos na infância depois de um acidente com fogos de artifício.



O morto era uma figura muito querida e Zé Tarzan ficou iluminado de triste. Tanto que soltou a seguinte pérola ao microfone da Rádio Continental: “Gente, que pena, morreu Zé Sprita, vocês têm notado o que vem ultimamente acontecendo em Muzambinho? Está morrendo gente que nunca tinha morrido”. E para adoçar a história, conta a lenda que Zé Sprita morreu de *raiada*. Quem detalha a morte incomum é a “Física Particular” de Muzambinho. Pois, explica-se. Pedreiro de profissão, Sprita ajudava na reforma do prédio da prefeitura, localizado na Praça dos Andradas. No vaivém dos quefazeres, o pobre rapaz foi incumbido de desinstalar o para raio, o qual havia 105 anos ninguém colocava a mão. No “desparafusamento” do *bicho*, o coitado tomou uma chuva de relâmpagos no peito. “Raios que estavam ali armazenados por mais de um século”, garante, em tom circunspecto, José Maria Maciel dos Reis, o Zé Viado, pai de 24 filhos.

O certo é que não importa o falecido, quando Nino Rosso ressoa pela praça, o mundo para e presta atenção. Dá-se, então, uma espécie de *Terceiro Tempo* da morte (que se me desculpe o tema mórbido): um diz-que-me-diz a fim de saber quem é o desdito da vez. O cenário é de um Brasil que não mais existe: caboclo pitando cigarro de palha, de cócoras ou sentado no banco, conversando com os compadres, assuntando sobre o destino.

A curiosidade é fatídica: “Escuta, ele morreu do quê?”. E o “médico legista”, prenhe de empáfia, arguto observador do cotidiano, responde: “Ora, *cordô* morto”. Sem um doutor oficial para atestar, de ciência, a *causa mortis*, o motivo do empacotamento transita pela boca do povo no veredito definitivo: “*Cordô* morto, uai”.





O pai, Milton Neves

A morte de papai

O mais cruel foi que aquele 14 de setembro de 1960, dia fatídico, começou radiante. Tudo porque, ao chegar da escola, vislumbrei o Ford do Waldomiro Chofer estacionado em frente de casa. Não podia ser outra coisa: uma viagem ao sítio se anunciava... Mas logo percebi o equívoco: em dia útil não se viajava. Foi então, com a maior habilidade do mundo, que tia Antônia emendou: “Vamos para a roça porque o Milton não está passando bem”. Naquela voz, soava um fatalismo quase doce. Logo mais eu saberia por quê...

Meu irmão já estava dentro do carro, de olhos vidrados, e envolto numa dor recente. Entrei no carro e fomos. Quando fizemos a voltinha lá no alto, onde havia antigamente um mato cheio de macacos (há muito tempo um vizinho desmatou tudo lá e a macacada sumiu) e olhamos para o alto, onde ficava a casa, havia muita gente no terreiro de café – todos vestidos de branco. Embora ardesse de curiosidade, resolvi me calar.

Homero contava doze anos; eu era apenas um moleque. Ele disparou, com endereço certo, mas jogando interrogações ao vento: “Ele morreu, né, Madrinha?”. Ela, numa objetividade acuada, foi seca: “Morreu”. Quando chegamos, fomos para a sala: meu pai estava deitado no caixão. Imediatamente, olhei pela janela. Logo, à frente, no terreiro de café, onde não havia pasto nem manjedoura, sem qualquer motivo razoável, as vaquinhas se concentravam em grupo, como se também quisessem velar o cadáver de papai. Essa cena surreal, sob o véu da morte recente, ainda marca minhas memórias e inspiram uma divagação: o que as novilhas faziam lá? E para açular o mistério, Estrela, nossa preferida, estava prenha e logo deu à luz nosso primeiro bezerrinho.

Tenho poucas lembranças do meu pai. Sua voz, não reconheço; há raríssimos retratos. Lembro que era vascaíno e costumava falar muito sobre o Écio, que jogou no Vasco no final da década de 50, e hoje é um grande amigo meu. Nas horas de descanso, se sentava no alpendre – o olhar esgazeado, mirando o futuro incerto. Por companheiro, um radinho Mitsubishi de capa marrom a ecoar as peripécias do Super Vasco. Ele não se cansava de repetir: “Esse Écio é bom de bola; esse Écio é bom de bola”. O ex-jogador do time da Cruz de Malta escutava sempre esse comentário que reproduzi anos a fio na rádio Jovem Pan. Sentiu-se tocado também. Um dia, veio me agradecer o carinho, mas sou eu quem fica obrigado a ele. Valeu, Écio!





Milton Neves (pai), com os filhos, Milton e Homero, na Praça dos Andradas, em
Muzambinho

Sérgio Cabral encontrou com Écio

Essa se deu quando eu apresentava o *Canal 100*, em abril de 1994, na extinta TV Manchete. Embora contando com acervo primoroso da história do futebol no Brasil, o programa durou apenas seis meses. Num deles, seriam mostrados os jogos do Super Super Campeonato Carioca de 1958. Talvez o caso único no mundo de um certame duplamente super. Isso só era possível num tempo que não existe mais, quando o futebol singrava no amadorismo, e o calendário podia ser mais complacente.



O super super nada mais foi do que o segundo torneio de desempate em que se enfrentaram Vasco, Flamengo e Botafogo para ver quem levava o título de 1958. Na época, jogava-se em dois turnos, com pontos corridos. No campeonato “normal”, os três times empataram com 32 pontos. Na época, não havia, como hoje, critério de desempate. Não valiam número de vitórias, gols pró ou confronto direto. A “negra” decidia-se em campo. Sábia e sensacional decisão. No primeiro turno de desempate, o Vasco ganhou do Flamengo, que ganhou do Botafogo, que ganhou do Vasco. Houve a necessidade de um eletrizante segundo turno de desempate. No primeiro jogo, o time da Cruz de Malta ganhou de 2 a 1 do Botafogo. No segundo, Flamengo 2 x 2 Botafogo. Na terceira partida, a decisiva, o Vasco jogava pelo empate o Clássico das Multidões. Dito e feito: 1 a 1 no placar, para mais de 130 mil pagantes no Maracanã. Gols de Roberto Pinto, para o Vasco (13 minutos do segundo tempo), e Babá (Flamengo), aos 25 minutos do segundo tempo.

No jogão, o **Vasco** formou com Miguel (nota 8), Paulinho (10), Belini (9), Orlando (8) e Coronel (8); Écio (8), Valdemar (9) e Sabará (9); Almir (9), Roberto Pinto (10) e Pinga (9); **Flamengo**: Fernando (8); Joubert

(8), Pavão (9), Jadir (8) e Jordan (8); Moacir (8), Dequinha (8) e Babá (9); Luís Carlos (8), Henrique (9) e Dida (8). As notas dos jogadores foram dadas pelo grande jornalista Ney Bianchi, de a *Manchete Esportiva*.

Enfim, era a partida decisiva que estava agendada para exibirmos naquele dia. Como envolvia o Vasco da Gama, o convidado do programa foi Sérgio Cabral, pai, que, além de outros atributos intelectuais, é vascaíno doente. No mesmo dia, recebemos a visita de um jogador do Vasco que participara daquela decisão e comentaria a partida junto com Cabral, que, aliás, estava atrasadíssimo. A querida TV Manchete passava por problemas sérios. Não dispúnhamos de muito tempo de gravação, pois o estúdio seria ocupado por vários outros programas.

Esbaforido, gordo, suado, amarrotado, com paletó na mão, camisa saindo e apressado nas desculpas, Cabral chegou falando de complicações que teve na ponte-aérea, mas insistia em fazer a gravação.

Realizadas as devidas apresentações, envolvendo o saudoso diretor Roberto Jorge, os assessores Edu Zebini e Mário Quaranta, Cabral olhou ressabiado para o jogador e lhe perguntou para qual time havia jogado. O sujeito respondeu de pronto: “No Vasco, ‘seu’ Cabral”. Cabral continuava a fitá-lo sem reconhecê-lo: “Você é o goleiro Miguel?”, “Paulinho?”, “Belini?”, “Coronel?”, “Sabará?”, “Almir?”, “Delém?”, “Vavá?”, “Roberto Peniche?”, “Valdemar?”, “Roberto Pinto?”. Todas as tentativas receberam a negativa zombeteira do jogador.

Não me aguentei e intervim na conversa, alertando-o sobre o seu lapso em uma das posições: “O senhor, mestre, pulou o médio-volante”. Cabral caiu em si, embasbacado e gaguejante: “É o Écio, é o Écio!!! Há quantos anos não te vejo!!!!”. Emocionado, foi desfiando as peripécias da carreira do craque, dentro e fora do gramado. Dentre elas, o fato de Écio ter estrelado a poderosa capa da revista *O Cruzeiro*, após ter vencido a competição do jogador mais bonito do Brasil, quando suplantou, ninguém mais, ninguém menos, que Gylmar dos Santos Neves e Hideraldo Luis Bellini.

Um emocionado Cabral se debulhou em lágrimas com o volante Écio Capovilla em seus braços. Confesso que nunca vi alguém chorar tanto

diante de um ídolo do passado. O mesmo Écio a quem meu pai não se cansava de elogiar. Fiquei ainda mais fã do velho vascaíno Cabral.





Com Fiori Giglioti, o moooooço de Barra Bonita, na Aceesp, por ocasião da posse de Aroldo Chiorino, de quem Milton Neves foi vice-presidente

O futebol na minha infância

Não posso separar minha infância do futebol. Aliás, minha vida se fez falando de bola. É verdade que, como todo o garoto, sonhava ser jogador.

Mas muito cedo descobri que não tinha habilidade nenhuma. Se nos campos era uma negação, ao menos podia fantasiar o futebol que chegava até mim pelas ondas do rádio, um rádio gaiola que pertencia à “vó” Beatriz. Minha primeira lembrança do som de um jogo de futebol é de uma partida do Santos – vejam só que coincidência... Será a memória seletiva? E afirmo que todo episódio foi meio accidental, quer dizer, foi de passagem que escutei os balbucios acelerados saindo daquela caixa mágica. Devia contar uns sete anos, pois vinha de chegar em casa, direto do Grupo Escolar Cesário Coimbra.

Na casa em que morávamos, como era costume em todo o interior do Brasil, havia um quarto dedicado ao aparelho de rádio – no nosso caso, chamávamos de Sala do Rádio, numa reverência de altar. Funcionava como uma espécie de praça de coreto, em que o lugar altaneiro era ocupado pelo objeto de desejo, e em torno do qual se dispunham algumas cadeiras para o povo se sentar enquanto escutava as transmissões. Embora fosse bem mais acessível do que a tevê – raríssima na década de 50 –, para as famílias remediadas, a aquisição do rádio também exigia certa ginástica financeira.

Anos mais tarde, já adolescente, enchi a paciência de minha tia para que me comprasse um rádio GE, envolto numa capa de couro cor de café com leite, que namorava diariamente na vitrine da loja do Mazzili. Seria a forra contra meu primo Luis Carlos, corintiano doente, que não me deixava escutar seu rádio, um potente Pioneer (que, em Muzambinho, pronunciávamos como se lê “pionéer”,

com o erre puxado). Num Santos e Corinthians, eu e meu amigo João Mula fomos à casa do primo para não perder um só lance do jogo. E como era de costume na década de 1960, Pelé foi logo fazendo dois gols em cima do Timão, despertando a ira do meu primo. De uma só tacada, ele nos expulsou de casa. Saímos enxotados, porém contentes, vibrando com mais uma vitória do Santos.

Como se vê, era urgente que eu tivesse um rádio só meu para saciar minha paixão pelo Santos e evitar saias-justas como aquela. A cada dia que passava, minha angústia aumentava: temia perder o aparelho para algum consumidor concorrente. Até que, finalmente, minha tia abriu um crediário, assinou nota promissória, se enforcou ainda mais e me deu o presente. O radinho, que eu deixava numa prateleira em cima da minha cama, me acompanhou por muitos anos. Me desfiz dele numa de minhas mudanças em São Paulo, já na década de 1970. Foi uma decisão estúpida, da qual me arrependo profundamente. Brinco que aquele rádio GE foi a maior universidade esportiva da minha vida.

Mas, sem perder o fio da meada, naquela tarde perdida na década de 1950, ouvi a bulha atordoante do *speaker* Geraldo José de Almeida, então na Rádio Record, quando passava apressado pela porta da Sala do Rádio, rumo ao quintal, onde a jabuticabeira me esperava carregada. Aquele movimento chamou minha atenção: meu primo Humberto e um colega dele, chamado Milton Vanius de Almeida Lima, o Milton Coloro, se torciam, nervosos, ouvindo a transmissão. Tratava-se, nada mais, nada menos do Santos e Palmeiras que decidiu o Super Campeonato de 1959, (infelizmente) vencido pelo Alviverde, por 2 a 1. Ambos estavam tão envolvidos com a partida que interrompi meu caminho para olhar a apreensão alheia. Daquele emaranhado de nomes “metralhados” pelo locutor, um jogador em especial me chamou a atenção: Pagão. Na hora, perguntei aos fanáticos para quem jogava o tal Pagão... “Santos”, me responderam em uníssono (pensando bem, um grande paradoxo).

No universo religioso de Muzambinho, nada poderia ser mais atemorizador para um menininho do que morrer pagão. Ainda mais quando a ameaça atroava das prédicas do pároco da cidade, o frei holandês Rafael Zeenhoveen, torcedor do Botafogo, dono de uma silhueta portentosa de quase 1,90m. A bem da verdade, nosso padre era um visionário, um homem além de seu tempo. Anteviu a corrupção generalizada dos prefeitos, denunciada semanalmente a partir do púlpito da igreja matriz. Aos domingos de manhã, dia do sermão principal da semana, frei Rafael pregava, numa paciente elaboração, que morrer pagão não era

um bom negócio. No final das contas, me tornei santista porque Pagão ostentava a gloriosa camisa imaculada. Tremendo de medo de morrer pagão, assustado com a brabeza de frei Rafael, não me restou alternativa que não fosse torcer para o Santos.

O futebol enraizou-se em mim sem qualquer imagem. Só com som. Eu não vi futebol; eu *ouvi* futebol. Nos meus delírios infantis, supunha que meus ídolos eram gigantes “armagedônicos”. Para mim, Pagão representava um deus de dez metros de altura. O centro-avante foi o único que entendeu a genialidade e antevisão de Pelé. Foi ele quem criou a famosa tabelinha com o gênio. Enxergava as gradações, imperceptíveis aos demais, da trama que Pelé fazia em campo. Demorou para que eu descobrisse que Pagão era, em carne e osso, um homem de físico minguado.

Pelo rádio escutava meus grandes ídolos – não aqueles com a bola no pé – mas os que empunhavam o microfone, trazendo para aquele “sertão” um pedaço da fantasia do melhor futebol do mundo. Geraldo José de Bretas, Pedro Luiz, Haroldo Fernandes, Jorge Cury e, principalmente, Fiori Giglioti, minha grande inspiração, dono de uma voz bastante heterodoxa para os padrões daquele tempo, mas que marcou época na locução esportiva. Como já disse, minha aspiração mais utópica era trabalhar na Rádio Bandeirantes para escutá-lo dizer meu nome naquele timbre inesquecível: “Agora, Milton Neves, o mooooooço de Muzambinho...”. O som das emissoras paulistas chegava límpido no Sul de Minas. Não havia muitas rádios regionais, o que garantia o trânsito desimpedido das ondas, mesmo em AM. Pois então, desde criança ouvia todos os programas de rádio, sabia de cor a programação, os “reclames”, que até hoje posso repetir. Também me correspondia com as emissoras através de cartas, nas promoções que então havia. A Tupi, por exemplo, respondia as missivas enviadas com uma tabelinha do campeonato ou com um retrato do time do coração dos ouvintes; a Bandeirantes e a Tupi anunciavam no ar os aniversariantes. No meu dia, ficava angustiado ao lado do aparelho, esperando que pronunciassem meu nome...

Mas nem só dos times de São Paulo vivia o futebol de Muzambinho. Na cidade, havia um time de futebol semiprofissional, o Bandeirante, que costumava pelear contra outros esquadões da região – o Comércio Esporte Clube se mostrava um adversário valente, apesar de tecnicamente inferior: era considerado o time dos pobres. Sem dinheiro para frequentar o minúsculo estádio Professor Antônio Milhão, assistia aos jogos, sentado no muro da casa da costureira Marta

Borges, amiga da família. Com olhar de pidão, invariavelmente convencia o porteiro “seo” Bruno Galinheiro a me deixar entrar para o segundo tempo. Misturado aos 1.500 torcedores, lotação máxima do estádio, fiz de Muzambinho meu primeiro mundo futebolístico. Até hoje, guardo na lembrança os nomes dos craques da cidade que se digladiavam nas pelepas varzeanas. Entre outros, “desfilavam” Pedrinho de Monte Belo, Candóca, Camila, Fominha, Cavadeira, Corote, Ivan Surdão, Cuiabano, Tente e Tôti.

SANTOS F.C.
25-3-68
AMPG

CEPSAM

Professor Salatiel de Almeida
Colégio Estadual de Muzambinho - Minas



10

CEPSAM

10 EB - mº

Aluno Milton Neves Filho
Matéria Biologia - Prof.
Professor Dr. Antenor Costa

S.F.C.

CADERNO ESCOLAR PARA FINS DIDATICOS





Caderno de Milton Neves, onde “compunha” a escalação do time do Santos

Supercampeonato paulista de 1959

Da mesma forma que no Rio de Janeiro, em 1958, o campeonato paulista de 1959 terminou empatado com Palmeiras e Santos na liderança com 67 pontos. A decisão do título, portanto, foi marcada para um torneio melhor de quatro pontos. Os dois primeiros jogos terminaram empatados (1 a 1 e 2 a 2). Na partida final, marcada para 10 de janeiro de 1960, o Palmeiras meteu 2 a 1, de virada, conquistando o título depois de sete anos. Os gols foram marcados por Pelé, aos 14 minutos do primeiro tempo; Julinho Botelho, aos 43; e Romeiro, aos três minutos da segunda etapa. Aquele campeonato marcou o último ano que o Nacional e o Comercial (da capital) disputaram a primeira divisão do Paulistão.

O **Palmeiras** entrou em campo com Valdir de Moraes; Djalma Santos, Valdemar Carabina, Aldemar e Geraldo Scotto; Zequinha e Chinesinho; Julinho Botelho, Américo Murolo, Romeiro e Nardo.

Técnico: Osvaldo Brandão.

E o **Santos** com Laércio; Urubatão, Getúlio e Dalmo; Formiga e Zito; Dorval, Jair Rosa Pinto, Pagão, Pelé e Pepe.

Técnico: Lula.



O dono da bola

Hoje, a bola é maravilhosa, leve, enfrenta chuva, barro, umidade, o que quiser, sem se deformar, sem encharcar. Antigamente, não. A redonda era de capotão, horrível. Procedimento muito comum era o de se interromper uma partida para ensebar a menina, a fim de se evitar que a água *charcasse* o coro, como se dizia no jargão do interior.

A bola era um objeto caro e raro. Assim, consistia em condição *sine qua non* o dono da bola jogar. Em Muzambinho, o “proprietário” da preciosidade era o becão Eurípedes Pires, ruim para o diabo. Ele era dono do Bazar Pires, onde também se vendia material esportivo. Quando o técnico o tirava do jogo ou desconfiava que o juiz estivesse roubando seu time, pegava sua princesa e ia embora. Eurípedes é pai do publicitário Alan França Pires, do Yahoo, valor revelado pelo terceirotempo.com.br.



Corote e Cavadeira

Pois, para ficarmos no esporte bretão, em Muzambinho desfilava pelos campos emburacados um jogador chamado Corote – de batismo, Adolfo Vieira –, filho de dona “Virgínia da Venda”, portuguesa legítima. Tratava-se de um jogador extraordinário, tanto que jogou em São José do Rio Pardo, Guaxupé, Alfenas e Poços de Caldas. Era um jogador forte, troncudo e baixo, no estilo do Puskás. Era meia-armador, batia falta, fazia lançamentos milimétricos, jogou futebol como ninguém até os 49 anos. Toda vez que vinha time do Rio de Janeiro jogar na região, o Corote, de Muzambinho, o Dedém, de Cabo Verde, e o Pachá, de Guaxupé, enxertavam a esquadra desafiante.

Todos ficavam maravilhados com a performance de Corote, até mesmo os grandes do Rio de Janeiro. Botafogo, Fluminense, Flamengo e Vasco tentaram levar embora o jogador, mas dona Virgínia não deixava. O Rio era muito perigoso, havia muitas mulheres na noite, muito assassinato, alegava.

Corote era funcionário da escola Agrotécnica de Muzambinho (hoje Universidade Agrícola de Muzambinho), inaugurada em 1953 por Getúlio Vargas. Ele jogava tanto que sua fama chegou aos ouvidos do ex-presidente do São Paulo, José Douglas Dallora. Dallora é de Guaxupé, dentista formado na Universidade de Odontologia de Alfenas. Certa vez, numa entrevista que me concedeu na Jovem Pan, ele contou uma história fantástica do seu tempo de estudante.

No caminho de Guaxupé para Alfenas, passava-se por Muzambinho. Estrada de terra, doída de ruim, não raro, o ônibus emperrava. Uma vez, impossibilitado de seguir viagem, decidiu assistir a uma peleja na cidade e teve a chance de ver ao vivo o jogo de Corote, então com uns 18 anos. Segundo seu relato, tratava-se de um assombro. “Era jogador de Seleção Brasileira – um craque”. Se tivesse ido para um time grande, como aconteceu com Tati, que foi de Guaxupé para o Palmeiras e, depois, Inter de Porto Alegre, Corote teria feito carreira brilhante até em Copas do Mundo.

Corote era um exímio lançador, melhor que Gérson, Didi, Rivellino e Zenon. Seus alvos preferidos eram os atacantes Ivã Surdão, Tente e Tôti e Cavadeira, este último, ponta-direita.

Cavadeira – de batismo, Américo Sérgio Montanari –, na boca só tinha as duas presas, daí o apelido. Entretanto, Cavadeira não fazia jus à habilidade do colega. Avisava sempre que não adiantava botar a bola no seu pé. Ele queria receber a redonda na... boca. A explicação para tamanho absurdo era singela, e até fazia certo sentido: ele “fisgaria” a bola e faria o gol de boca. Corote não entendia a possibilidade de o lance acontecer.

Mas a ciência explica: a bola de capotão normalmente estava muito gasta, tinha muito barro e dos gomos se despregavam umas barbelas. Aí que morava o macete: Cavadeira fisgaria a bola pela barbela e a levaria até o gol, segurando a bola no dente, contando com a precisão de suas presas.

Num domingo de maio de 1962, em pleno duríssimo clássico entre Muzambinho e Cruz Preta de Alfenas (que estava empatado em 0 a 0), Corote resolver anuir a exigência do ponta: lançou a bola exatamente em um dos três gomos onde tinha barbela, um couro solto, se oferecendo para Cavadeira, que fisgou a bola, foi desviando dos atônitos beques e entrou de bola e tudo na meta adversária. O gol foi confirmado. O Cruz Preta entrou com recurso na FMF, na CBF e até na FIFA, mas não adiantou nada: de boca vale, só não pode fazer com a mão.



E não é que esqueceram de marcar o lugar do jogo?

Outro personagem pernóstico de Muzambinho foi o Biga. Mas antes de introduzi-lo, vale lembrar a precariedade da telefonia no interior do Brasil naqueles idos. Como se verá, uma coisa tem a ver com a outra.

Como eu dizia, a telefonia no Sul de Minas Gerais era horrorosa. Uma ligação para Guaxupé, Juruaia, Guaranésia, Botelhos, enfim para qualquer lugar próximo ou distante de Muzambinho, demorava mais de seis horas.

Para fazer a bendita, era necessário ir ao centro telefônico, pedir à Dona Célia de Melo, cândida telefonista, que conectasse com o número desejado. Antes, preenchia-se um papel e ela registrava. Depois de horas, mandavam alguém avisar que a ligação estava pronta. Havia uns cinco meninos que serviam de mensageiros a correr para casa das pessoas avisando o sucesso da empreitada.

Agora o Biga: o tipo cuidava de um time chamado Comércio Esporte Clube, a equipe dos “pobres” de Muzambinho. O time rico era o Bandeirantes Futebol Clube, de Nilo Bortoloti e de Pedro Viola. Bortoloti era avô do Marcelo Bortoloti, repórter da sucursal carioca da *Folha de S. Paulo* e ex-repórter de *Veja*.

Mas um belo dia, Biga foi combinar um jogo com o time de Juruaia, vizinha de Muzambinho, e, hoje, uma das capitais brasileiras do lingerie... Para tanto, ele ligou para o Zé da Loja, já falecido, jogador e diretor do time daquela cidade.



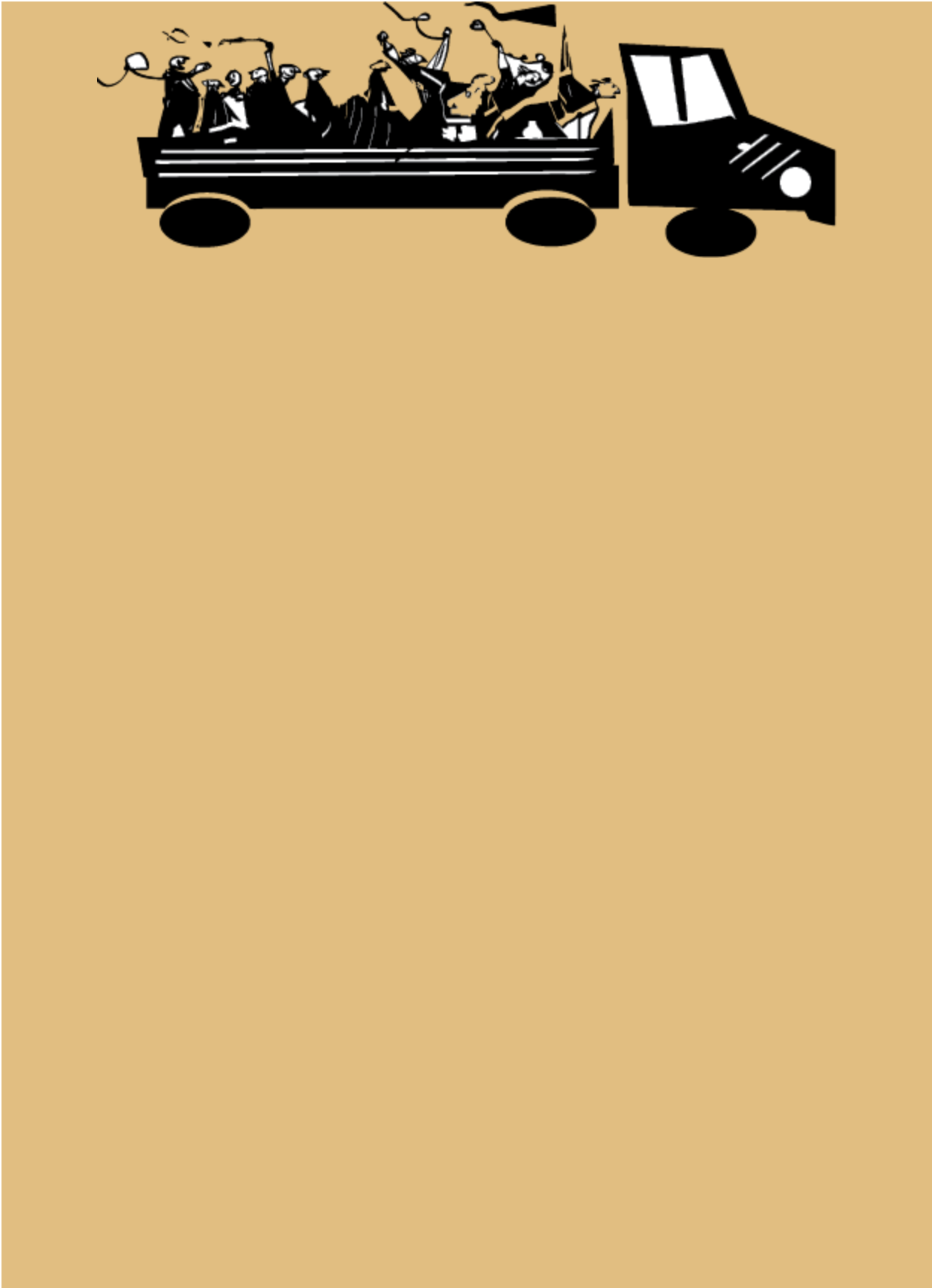
Biga, além de ser um jogador muito ruim, era técnico e diretor do Comércio Esporte Clube. Ademais, apresentava uma dificuldade enorme em articular uma conversa. Para piorar, a qualidade da conexão não ajudava. Os dois palestraram numa sexta-feira pela manhã e marcaram jogo para o domingo seguinte. Acertaram a peleja para às 15h30, com renda dividida. O trio de arbitragem seria escolhido na hora.

O jogo estava combinado. Até mandaram confeccionar o clássico cartaz na tipografia do Zé Inacarato. Como ensinava o Velho Guerreiro, quem não se comunica se trumbica. E, na época, o cartaz era o meio de comunicação por excelência. Por isso, pregaram cartazes na estação de trem, no Bar Majestic, na Sapataria do Camila, na lotérica do Lua, na rodoviária, no bar do Quinca, ou seja, nos lugares de maior aglomeração pública. Em Juruiaia, fizeram o mesmo.

No domingo de manhã, em cena hollywoodiana, apontou um caminhão no horizonte de Muzambinho. Tomava o destino do Estádio Professor Antônio Milhão e trazia, impávido, o time de Juruiaia, com os jogadores já devidamente fardados, comandado pelo do Zé da Loja.

A alguns quilômetros dali, no mesmíssimo horário, uma cena parelha se repetia: resfolegava pelas ruas da vizinha Juruiaia o caminhão com os bravos atletas do Comércio Esporte Clube, também vestidos de calção, camisa e chuteiras, como era a praxe.

Atendendo ao chamamento dos cartazes espalhados nas duas cidades, duas pequenas multidões de cerca de mil pessoas aguardavam com anseio o início dos prélios. Cada qual em seu estádio. Num poeirão danado, de faroeste, esses caminhões devem ter se cruzado no caminho. O fato é que o time de Muzambinho foi para Juruiaia, e o de Juruiaia foi para Muzambinho. O jogo não aconteceu “por falta de adversário”. Foi o único WO duplo da história do futebol mundial, porque os organizadores do amistoso se esqueceram “apenas” de definir o local do jogo.







Entrevistando Pelé, pela Jovem Pan, meados da década de 1980

Pagão foi o motivo que me inoculou a paixão pelo Santos. Mas Pelé, posso dizer sem erro, é a cereja do bolo. Para quem nasceu na década de 50 como eu, suas peripécias nas Copas de 1958 adquiriram status de mito. Mas, por outro lado, Pelé também era o ídolo da esquina, que se apresentava nos palcos humildes do interior de São Paulo, correndo atrás da redonda, judiado pelos campos carecas e pelos beques botinudos. A verdade é que Pelé estava à mão, e foi numa dessas ocasiões que o vi, ao vivo, pela primeira vez.

Eu tinha catorze anos. Enfrentavam-se pelo segundo turno do Campeonato Paulista de 1965 Santos e Comercial, o Leão do Norte (ou Bafo, para os íntimos...), no “lendário” estádio Palma Travassos, em Ribeirão Preto (o jogo terminou 2 a 0 para o Peixe, gols de Pelé e Dorval). Assistir ao jogo significava uma pequena peripécia, consideradas as condições da época. Combinou a aventura uma turma grande, que acertou o aluguel de uma Kombi. Cada qual pagaria uma cota.

Claro que minha tia foi contra: onde já se viu um menino mal saído dos cueiros se meter numa viagem perigosa daquelas? Mas a paixão falou mais alto, e insisti com a Madrinha: deixa, deixa, deixa. Meus parceiros santistas também arengaram até que ela cedesse, não sem antes ver-se obrigada a negociar um empréstimo para bancar minha jornada, que deve ter custado, em valores de hoje, uns 50 reais. Era um dinheiro minguado, suficiente para que o “menino” pudesse cumprir com sua parte no aluguel da Kombi, a gasolina, a entrada no estádio e também um almoço ou um café ralo com pãozinho, quem sabe *barrado* na manteiga. Espremidos na Kombi alugada estavam, entre as dez ou doze pessoas, Amintas, goleiro falecido recentemente; Moisés, que alugou o veículo, Mauro

Chame, já falecido, que veio a ser o irmão da minha sogra, o Biga, que também mora no céu, Greninho, de Monte Belo, Glênio Lambari, João Ferpudo, Marcio Pavão e Zé Tarzan.

Durante a partida, fiquei grudado no alambrado com meu radinho de pilhas GE de capa marrom. O estádio estava apinhado. Eu nunca tinha visto tanta gente junta. E minha atenção se desviava do campo para mirar a parte superior da plateia. Por que eu olhava para cima? Empoleirado na cabine acanhada, narrava a peleja Fiori Giglioti. Digo sempre que, guardadas as devidas proporções, naquele dia me deleitei com dois Pelés – um no campo e outro na cabine.

Mas houve um momento na partida em que a bola foi espirrada na lateral. Pelé se aproximou suado, como que se flutuasse na sua divindade. Pelé então se abaixou, pegou rapidamente a bola e deu uma olhadinha instintiva para o alambrado. Coisa de milésimo de segundo... Eu estava lá, espremido. Dentre os muitos olhares embasbacados pelo Rei, estava o meu, que cruzou com o do craque durante aquele átimo. Eu vi o Pelé em campo. E, de perto, presenciei o ídolo por cerca de um ou dois ciscos de segundos. Poderá alguém objetar que fui ingênuo, mas confesso: ainda acalento a doce ilusão de que eu e Pelé havíamos cruzado nossos olhares no calor do estádio. À noite, no caminho de volta para Muzambinho, durante aquelas horas de viagem, fiquei sonhando com o rosto suado, tenso e apressado do Rei. “Será que ele me viu mesmo?”, vibrava nos meus pensamentos.

Comercial 0 x 2 Santos

Local: Estádio Francisco de Palma Travassos, em Ribeirão Preto.

Árbitro: José Teixeira de Carvalho.

Renda: Cr\$ 24.158.500,00

Comercial: Rosã; Ferreira, Jorge, Piter e Nonô; Amauri e Carlos Cesar; Luis, Paulo Bim, Jair Bala e Ari.

Técnico: Alfredo Sampaio.

Santos: Gilmar; Carlos Alberto, Mauro, Orlando e Geraldino; Joel e Lima; Dorval, Toninho Guerreiro, Pelé e Pepe.

Técnico: Luis Alonso Peres, “Lula”.

Gols: Pelé (pênalti, 42-1) e Dorval (7-2).



O ídolo primeiro: nunca ninguém falou tantas vezes e com tamanha admiração a palavra
Pelé

Pelé e eu

Eu afirmo com categoria: no mundo e em todos os tempos, sou o sujeito que mais falou o nome do Pelé, a palavra Pelé. Guardo também uma vasta coleção de fotos dele, algumas inéditas que só eu tenho, tanto que, orgulhosamente, cedi algumas delas para ornamentar o meu museu. Sou também o primeiro “mortal” com quem Pelé dividiu um comercial. Isso por volta dos anos 90, quando a Imobiliária Trabulsi nos contratou para o lançamento de apartamentos de um dormitório que seriam construídos em São Vicente, no litoral de São Paulo.

As gravações do “reclame” eram externas, na praia. No dia marcado, choveu. Cancelaram a filmagem. No dia seguinte, a mesma coisa. Pelé ficou meio puto. Avisou que teríamos que gravar na marra, já que estava de viagem marcada para Hong Kong.

Era inverno e fazia frio. No litoral, com temperatura baixa e garoa, não sai viv’alma na rua. Mas se até guerra o Pelé parou, ele não vai espantar friagem? Foi só o primeiro popular reconhecer o Rei que começou a juntar gente. Em quarenta minutos, com um pouco de exagero (a gente sempre apimenta), havia um povaréu de umas dez mil pessoas. A imobiliária não previra segurança e o pessoal foi se aglomerando, sendo contido pela boa vontade de alguns salva-vidas que estavam por ali.

Mais para o final da gravação, um carteiro passou por trás da turma, com aquela roupa amarela chamativa que só ela, subiu numa pilastra e gritou: “Milton Neves, quem é esse negão do seu lado?”. A gargalhada foi geral...







Em São Vicente, durante a gravação de um comercial para uma imobiliária. O perfeccionismo do Rei era tamanho que ele ensinou para Milton Neves o jeito certo de correr para não fazer feio a seu lado





Mestre de cerimônias em Muzambinho, em 1968, no Clube Recreativo. Atrás, os saudosos Rui “Zulu” Ernesto e Áureo Augusto

Adolescência: meu primeiro microfone

O futebol, como se viu, passou a fazer parte integrante da minha vida: respirava-o pelo rádio, decorava-o pelas páginas da *Gazeta Esportiva*, cuja assinatura *meiava* com Ivonaldo Vieira “do Banco” (na verdade, ele bancava 99% do valor) e, mesmo no Grupo Escolar, apesar de bom aluno, devaneava, rabiscando nos cadernos de Matemática, História e Inglês, a escalação daqueles esportes mágicos e o escudo do glorioso Santos Futebol Clube. Hábito esse que me acompanhou durante o ginásio, o colegial e até, vejam vocês, nos bancos da Faculdade Objetivo.

Ainda assim, a perspectiva de fazer do futebol meu ganha-pão era tão remota quanto a de virar astronauta. Em Muzambinho, o futuro se materializava num bom emprego público, na Petrobras ou no Banco do Brasil; no máximo, para os mais abastados ou intelectualmente avantajados, um ofício mais nobilitado a ser exercido em Belo Horizonte, São Paulo ou Rio de Janeiro: Medicina, Odontologia, Direito. Entretanto, era o rumo mais humilde que minha vida tomava na adolescência.

Ainda mais que, adolescente, me tornei um rapaz meio macambúzio, entristecido – reservado, por assim dizer. Havia muita pressão sobre os jovens. E, confesso, eu não me via dotado de qualquer habilidade em particular: órfão de pai, sem posses, sem casa bonita, uma nulidade esportiva, um péssimo pé-de-valsa, não arranhava nenhum instrumento, o que me impedia, inclusive, de participar da Fanfarra do Delega.

Aliás, o Delega e sua fanfarra merecem um parágrafo à parte, uma vez que, a exemplo de uma fotografia esquecida na gaveta, reforçam o sépia de um tempo

que nos parece mais distante do que os cinquenta anos que efetivamente se passaram.

Marcio Vieira Gomes era soldado da Polícia Militar. Casado com d. Zilda, assumiu o cargo de delegado após se aposentar, donde deriva seu apelido. Em Muzambinho, dado a seus dotes militares, se tornou também professor de Educação Física, posto a partir do qual arrancava o couro da molecada. Sua filosofia ensinava que a disciplina física era tão importante quanto os predicados intelectuais.

Delega tinha outras paixões: adorava um jogo de baralho e queimava o pulmão com os indefectíveis Lincoln, sem filtro. Mas, no fundo, se derretia mesmo pelo Vasco de 1929. O orgulho pelo time da Colina era tamanho que ele escambava com a molecada a escalação do escrete sensação em troca da dispensa da aula de “física”, como se dizia na época. Muito desafeito a exercícios de qualquer natureza (burramente!), e amante incondicional do futebol, eu logo decorei o onze vascaíno, que formava com Jaguaré, Brilhante e Itália; Tinoco, Fausto e Mola; Russinho, Pascoal, 84, Mario Matos e Santana.

Além de organizar a fanfarra, o Delega era técnico dos times de futsal e futebol de campo do Colégio Estadual Salatiel de Almeida nos épicos confrontos contra os alunos da Escola Agrotécnica. Naquela beirada de fim de mundo, para os moleques de Muzambinho, cevados de hormônio, o primeiro sabor da vida adulta se sentia no amargo da cerveja, no travo do cigarro e nas disputas contra os rivais da Agrotécnica. Nós, bugres, filhos da terra; eles, viajados, oriundos de várias partes do Brasil.

E a luta que avultava era assimétrica: como equilibrar os poucos recursos municipais com o orçamento federal que forrava a Agrotécnica? Se no material humano, a disputa podia se equilibrar na base do brio muzambinhense, no que concerne os bens materiais, a competição se mostrava injusta. Principalmente quando o assunto era a fanfarra. A nossa, bravamente regida pelo Delega, capengava com instrumentos velhos e alquebrados; a deles, reluzia com taróis, pratos, bumbos, tubas e toda a parafernália estalando de nova.

Resultado: o espírito vira-lata se abatia sobre os meninos de Muzambinho. Perdíamos na bola, na música e no galanteio, uma vez que as moças locais, em plena puberdade, se ouriçavam com a corte novidadeira dos meninos de fora. A nós, restava roer o osso...

Para mim, a derrota era mais doída. Eu, a imagem escarrada do “João Bosta”. Minha primeira namorada, Maura Alves, atualmente dentista na região do ABC,

me largou por insistência do pai, o fazendeiro Vitor Alves, que não enxergava no possível futuro genro, em seus verdoengos 17 anos, um arrimo promissor.

Ainda por cima, engordei na puberdade, a ponto de ter sido alcunhado de Milton Bolão – Mirtinho Bolão, segundo o sotaque local. Os quilos a mais foram cevados por doses cavaleares de Emulsão de Scott, à base de fígado de bacalhau, elixir que nauseou um sem-número de crianças nos anos 60 (até hoje a lembrança do gosto me enjoa). Sem falso drama, a mim restaria, pelo resto da vida, enfrentar o tédio muzambinhense, sem dinheiro ou namorada, até encontrar um emprego decente, mas modesto.

E foi justamente quando atravessava esse compasso sensaborão que fui apanhado por uma das grandes coincidências que vieram a mudar minha vida: o dia em que empunhei meu primeiro microfone. O fato incidental, quase absurdo, merece um preâmbulo “sociológico”, por assim dizer, principalmente pensando nos meus leitores mais jovens que nunca ouviram falar do *footing*, uma verdadeira instituição do interior brasileiro do século passado (e o tempo paaaaaassa, diria Fiori Giglioti). Sem a sofisticação do estrangeirismo, em Muzambinho denominávamos a prática de “passeio”, que os janotas da capital conhecem por calçada. Mas o princípio é o mesmo.

Nas cidades miúdas da nossa “hinterlândia”, não havia muito para se fazer: cinema, baralho, futebol e jogar prosa fora. Ao contrário dos dias de hoje, os encontros amorosos eram tímidos, pudicos, quase envergonhados: namorava-se à distância, sob supervisão familiar, no portão. Os flertes, bastante discretos, eram iniciados durante o tal do *footing*. Em Muzambinho, o ritual tinha lugar na avenida Avenida Doutor Américo Luz: de um lado da calçada caminhavam os rapazes; pelo outro lado, em sentido oposto, desfilavam as moças. No fim do logradouro, a passeata recomeçava – homens vindo, mulheres indo. Nesse vaivém, olhares discretos se cruzavam, noivados eram semeados e mesmo futuros casamentos ensaiados. Na cidade, o movimento fervia, principalmente, às quintas-feiras à noite e aos sábados, quando havia sessão no Cinema do Hugo. O Cinema do Hugo, aliás, foi o único cinema do mundo que suspendia, das sessões seguintes, os meninos que se comportavam mal. Era a suspensão dos capetas!

Pois, foi numa noite de cinema, em meados da década de 1960, que deixando a sessão mais cedo, eu e mais dois amigos – Beto do Correio e Roberto Gaspar – seguimos pela avenida no embalo do *footing*. Quando passávamos diante do Cinema da Irma, desativado àquela altura, uma das portas se abriu e de lá saiu um cara esbaforido, fumando um Lincoln sem filtro. Benedito Dino era seu nome.

Posso parecer pedante, mas nesse momento Deus apontou para mim. Meu destino estava traçado. E vou explicar por quê. De cigarro na boca, ele me chamou: “*Mirtinho*, vem cá, vem cá...”. Esse foi o mais potente chamado que recebi na vida.

Dito Dino estava armado de um microfone, daqueles minguadinhos. O cenário meio mambembe era todo improvisado: uma pilha de tijolos e um resto de porta atravessado, fazendo as vezes de mesa. Havia também um emaranhado de fios e um amplificador. Estavam montando o aparato sonoro que anunciaria a quermesse a ser realizada na cidade no fim de semana: o famoso teste do “alô, alô, um, dois, três”. A coincidência reside aí: por que eu? Qualquer um poderia ter sido escolhido para proeza tão irrisória. Afinal, perambulava pela praça o povaréu de Muzambinho; em minha companhia, caminhavam mais dois colegas. Então repito, por que Dito Dino abriu a portona do cinema justamente no momento em que eu passava? Por que, em meio à barafunda da noite de cinema, ele apontou o dedo para mim e me elegeu?

Não posso negar que fiquei meio sem jeito: afinal, não tinha a menor ideia do que dizer ao microfone. Por fim, li o cartaz que anunciava a festa: “Vamos ajudar a reformar a Igreja de São José. A quermesse vai ser boa, etc., etc.”. Quando terminei o texto, entreguei o microfone como se fosse uma cobra. Queria ficar logo livre daquilo. Todo o episódio não durou mais do que um minuto e meio.

Nós três, então, voltamos à nossa trivialidade interiorana quando um deles comentou: “É, *Mirtinho*, você tem voz boa, hein?”. Qualidade confirmada prontamente pelo outro. Eu repliquei: “Ah, que voz boa nada”. Mais alguns passos, e a mesma ladainha, dessa vez da parte de três garotas: “Ei, *Mirtinho*, você fala bem mesmo, parabéns!”. Resultado: fiquei todo “metidão”. Seria mesmo verdade? Ou o pessoal estava me caçoando? Voltei ao cinema desativado. Me deu comichão de falar mais um pouco, mas a ousadia foi prontamente denegada. Lembro como se fosse hoje: nos alto-falantes estava tocando *Oferenda*, de Altemar Dutra. Na minha mineirice, insisti e insisti. Ao término da canção, Dito Dino, a contragosto, me passou o microfone. Não me fiz de rogado, armei bem a panca, empostei a voz e caprichei com toda a minha inocência: “Vamos ajudar a nossa igreja, vamos comprar os ingressos para a quermesse, pois terá leilão de frango cheio, leitoa, de meia leitoa, leitoa inteira, compareçam”. Por incrível que pareça, recebi ainda mais elogios. Essa é a história do início da minha carreira: uma grande zebra, uma grande coincidência... divina.

Depois dessa experiência, tive outros contatos fugazes com o microfone. Fui contratado como Mestre de Cerimônia de alguns (raros) eventos, em que apresentava Sessões Literárias e bailes de formatura. Minha primeira incursão “profissional” numa rádio se deu algum tempo depois, na indefectível Continental de Muzambinho.

No ano de 1967, em vista da inexistência de uma emissora local, um grupo de amigos – Benedito Dino, Paulo Ferreira de Carvalho, William Peres Lemos e Zé Antonio Araújo, que trabalhou na Rádio Continental do Rio de Janeiro – resolveu montar uma rádio, a Rádio Continental, que funcionava na clandestinidade, pois não tinha concessão para ir ao ar. A emissora foi muito importante na região, com uma audiência extraordinária entre 1967 e 1969 (quando foi fechada), influenciando até no resultado das eleições locais. Essa rádio revelou alguns expoentes da comunicação brasileira: além deste que vos escreve, modéstia à parte; começou a carreira na Rádio Continental Wellington de Oliveira, que já fez até telejornal na Rede Globo, e, hoje, é um dos grandes mestres de cerimônia do país.

Empunhando o “potente” microfone, fiz minha voz se tornar conhecida na cidade. Com alguns meses de “trabalho”, passei a angariar alguma fama, por assim dizer. Disso eu dou um bom exemplo. Em 1967, na principal gincana de Muzambinho, entre as tradicionais equipes Azul e Vermelho, assumi o comando da primeira. A disputa se dava através de várias provas, inclusive uma competição entre locutores, valendo 50 pontos contra 10 pontos para outras modalidades. Era o mesmo esquema de “cidade contra cidade” do Silvio Santos. A equipe Vermelha levou Wellington Oliveira para me enfrentar. Ambos éramos locutores da Continental e a rixa se transferiu para a gincana.

Disputa com 80 anos de tradição, a gincana lotou a sala do cinema para o embate de locutores, quando o placar indicava 5 a 5. Venci Wellington na leitura de texto recortado na hora do jornal. Foi, sem dúvida, uma das maiores alegrias da minha carreira.

Apesar do “sucesso” inicial (talvez o ápice da minha carreira eram as transmissões da corrida de São Silvestre de Muzambinho, acompanhando os atletas de dentro do velho DKW Vemag, dirigido por Walter Cipriani Jr., filho do diretor do colégio da cidade), enfrentava resistências daqueles que não acreditavam na rádio local. Um deles era o hoje meu sogro, Hélio Magnoni, o Bibi, dono do Bar Pinguim, que ficava ao lado da emissora. Ali fazia minhas refeições rápidas (eufemismo para coxinha e guaraná), no intervalo dos programas.

Numa tarde de 1967, entrei no bar onde Bibi ouvia Hélió Ribeiro e seu *Poder da Mensagem*. Encontrei o amigo Alencar Bernardes, que elogiou meu trabalho e sugeriu não empostar a voz. Foi o primeiro sábio conselho que recebi em minha carreira. Meu sogro, porém, desdenhou, dizendo que não ouvia “aquela rádio de bosta” de Muzambinho e jamais a trocaria pela Bandeirantes e seus locutores famosos. Eu também os tinha como ídolos e, mostrando uma segurança (um pouco temerária, confesso) emendei: “Um dia vou trabalhar na Bandeirantes”. Quando conseguiu parar de rir, minutos e minutos depois, Bibi troçou: “só se fosse para limpar a privada”. Sempre digo que gosto de frase feita (mas desde que seja frase bem feita): para meu sogro dedico aquela que diz que o “tempo é senhor da razão”.

Nessa época, já havia decidido seguir a carreira atrás do microfone. Apesar de bom aluno no curso científico, o professor Roberto Bianchi, de Química, alertava a tia Antônia que eu já não me concentrava mais nas aulas. À Madrinha, comuniquei, então, minha decisão. Ela foi se acostumando com a ideia de ter o sobrinho radialista.

O meu debute de carreira, entretanto, mostrou-se malfadado. Durou menos que os quinze minutos regulamentares do intervalo de um jogo. A maldita política... Deu-se que pelo final dos anos 60, numa eleição municipal, em plena ditadura, o quarteto proprietário da rádio resolveu apoiar o candidato da oposição. Resultado: uma denúncia anônima bateu no ouvido dos agentes do DENTEL, a agência federal responsável pela regulação das emissoras de rádio. E sobrou para o pato aqui... Conto como foi.

Rádio clandestina, modesta, o sujeito tem que se virar. Moleque novo, eu era pau para toda obra. Pelas manhãs, fazia as vezes de DJ, o famoso discotecário, no léxico do interior. Numa quarta-feira, chegam três homens engravatados com uma pasta grande: os fiscais do DENTEL. Numa ironia do destino, naquele exato instante tocava *Mi Viejo*, com Piero, a última música discotecada pela Continental. Já chegaram perguntando sobre o bendito cristal, que é aparelho-chave, responsável pela transmissão. Nunca mais a rádio entrou no ar.



Adolescente, em Muzambinho (agachado, à esquerda)



Diante do portão da extinta Rádio Continental, em Muzambinho, onde antes funcionara o cinema da Irma. Essa porta abriu caminho na vida de Milton Neves

Vai cagar, Carlinho!

Nas rádios AM atuais, ao contrário das FM's, quem liga e desliga o microfone dos locutores é o operador. Em Muzambinho, lá nos idos de guaraná com rolha, quando iniciei minha carreira, também eram os operadores que manejavam o equipamento, acionando o botão. Só quando havia microfone de chavinha no estúdio, a incumbência ficava para o próprio locutor.

Eu suava o couro na Rádio Continental, contribuindo para o desenvolvimento da comunicação sul-mineira. Num sábado daquele mesmo ano, os quatro proprietários da rádio estavam radiantes, pois haviam adquirido equipamentos novos em Poços de Caldas, os quais seriam estreados naquele mesmo dia. A modernização aportara em Muzambinho... para a minha desgraça. Inexperiente, não gozava do devido entrosamento com o operador.

Aquele dia, quem estava na mesa de som era o Carlos Miguel Araújo, popular “Carlinho Boca de Véia”, que nas horas vagas jogava de médio-volante no time da cidade e atualmente usufrui da merecida aposentadoria como ex-funcionário da Petrobras, em Campinas. Naquele dia especial, a diretoria da rádio parava as pessoas no “centro nervoso” de Muzambinho, representado pela Avenida Doutor Américo Luz, e pedia encarecidamente para que colocassem seus aparelhos no prefixo da rádio, 1.130kw. A ideia era testar (e bazofiar) a potência dos novos equipamentos.



Num determinado momento, o operador-disk jockey pôs para tocar a música *Do you wanna dance*, de Johnny Rivers. Confesso aqui: sempre tive um sotaque péssimo em inglês, dizem que sou bom em francês por obra e graça de uma boa professora de Muzambinho chamada Neusa Chame (inclusive irmã de minha sogra)... Mas meu sotaque em inglês é tão arrevesado que quando peço uma cerveja em Miami, me trazem um urso (*beer, bear*).

Ao término da música, num inglês arrastado, proclamei triunfalmente: “Ouvimos com Johnny Rivers, *Do you wanna dance*. Grande Johnny Rivers”. Soou um caipiríssimo “Jône Riverrrrs”

Na sequência, Carlinho Boca de Véia liberou o áudio da técnica e resmungou para eu manejar no sotaque. Minha reação foi imediata: em bom português, prontamente mandei meu amigo ir cagar. Resultado, bem na hora, o operador ligou o microfone do estúdio e meu impropério navegou pelas ondas do rádio. Mas o pior ainda estava por vir.

Nem o Spielberg conseguiria fazer uma situação tão coincidente e bem feita. Qual foi? Na hora do retumbante palavrão, que na década de 60, carregava muito mais rubor do que atualmente, o carro do prefeito de Muzambinho, Domingos Mazzilli, com toda a família a bordo, sintonizava a Continental, no tempo exato de ser agraciada com o “Vai cagar, Carlinho”.

O Willys Itamaraty, carro presidencial da época, ficou estático com a autoridade máxima da cidade e sua comitiva. Resultado: foi a primeira vez que fui suspenso na carreira.

*

Outra da Continental: de improviso, a rádio ia funcionando. Baseado no *Estadão*, eu mandava ver no noticiário, sujeito a erros e atrasos, já que, às vezes, o jornal só chegava à noite em Muzambinho. Lembro até do maior “escorregão” que dei na Continental, quando, lendo uma chamada de primeira página, completei: “Mais detalhes na página quatro”.





Tempos duros de pobreza. A camisa florida, filha única no armário, foi presente de Marino Campedelli, sobrinho de Dom Fernando Figueiredo, arcebispo de Santo Amaro. No destaque, carteira profissional da Rádio Colombo (a primeira de muitas...)

Curitiba: fome e frio

O fim repentino das atividades da Continental abreviou meu início de carreira. Com quase 20 anos de idade, voltei ao ritmo morgado da vida que levava. Sem trabalho, sem perspectiva, passava os dias jogando baralho e conversa fora com outros desocupados. Para tapear o pessoal de casa – que me pressionava a “tomar tento” –, prestei um utópico vestibular de Odontologia e enfrentei concursos para o Banco do Brasil e Petrobras, o porto-seguro para a maioria dos jovens do interior. Não passei em nenhum deles. Ainda fiz um curso de Contabilidade para agradar a Madrinha, mas sem qualquer convicção, entretanto. Olhando em retrospectiva, acho que não seria infeliz se seguisse carreira pública. Teria tido uma vida remediada, estaria aposentado, ao lado da Lenice, dos filhos e netos. Porém, o destino ainda me reservava algo maior. Mas ainda demoraria um bocado para eu tomar à unha minha vocação.

Ser jovem no interior é dureza. Era pior no início da década de 70: as distâncias – físicas e simbólicas – em relação aos grandes centros eram muito maiores do que hoje em dia. O mais difícil, para mim, era assistir aos meus amigos, jovens também, tomarem rumo na vida, cavando uma “boa colocação”, como se dizia então. No final das férias, a depressão remontava: a turma debandava para cuidar da vida, e eu ficava lá, em Muzambinho, de papo para o ar, na aba da minha tia e de minha mãe.

Na época, meu irmão Homero fazia cursinho em Curitiba e, por insistência familiar, fui me juntar a ele em 1971, aos 19 anos, para tentar a sorte num vestibular para Odontologia. Confesso que parti chorando. De carona no DKW de Jorge Pimenta, gerente do banco Crédito Real, lá fui eu para minha grande aventura. O trajeto pela BR 116 nunca mais saiu de minha memória. Caminhões daquele tamanho eu só tinha visto em filme americano.

Em Curitiba, instalado clandestinamente na Casa do Estudante Universitário-CEU, conheci o frio. Matriculado no curso preparatório para a universidade, fui à luta procurando um lugar ao sol em qualquer emissora de rádio da capital do Paraná. Bati em muitas portas. Na Universo, Pirajá Ferreira me prometeu, mas não me deu o emprego. Na Cultura, Dirceu Graeser alegou que não tinha vaga, mas me alentou dizendo que eu tinha futuro. “Bem modestamente”, acho que acertou... Nas rádios mambembes onde me aventurei, fui patrão de mim mesmo. Mas serei injusto se desdenhar da experiência. Foi na Rádio Colombo meu primeiro emprego de radialista, digamos, quase profissional, com carteira assinada e tudo.

A Colombo não estava em boa fase. Pouco dinheiro, pouca audiência. Assumi logo a “Diretoria do Departamento de Esportes”. O “departamento” contava comigo e com Victor Marcassa, ex-árbitro de futebol, que comentava a atuação dos juízes. Erwin Bonkoski, o dono, não foi um bom patrão. Tenho péssima lembrança daquele senhor, hoje político do Paraná. No entanto, o irmão dele, Milton Bonkoski, me era muito estimado.

Apesar da fase ruim da emissora, o meu trabalho começou a ser reconhecido. Bira, lateral-direito do Ferroviário, foi o primeiro jogador a me elogiar. Num programa esportivo, disse que eu era o melhor cronista de futebol do estado. A minha estreia num estádio foi um 0x0 no maior clássico paranaense: Coritiba e Atlético, o famoso Atletiba! Lembro bem que o goleiro Rubens, o Rubão do Atlético, foi o melhor em campo.

Também não me esqueço de que, acabrunhado no meio de tantos repórteres esportivos no estádio Belfort Duarte, do Coritiba, vivia assediado por um jogador jovem, magrelinho, que forçava sempre uma entrevista. Muitos anos depois, aquele homem mirrado, frequentou por muito tempo a

seleção brasileira. Seu nome: Dirceu. Mas Curitiba definitivamente não havia me atraído. Nunca mais voltei à capital do Paraná, a não ser numa escala que me levou à lua de mel, em 1978, em Foz do Iguaçu.

Decidido a voltar para Muzambinho, larguei a rádio e marquei a data: 20 de outubro de 1971, uma quarta-feira. Comprei a passagem para bem tarde da noite, com tempo para assistir ao jogo do Santos, que faria uma partida contra o Coxa pelo Campeonato Brasileiro daquele ano.

Às oito da manhã, lá eu estava à porta do hotel Ouro Verde para ver meus ídolos de perto pela primeira vez. O voo e o ônibus do Santos atrasaram e só às duas da tarde pude acompanhar, com emoção, a descida de Davi, Edu, Clodoaldo, Lima, Cejas, Ramos Delgado, Mazinho e, quase aos prantos, ele mesmo... Pelé. Foi a glória. Antes de subir no ônibus da viação Pluma para deixar definitivamente Curitiba, ainda assisti à melhor exibição do time local na competição, vencendo o grande Peixe por 1 a 0, com gol do artilheiro Tião Abatiá.

Coritiba 1 x 0 Santos

Coritiba: Carvalho; Hermes, Pescuma, Cláudio Marques, Nilo e Rinaldo; Hidalgo e Renatinho; Leocádio, Tião Abatiá, Paquito.

Técnico: Tim.

Santos: Cejas, Orlando Lelé, Ramos Delgado, Oberdan e Rildo; Lima e Clodoaldo; Davi, Mazinho, Pelé e Edu.

Técnico: Mauro Ramos de Oliveira.

Meu Santos de todos os tempos

1 Gylmar,
4 Carlos Alberto
2 Mauro
6 Zito
3 Lima
5 Clodoaldo
8 Jair
7 Neymar
9 Coutinho
10 Pelé
11 Edu
Técnico: Lula

Gylmar dos Santos Neves, o Gylmar

Com todo respeito a Rodolfo Sérgio Rodríguez y Rodríguez, “o maior goleiro da terra”, epíteto que lhe dei quando jogou no Santos, na década de 80, Gylmar é meu preferido. O único jogador vivo do time do Corinthians campeão do IV Centenário, em 1954, atualmente está numa cadeira de rodas, vítima de um AVC. Gylmar foi bicampeão da Libertadores e do mundo pelo Santos, bicampeão do mundo pela Seleção. Uma curiosidade é que antes de o goleiro surgir no Corinthians, Gilmar era nome de mulher.

Carlos Alberto Torres

Carlos Alberto Torres foi o maior lateral-direito de todos os tempos; o lendário e saudoso Djalma Santos e o grande Leandro, do Flamengo, devem ser lembrados, mas Torres era tão bom que foi alçado a batedor oficial de pênaltis no Santos, mesmo quando o Pelé jogava, além de dar broncas no maior do mundo. Lamentavelmente disputou somente a Copa de 1970.

Deveria ter ido em 1966, 1974 e 1978. Carlos Alberto jogou mais na lateral-direita que Nilton Santos na lateral-esquerda.

Mauro Ramos de Oliveira, o Mauro

Nasceu na minha querida Poços de Caldas, perto de Muzambinho. Foi campeão do mundo pelo Brasil em 1962. Tinha pernas tão bonitas que era chamado de Martha Rocha. Foi reserva de Bellini em 58 na Suécia e no Santos ganhou dois mundiais, duas Libertadores e “milhões” de Campeonatos Paulista, Taças Brasil e Torneios de Verão, Inverno, Outono e Primavera.

José Ely de Miranda, o Zito

Vou deslocar Zito para a quarta-zaga para colocar Clodoaldo como médio-volante. Assim, acomodo dois monstros numa tacada só.

Zito costuma dizer que, em geral, as pessoas viram muito pouco o Pelé jogar. Afirmava que os espectadores privilegiados do Rei foram Macedo, ex-massagista do Santos, já falecido, o Gylmar, o Mauro, o Pepe e ele mesmo. Zito ia além. Alegava que nem mesmo Pelé tem a dimensão do seu próprio jogo ou é capaz de recordar direito de suas atuações. “O Pelé não sabe o que fez e nem quem foi Pelé”, afirma o filho maior de Roseira-SP.

Antônio Lima dos Santos, o Lima

Dalmo que me perdoe, mas Lima, mineiro de São Sebastião do Paraíso, é meu lateral-esquerdo improvisado, até para justificar o atributo que marcou sua carreira: o fato de ele ser considerado um curinga. Ele jogou em todas as posições, menos no gol, e, por mérito, ganha a lateral-esquerda.

Clodoaldo Tavares Santana, o Clodoaldo

Clodoaldo é o melhor médio-volante de todos os tempos. Mas essa é uma qualidade secundária. Seu maior atributo é ser o maior santista vivo de

todo o planeta. Ninguém é mais santista do que Clodoaldo. A Vila Belmiro podia levar o nome dele; se não a Vila, pelo menos o Centro de Treinamento. De uma humildade rascante, Clodoaldo já me pôs em lágrimas, aos pés da Vila Belmiro, ao pedir para um diretor da base do Santos um teste para seu neto, que criou como se fosse filho, já que o menino havia ficado órfão de pai muito cedo.

Antônio Wilson Vieira Honório, o Coutinho

Natural de Piracicaba, Coutinho foi o maior centro-avante de todos os tempos, considerando-se o exíguo espaço da área. Lá, era mais perfeito do que Pelé. Ele não estufava a rede e nem comemorava gol. “Para valer o gol basta a bola passar da risca, e correr feito louco é para *sprinter* de 100 metros”, desdenha.

Jair Rosa Pinto, o Jair

Jogador do passado, atuou pouco tempo no Santos. Sei que vai gerar polêmica, no entanto darei para Jair Rosa Pinto a camisa oito, com muito merecimento. Começou no Madureira, jogou no Vasco da Gama (onde atuava quando disputou a Copa de 1950), Palmeiras, um pouquinho no São Paulo, e mais um pouco no Santos, mas o suficiente para ser grande o conselheiro do Pelé, quando, ainda alcunhado de Gasolina, desembarcou no time da Vila. Diz-se que foi Jair quem ensinou Pelé a bater na bola.

Figura polêmica, notável, brigava com os cartolas pelos direitos dos jogadores, numa época romântica e amadora do futebol, em que os dirigentes costumavam enrolar os boleiros. Nos limites do contexto da época, o meia tinha exata noção daquilo que valia. Jair foi fundamental para que o Santos de time pequeno ou médio se tornasse um grande.

Edson Arantes do Nascimento, o Pelé

Não vou desperdiçar tinta...

Jonas Eduardo Américo, o Edu

O Pepe que me desculpe, mas Jonas Eduardo Américo fica com a ponta-esquerda. Não apenas por ter nascido em seis de agosto, mesmo dia do meu nascimento. Ele de 1949, em Jaú, eu, em 1951.

Edu foi genial. Era para ter sido titular da Seleção Brasileira nas Copas de 1966, 1970 e 1974. Disputou somente míseros minutos em 1974 contra o Zaire (hoje República Democrática do Congo).

Neymar da Silva Santos Júnior, o Neymar

O Dorval Rodrigues vai ficar fulo comigo, mas a ponta-direita entrego para o Neymar. Ele é um dos poucos jogadores santistas que não atuaram nos tempos áureos que pode integrar esse time. Não por acaso, eu o chamo de Neymar Arantes do Nascimento, um dos muitos Pelezinhos que surgiram pós-Rei. Todos os novos Pelés sumiram no fio do tempo. Neymar é o único que tem potencial para se firmar. Se jogar 20% do que jogou o original, já está mais que bom. E, agora no Barça, conquistará o mundo.

Luís Alonso Pérez, o Lula

Luís Alonso Pérez é o primeiro Lula famoso do Brasil. Quem moldou o Pelé e montou o Santos Futebol Clube, maior time de futebol de todos os tempos, foi exatamente Luís Alonso Pérez.

A história não faz muita justiça ao Lula, que só dirigiu a Seleção Brasileira como auxiliar de Aimoré Moreira em 1965, num amistoso no domingo à noite, em que a Seleção B, na verdade um combinado paulista, ganhou de 5 a 3 do time da Hungria.





“Formando” a linha mágica do Santos (mais o “intruso” Tite, primeiro à esquerda), com Dorval, Mengálvio, Pelé e Pepe. Coutinho, o ausente, estava brigado com Pelé. Eles se reconciliaram após intervenção de Milton Neves e do saudoso governador Mário Covas, em 1992, no Salão de Mármore da Vila





Em frente à segunda “moradia” em São Paulo, na rua Alfredo Ellis, 185, no Paraíso, onde compartilhava um quarto no porão com cinco japoneses. O porão se situa onde hoje está a garagem (à esquerda)

Pois, como todos os passos importantes que dei na vida, minha ida para São Paulo começou com uma coincidência. A pressão estava grande em casa.

Depois da minha estada malfadada em Curitiba, onde passei fome e frio, minha vagabundagem se tornara quase insuportável. Nem eu mesmo me aguentava mais. Terminado o carnaval, a moçada toda se tocava dali e Muzambinho entrava numa pasmaceira maior do que o usual. Somente eu permanecia lá, coçando, com o perdão do linguajar.

E ainda tinha a pachorra de reclamar! Vejam só: eu costumava filar o *Estadão*, companheiro *vêio* de vadiagem, no Bar Avenida, de propriedade de Euclides Carli, que nas horas vagas trilava o apito como árbitro das pelepas locais. Num belo dia, em vez do diário de praxe, repousava sobre o balcão o rival, a *Folha de S. Paulo*. Mas que coincidência, vejam só. Folheando o jornal, deparei um anúncio de fundo preto, onde estava escrito “Supero (Sociedade Unificada Paulista de Ensino Renovado Objetivo) torne-se jornalista”. Aquilo acendeu uma luz de eureka. Por que não? Juntava o útil ao agradável: uma carreira que me apetecia, ao mesmo tempo em que dava uma satisfação geral. O problema, claro, era o cascalho. Viagem cara, curso caro, cidade cara. E, claro, as despesas pesariam na *cacunda* da pobre da Madrinha. Mas ela não se fez de rogada: das tripas fez coração, juntou o dinheirinho suado e me mandou para a Pauliceia. E vou ser honesto: só passei na prova porque havia duzentas vagas e naquele tempo não tinha tanta procura.

Cheguei em São Paulo em abril de 1972, a bordo do glorioso ônibus da Expresso José Orrico, a única empresa que fazia a linha Muzambinho-São Paulo, via Caconde. Demorava uma vida para chegar. Quando chovia, o trajeto levava

duas vidas. Não era incomum o busão empacar na estrada de terra enlameada. E toca descerem os passageiros até que se desatolasse o veículo. Uma lástima.

Com 21 anos, São Paulo não era de todo desconhecida para mim. De criança, costumava frequentar um oftalmologista em Campinas, o Dr. Maiz, e, às vezes, passava alguns dias na casa de uma tia, localizada na alameda Olga, perto do Largo Padre Péricles, na Barra Funda. Era uma casa modesta que ficava apinhada com a presença dos Neves: meu irmão, meus primos, minhas tias que se desabalavam do interior. Me lembro que dormia mal para burro graças à fábrica de violão Gianinni, vizinha, a batucar o maquinário das cinco da matina até à meia-noite.

Mas São Paulo tinha seus muitos atrativos para um menino caipira e amante do futebol: de manhã cedinho, já encontrava *A Gazeta Esportiva* na banca do bairro. Em Muzambinho, o jornal só chegava no final da tarde, cheio de notícia velha. Também, pertinho de lá, ficava a pastelaria do Cheng: ele servia um *trem* enorme, que nunca tinha visto igual - um pastel gigantesco com três ovos dentro! Gostava também de comprar as peras e maçãs argentinas, envolvidas naquele papel-cartão roxo, suculentas, de cores vivas, baratinhas... Uma delícia!

No entanto, meu reencontro com São Paulo foi bem menos doce. Duro de tudo, meu bolso (ou melhor, o bolso da Madrinha) só conseguia bancar o teto modestíssimo da “República dos Muzambas”. Ali, gramavam a dureza doze jovens egressos do Sul mineiro, inclusive alguns muzambinhenses clássicos, como Marino Campedelli, cuja família é notória e notável por ter levado Getúlio Vargas a visitar a cidade, em 1953. Hoje já falecido, ele era primo-sobrinho de nosso conterrâneo, Dom Fernando Figueiredo, bispo de Santo Amaro. Apiedado da minha condição, Campedelli me presenteou com uma camisa florida, uma das únicas a ornar meu guarda-roupa.

Foi uma época terrível. A república ocupava um prédio grande e velho na esquina da rua Pamplona com a alameda Jaú. A boia de todo o dia, o famoso PF, batalhava num bar de operários, mas a comida era ruim e fria. Para enganar a fome, passei a comprar miojo, tomate e arroz; misturava a gororoba sozinho e mandava ver. Odiava tudo isso. Passava mal. Para piorar, as festas duravam a noite toda, abarcando a então proscrita comunidade gay de São Paulo e com muitos travestis, adorados por meus companheiros, mas evitados por mim. Nada contra a bagunça alheia nem a opção sexual do próximo. Podia ser um coral de freiras. Mas o barulho era um inferno para quem madrugava como eu. E tinha mais: apesar da colaboração de todos, o dono da república, Dalton Gaspar, dava sumiço na grana.

A energia foi cortada várias vezes. Sobrevivíamos na base das gambiarras engendradas pela astúcia de Marco Aurélio Rondinelli de Oliveira, irmão de meu amigo jornalista Wellington de Oliveira. Não durei mais que seis meses na República dos Muzambas.

Na sequência, me mudei para um lugar menos pior. Ficava na rua Alfredo Ellis, 185, perto do Viaduto Treze de Maio, na Bela Vista. Lá moravam estudantes que podiam dispensar uma graninha a mais: mas, veja bem, a diferença era pouca. Da minha parte, eu “habitava” num porão reformado, e dividia meu “latifúndio” com cinco japoneses de Marília. Compartilhávamos dois beliches de três lugares. Para meu “gáudio”, coube-me a cama do meio, o que me obrigava a ensanduichar-me entre os orientais. Enfim, estava no pior dos mundos. Os japoneses estudavam a noite inteira. Eu me levantava às 6h30. Em Minas, temos um ditado muito chulo que vou me eximir de repetir aqui. Trocando em miúdos, ele diz mais ou menos assim: nada é tão ruim que não possa piorar. Pois, a pensão dispunha de apenas um banheiro para ser compartilhado por cerca de setenta pessoas. A fila começava às seis da matina e o tempo de uso por pessoa não podia ultrapassar os cinco minutos – sanitário e chuveiro inclusos. Um ano depois, fui promovido para a parte de cima da república, onde fiquei mais um tempo. Depois dessas privações, posso dizer que Deus faz direitinho as coisas, para que você vá sofrendo aos poucos, mas vai avançando.

Enfim, em junho de 1972, entrei no Objetivo. Mas logo o dinheiro acabou: minha tia não aguentou arcar com a faculdade, a moradia e o rango. A pobrezinha só podia bancar metade da despesa. Resultado, me vi forçadamente jubilado por falta de fundos. Uma porteira japonesa, com emanções de autoritarismo, mas muito educada, não me deixava entrar no prédio do Objetivo. Fiquei um mês nessa, dando com a cara na porta. A saída seria arrumar uma bolsa de estudos. Mas o Di Gênio, dono do império, era empedernido... Ruim de abrir a mão.

Foi necessário um estratagema, urdido por meus colegas, para convencer o homem a me deixar estudar de graça. Em mais outra grande coincidência, esse ardil me levou até a Jovem Pan, a rádio que impulsionou minha carreira, onde permaneci por 33 anos e onde eu aprendi a ser jornalista e publicitário. E vou ser sincero: a história de como cheguei lá é de pouca glória, aliás, como o são quase todos os começos.

Tratou-se, na verdade, de um golpe de sorte – e com uma pitada de comicidade; isso olhando agora, em retrospectiva. Na época, a tragédia era o

vaticínio mais certo. Um detalhe se interpôs que fez pender o fio da navalha longe do meu pescoço. Vejam como aconteceu.

Em dois meses de existência, a Faculdade Objetivo já contava com algumas cabines de rádio para o curso de Comunicação. Lá me destaquei como pioneiro. Na visão de hoje, em que a Internet varre impérios, pode parecer uma coisa bem precária aquelas salinhas de rádio... mas havia também estúdios de televisão. Na mais deslavada vontade de ter o microfone sempre à minha frente, eu participava dos simulados radiofônicos e também fazia telejornal. Os colegas viram que eu levava jeito para a coisa, perceberam que eu era bom. E, por isso, ficaram ainda mais penalizados de minha condição financeira, que impedia o prosseguimento dos estudos. Não quero me fanatizar com essa ideia, mas é impossível fugir dela: as doações pecuniárias para continuar frequentando a faculdade Objetivo foram pacificadas pela história de uma insistência...

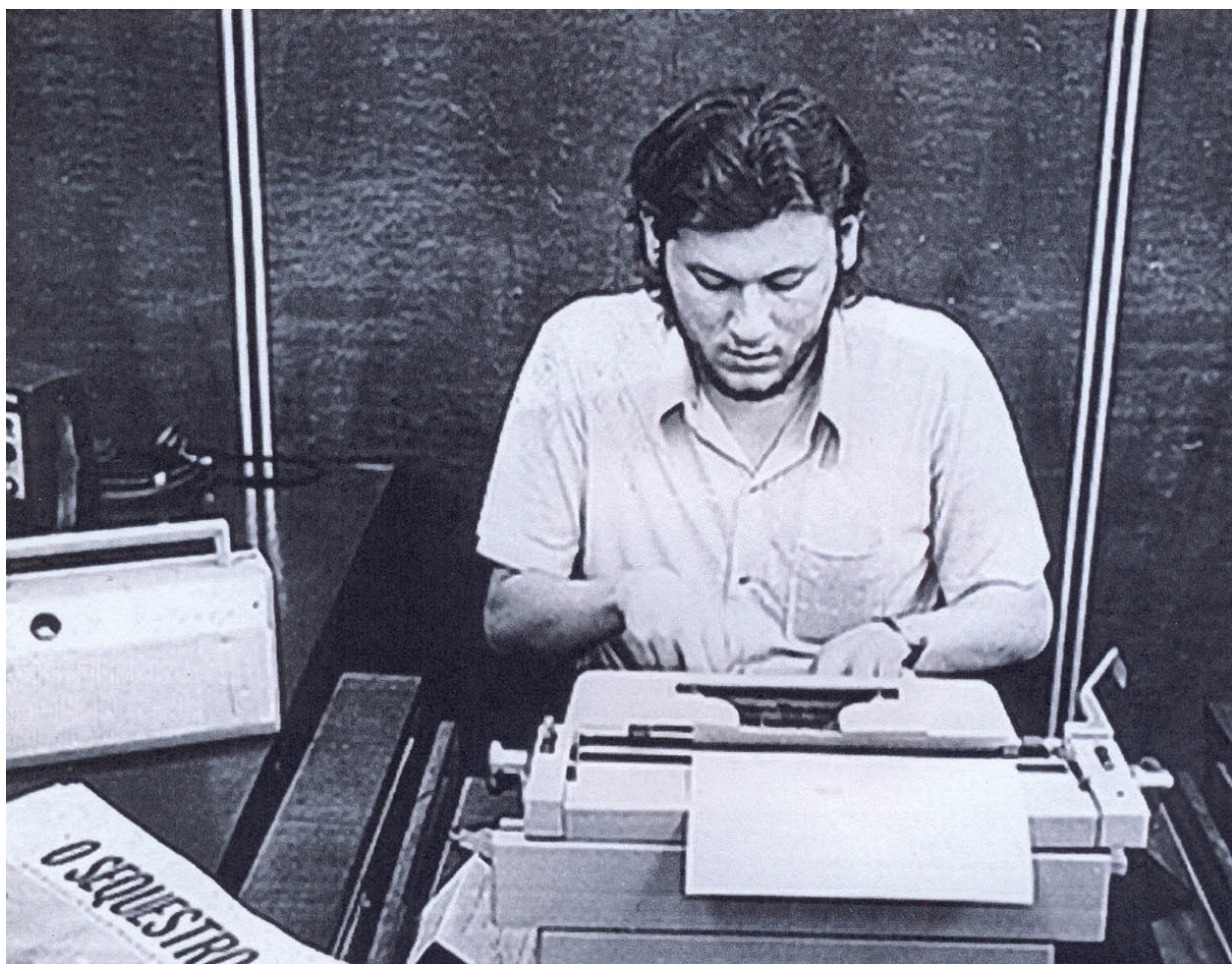
Devo essa a gente como Ricardo Carvalho, o Ricardão, meu colega de curso, grande jornalista e publicitário. Ricardo realizou campanhas eleitorais e foi comentarista político da TV Gazeta. É irmão do falecido Agnaldo de Carvalho, ex-deputado, líder da Assembleia durante o governo Laudo Natel.

Enfim, Ricardo Carvalho, Paulo Rachid Saab e mais alguns colegas, como o Bahia e o Marco Antonio, hoje cantor no Lellis Tratoria da rua Bela Cintra, decidiram ir para o estacionamento da Gazeta esperar o Big Boss Di Gênio em frente da sua *caranga*. O plano era pressioná-lo, ou melhor, implorar-lhe uma bolsa para este caipira que vos escreve, sem eira nem beira nem lugar para cair morto. Uma informação para a história: o responsável pelo estacionamento chamava-se Sérgio Felipe dos Santos, atual presidente da Fundação Cásper Líbero.

O pessoal ficou na garagem por cerca de quarenta minutos. De repente chega ronronando o carro de Di Gênio, uma bela Mercedes. Eu, caipira acanhado, metido na minha timidez de recém-chegado, não cheguei nem perto do automóvel. Afinal, vejam vocês, Di Gênio já era uma lenda. Mas o Ricardo Carvalho tomou a frente da situação: me apresentou como o menino que veio de Muzambinho, aquela lenga-lenga emotiva.

João Carlos Di Gênio, ofegantemente apressado, avisou que não montara “uma faculdade para presentear a todos com bolsas de estudo”. Irritou-se, já que todos “me procuravam apenas para pedir favores”. E, ato contínuo, num olhar ciclópico, desabalou-se pela na porta do elevador, dizendo algo como se continuasse “a ajudar a todos ia acabar quebrando”.

Foi então que recaiu o braço da providência e, talvez, um laivo de arrependimento por tanta rispidez. A porta do elevador já estava semisserrada, quando um esbaforido e atrasado professor vinha resfolegando ao longe a fim de sensibilizar o ascensorista de sua má fortuna. O homem interrompeu o curso do tempo e segurou a porta aberta. Nesse ínterim, Di Gênio tirou a cabeça de lado e asseverou, se dirigindo à minha pessoa: “Grandão, agora é com você. Vai então até a Rádio Jovem Pan e procura Fernando Vieira de Mello e lhe diga que fui eu quem te mandei”.



No Detran, em 1973, “catando milho” na máquina. Sobre a mesa, o extinto *Jornal da Tarde* anunciando um rumoroso caso de sequestro, fato raro naquele tempo





No prédio do Detran, no Ibirapuera, admirando a metrópole que ainda o assustava

Faço uma declaração forte agora, e sem qualquer falsa modéstia: minha carreira é um aborto. Construí-a com a única *commodity* que eu possuía em abundância: minha saliva. Olhando para trás, passados mais de 40 anos do meu debut em São Paulo, do lugar em que ocupo agora, seria um devaneio arriscar qualquer previsão auspiciosa naquele julho de 1972 quando adentrei, rabo entre as pernas, na sede da Jovem Pan. Era um caipira de tudo, assustado com a metrópole, temeroso até em atravessar as avenida 23 de Maio e Rubem Berta, com medo dos carros.

Naquele dia fatídico em que fui pedir emprego para me manter com o queixo fora d'água em São Paulo, também estava tentando a sorte meu colega Ubirajara Valdez, falecido diretor da Rede Bandeirantes no Rio Grande do Sul. Ele, com seu Fusca. Eu, sacolejando num Mercedão com motorista e cobrador.

Na frente do prédio, olhei para os céus e subi para o andar indicado. Encontrei, sentado numa poltroninha preta, Salvador Silva, redator da rádio. Ele aguardava para dar uma palavra com Fernando Vieira de Mello, que estava em seu aquário com Ney Gonçalves Dias, Realy Júnior e Antônio Del Fiol. Del Fiol, como sempre, mantinha-se quietinho; Realy Junior discutia com Fernando; Fernando gritava com Ney. Uma barafunda que vim a descobrir na carne tratar-se da mais absoluta normalidade.

Postei-me, de uma maneira travada, atrás de Salvador Silva. E esperei... Escutei por horas enlouquecedoras o tec-tec da máquina Remington sobre a qual dedilhava. Lembro que Marco Antônio Gomes, Zé Carlos Pereira e Gilberto Pereira estavam na Redação. Nesse momento chegou Bira Valdez. Ele vinha de terminar seu teste na rua, mas, quanto a mim, não me haviam ainda concedido a honra de encontrar com Fernando.

Num arroubo de devaneio e nervoso pela demora, torturado que estava pelo chá de cadeira, me vi entrar na sala do Fernando, sem ser anunciado. De repente, como se fosse um ET pousado na Avenida Rubem Berta, estava no fogo cruzado daquela discussão. Com toda a razão, Fernando tomou aquilo como um atentado ao pudor. Bravo, nervosíssimo, virou-se para mim e bradou: “O que você quer, menino?”. Devolvi uma resposta facultativa: “Não... nada... hummm... é que eu sou do Objetivo”. Fernando Vieira de Mello contrataca: “Sim, mas você espera sua hora, pô”. Eu, o gago da vez, continuei: “Mas está demorando e preciso pegar o ônibus...” Fernando, feérico, como um Nero reencarnado, voltou à carga: “Mas o que você quer?”. De pronto, ecoei: “Falei com Di Gênio e ele me pediu para te procurar, vim aqui para saber como é o negócio”. Uma cena verdadeiramente surreal.

O homem, nervoso, alternava momentos de ira e risos: brigava, por alguma matéria, comentário, sei lá, com Realy Junior, com Marco Antônio Gomes da Conceição, editor-chefe, e que hoje trabalha na Cultura. Houve uma alteração indisfarçada de humores, peguei na hora o novo clima: o Fernando passou a rir, a gargalhar, até que, enxugando as lágrimas, indagou: “Como é o negócio aqui?”. Para quem conviveu com o chefão da Pan, a expressão “como é o negócio?”, sempre exarada em tom de ironia, é muito familiar. Funcionava como uma espécie de marca registrada do homem.

Marco Antônio entrou na sala. E Fernando lhe disse para fazer um teste com o “moleque”. Logo na saída, no corredor da Redação, o editor pegou uma lauda qualquer, e me encaminhou para o saudoso Chico Vieira, um operador de som, corintiano, cearense, maravilhoso, que fazia vinhetas para Osmar Santos.

A avaliação consistia em ler em voz alta a lauda diante de um microfone. Cheio de pólvora, sanguíneo, declarei: “Atenção, vamos evitar o trânsito agora na Av. Celso Garcia, está tudo parado, há um acidente envolvendo um taxi com um ônibus do Pare”. Levaram a gravação para Fernando ouvir. Ao escutar “Pare” o jornalista foi tomado por uma incontinência, uma sequência interminável de alaridos. Retificou-me, com as orelhas esbraseadas, e já de todo curado do esporro da cena anterior. “Olha, se pronuncia Pari, não Pare!!!!”. “Como você é burro”, prosseguia Fernando Vieira de Mello, mimoseando-me.

Foi assim que teve início minha carreira na Pan – a sílaba tônica no lugar errado e uma gargalhada do meu futuro chefe...

Quem é Quem

Deus me colocou diante e ao lado de muitas pessoas que me ajudaram a nortear meus caminhos no rádio, na tevê, na publicidade, no jornalismo e na vida.

O primeiro foi **Fernando Luiz Vieira de Mello** (1930-2001), o diretor de jornalismo da Rádio Jovem Pan que, em 1972, me contratou a pedido de João Carlos Di Gênio: “Vá primeiro ser repórter de trânsito no Detran, treina lá e depois a gente vê”, disse ao final de meu teste de microfone. Com o passar do tempo, costumava dizer para Antonio Del Fiol, Realy Junior e Ney Gonçalves Dias: “Esse mineiro meio índio é caipira, mas quando for “catequizado” vai se tornar o maior jornalista esportivo de rádio do Brasil”.

João Carlos Di Gênio, mesmo que a contragosto abriu as portas para mim, dizendo: “Você quer bolsa? Primeiro procure o Fernando Vieira de Mello lá na Jovem Pan e peça estágio remunerado em meu nome”. Fui e deu certo. Depois disso, ele e seus diretores e sócios como Roger, Dinhão, Rudge, Okida, Jorginho, Gilberto e Flávio Guilherme me deram mais de 50 bolsas para estudantes carentes de cursinho, meus amigos de Muzambinho e para meus filhos.

Antonio Augusto Amaral de Carvalho, o ‘seu’ Tuta. Por 33 longos anos dediquei-me em 1000% à emissora que me contratou em 1972. Lá, entre 1972 e 2005, fiz de tudo e muito bem. Como repórter de trânsito, repórter rodoviário, setorista do Detran, repórter geral, plantão esportivo, apresentador esportivo e contato comercial. Como plantão e apresentador esportivos, ganhei todos os prêmios possíveis, implantei o *Intervalo Inteligente*, o *Plantão de Domingo* e o *Terceiro Tempo*, um marco na história do rádio esportivo. E, no Departamento Comercial, fui responsável, em determinado momento, por vender 50% do faturamento da

emissora. Mas, com o sucesso simultâneo na TV Record, ‘seu’ Tuta ficou enciumado e me afastou em 2005, quando deixei a empresa por “demissão indireta”, conforme decisão judicial. Uma pena: teria ficado mais de 50 anos na querida Jovem Pan, do meu primeiro patrão efetivo, o ‘seu’ Tuta. Mas ele quis assim... E tenho certeza de que ele se arrependeu amargamente, porque sempre me dizia que eu era o melhor funcionário que ele teve na vida. “Você joga em qualquer posição”, dizia.

Osmar Santos, que hoje é companheiro de jantares no Restaurante North Grill do Shopping Frei Caneca, foi meu descobridor, em 1973, quando, em conversa passatempo no Detran, viu em mim o cara certo para fazer futebol no rádio.

Fiori Giglioti. O meu maior ídolo como ouvinte e o mais emblemático locutor esportivo do rádio. Menino, sonhava em trabalhar com ele na Bandeirantes. Só consegui isso em meus programas de tevê, na Record e Rede Mulher, hoje Record News.

Haroldo Fernandes. Era da Rádio Tupi, “o homem da camisa 10”, foi também meu grande inspirador. Narrava demais. Aposentado, o locutor que narrava “em cima da bola”, vive hoje entre São Paulo e São Lourenço-MG.

Flávio Araújo, histórico, recordista de audiência na Rádio Bandeirantes AM com a luta entre Éder Jofre e Harada, direto do Japão. Marcou época no rádio, em meus ouvidos e em meu coração. Aposentado, vive em Águas de Santa Bárbara-SP.

Geraldo José de Almeida. Era fã dele na Rádio Record, quando ele dizia “mata no peito e baixa na terra”, com aquele vozeirão. Mas sua consagração foi mesmo na Copa de 70, a primeira com transmissão de tevê ao vivo para o Brasil: Craque Café, Gauchão Everaldo, Patada

Atômica (Rivellino), Furacão Jairzinho e os seus “olha lá, olha lá... lindo, lindo, lindo” ainda estão em minha memória, em meus ouvidos.

Valdir Amaral. Foi um ícone no Rio, na Rádio Globo, mas tinha uma “batata na boca”. Não gostava dele e só o ouvia quando Jorge Cury não estava transmitindo na Rádio Nacional.

Jorge Cury. Mineiro de Caxambu, foi bom demais. Para mim o maior de todos ao lado de Osmar Santos, do Fiori, do Pedro Luiz e do José Silvério. Que voz, que dicção, que vibração!

Joseval Peixoto. Foi excelente também na Jovem Pan e Bandeirantes. Inteligente e culto, a sílaba final de suas frases enchia o rádio. Meu grande amigo.

Jota Júnior. Trabalhava na Rádio Guarani de Belo Horizonte, quando o “descobri” em 1966 durante os jogos entre Cruzeiro e Santos pela Copa do Brasil. O saudoso Jota Júnior era uma metralhadora.

José Silvério. Natural de Lavras, no Sul de Minas e de origem humilde como eu, foi meu padrinho de casamento em 1978 e juntos marcamos época na Jovem Pan e Bandeirantes. Seu epíteto de “o Pai do Gol” foi criação minha. Ele é tão preciso e técnico a ponto de as pessoas afirmarem, nos bastidores do rádio esportivo, que apenas José Silvério e Pedro Luiz poderiam transmitir um jogo de xadrez.

Jovem Pan I AM. Jamais a esquecerei. Pena que no livro de sua história o ‘seu’ Tuta tenha omitido minha contribuição. Dedicaram-me poucas, más e não verdadeiras linhas. Ora, escrever um livro sobre a querida Jovem Pan e omitir a importância de Milton Neves seria como escrever um livro sobre a vida do Santos Futebol Clube e apagar a figura do Pelé. Sim, podem patrulhar se quiserem, mas a comparação não é

exagerada. Ou seja, não a comparação de um mito mundial com um funcionário apenas de importância restrita ou localizada em uma empresa. É apenas uma analogia envolvendo alguém que dedicou os melhores 33 anos de sua vida a uma empresa de comunicação e que teve, sem paralelos, importância única e exemplar entre 1972 e 2005. Nos dez primeiros anos, admito, fui apenas “o terceiro goleiro reserva”. Mas depois do *Terceiro Tempo*, dividi a artilharia com o José Silvério.

Edu Zebini. Hoje na Fox Sports, foi meu belo companheiro de tabelinha em mágicos sete anos de Rede Record. Ele dirigia e eu apresentava. E como apresentei... *Debate Bola, Terceiro Tempo, Roleta Russa, Cidade Alerta, Golaço...*

Mário Quaranta. Parceirão de Redes Manchete, Band, Mulher e Record. Grande cara, maravilhoso, hoje tenta moldar pessoas no vídeo à minha feição, jeito e estilo. Não consegue, mas tenta. É um sujeito notável

Luis Álvaro de Oliveira Ribeiro, presidente do Santos, começou como Pelé, mas depois andou jogando como Totonho, Admundo e Luizão, que veio do Bangu,

Band, minha primeira incursão à vera na tevê, com o *SuperTécnico*, em 1999. Devo a ela minha condição de apresentador televisivo. O emblemático *SuperTécnico* representou para mim mais do que a marca *Terceiro Tempo*. Em dois momentos da minha vida, a Band foi uma mãe para mim.

Rede Record, sete anos inesquecíveis, entre 2001 e 2007, apresentando o conceitual *Debate Bola, Terceiro Tempo, Roleta Russa e Cidade Alerta*. Fui muito feliz lá e só sai por ter acreditado em Roberto Justus, um grande erro que estou procurando reparar na justiça.

Detran: lá fiquei como jornalista ou funcionário, de 1972 a 1994. A experiência foi muito boa por conhecer todo o tipo de gente, uma vez que o órgão era visitado por milhares de pessoas.

Neto, caso tivesse um advogado, conselheiro, empresário ou pai como o do Neymar, teria disputado pelo menos duas Copas. Faltou-lhe cabeça, o que conseguiu na Band, como jornalista. Ele foi um gênio da bola, mas não soube aproveitar seu talento.

Osmar de Oliveira, uma das melhores pessoas que conheci em minha vida. Simples assim.

Paulo Morsa, em sua companhia, durante sete anos, dei as melhores risadas da minha vida. Era uma delícia trabalhar com ele, um cara sensacional.

Faustão, o Fausto Correa da Silva, é um grande sujeito. Começamos juntos na Rádio Jovem Pan, em 1972. Ele tinha um fuscão e eu um Mercedes Benz... da CMTC! Mesmo pobretão, principalmente se tomarmos sua carreira atual (ganhávamos cerca de mil reais por mês), Fausto era um mão aberta e dava presentes para todo mundo. Em 1973, voltando de uma excursão da Seleção, deu-me uma jaqueta de pele de antílope porque a havia elogiado sua japona.

Telê Santana virou mito, até porque a morte aumenta o talento. Mas, sem dúvida, seu sucesso e honestidade são inquestionáveis. Fiz a ele, ainda em vida, duas homenagens, ao vivo, no *SuperTécnico*, da Band, e no *Terceiro Tempo*, da Record. Entretanto, confesso que tenho certo remorso quando penso em Telê. Fiz-lhes muitas críticas, principalmente no tempo em que trabalhei na Pan, quando não me cansava de chamá-lo de pé-frio. *In memoriam*, demonstro arrependimento e lhe peço desculpas.

Felipão foi quem mais me ajudou a emplacar na tevê. Ele e Zagallo. E voluntária ou involuntariamente, o coloquei na Seleção Brasileira em 2001, fazendo grande bem a ele e, principalmente, para o Brasil. No entanto, ele nunca reconheceu publicamente esse fato nem me agradeceu ou mesmo cumpriu a promessa de retribuir a indicação decisiva: a camisa do goleiro Marcos!

Luciano do Valle, o maior e melhor gol da história do futebol na tevê, e a melhor voz esportiva da história.

Flávio Prado tem uma característica interessante: não fala bem e nem mal de ninguém. “Só passo para a frente”, brinca.

Roberto Avallone, profundo conhecedor do futebol, bom cara, bela carreira, mas hoje fora do centro da mídia por ter se deslumbrado aos tempos da TV Gazeta. Ficasse quietinho em seu *Mesa-Redonda*, estaria firme lá até hoje.

Vanderlei Luxemburgo, grande treinador na opinião até de quem não gosta dele. Tem apenas um problema: ele mesmo. Fosse só treinador, seria 500% mais do que é. Briguei muito com ele no ar e, como técnico da seleção em 1999, tentou evitar que eu assumisse o *SuperTécnico* da Band. Hoje, nos damos muito bem.

Lenice, minha primeira e única namorada. Foi namorada, esposa, amiga, companheira e mãe de meus três filhos, que ela criou e educou sozinha, enquanto eu trabalhava feito burro de carga na Rádio Jovem Pan e no Detran. Por nossa família, ela deixou de exercer a Odontologia.

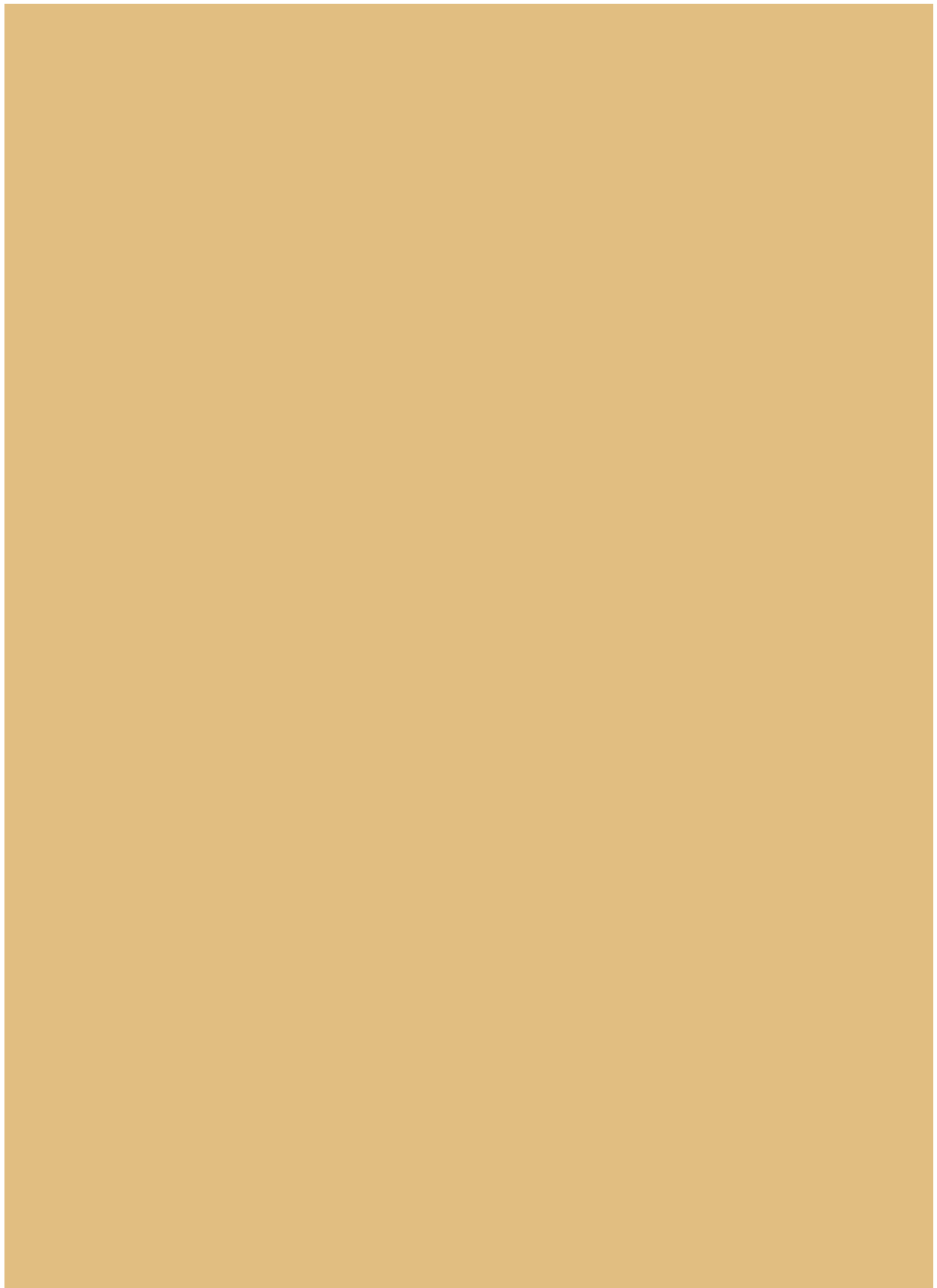
Zagallo, outro sujeito maravilhoso que muito me ajudou a emplacar na tevê, a partir de 1999. Mas o *SuperTécnico* da Band deu-lhe mais uns sete anos de carreira, na época, quase encerrada. E deu-lhe muito mais: uma

nova imagem, de uma pessoa engraçada, boníssima e amiga, diferente daquele treinador turrão e nervoso da Seleção Brasileira. Mas ele nunca me perdoou pelo que um dia disse e escrevi: “Luxemburgo é um computador e Zagallo uma máquina de escrever”.

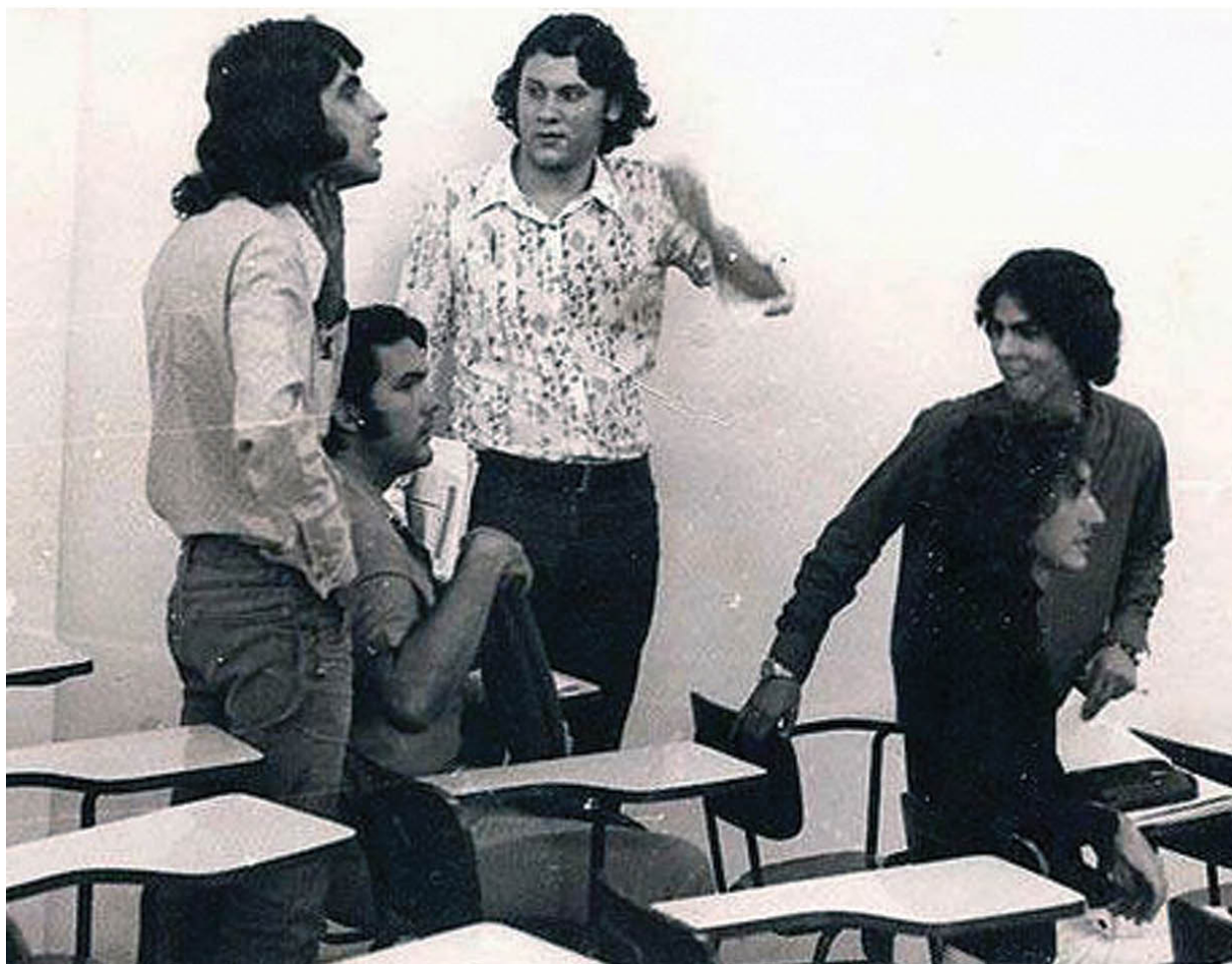
Roberto Justus, inteligente, brilhante, vitorioso, milionário, vaidoso, poderoso e extremamente cruel. Ele só pensa nele, nele e nele e tenho contra ele uma ação judicial que, se Deus quiser, vencerei. Essa pessoa precisa pagar o mal que fez a mim e a outros jornalistas.











Com os colegas do Objetivo, em plena sala de aula. O cabelo à moda da época e a indefectível camisa florida, presente de Marino Campedelli



Na viatura da Jovem Pan, um C-14 da Chevrolet, reportando o intrincado trânsito paulistano

Numa ironia maquiavélica, a primeira incumbência que me atribuíram na rádio foi a cobertura do trânsito. Até aí, nada de mais: a grande maioria dos repórteres, mesmo os mais renomados, debutou engolindo fumaça em congestionamento. O problema é que, na época, São Paulo era uma gigante desconhecida para esse mineiro matuto. Não sabia o nome de uma rua sequer, um caminho que fosse. Aquele emaranhado diabólico, traduzido em logradouros, para mim, era um mistério mais profundo do que falar russo. Em todo caso, no primeiro senão que interpus à missão que me agradeceram, já tomei um presta-atenção do Fernando Vieira de Mello: “Você não conhece nada, não quer ir ao Detran, volta para Muzambinho, então, caipira”.

Na São Paulo dos anos 70, o Detran, no Ibirapuera, era o centro nevrálgico das informações sobre trânsito. O órgão era vinculado à Polícia Civil e lidava com assuntos que extrapolavam a mera circulação do tráfego. Toda a burocracia relacionada aos veículos (emplacamento, pagamento de taxas) e motoristas (exame médico, habilitação) se concentrava no Detran e na sua sede principal. Além disso, a tecnologia que permitia a entrada ao vivo nas rádios não era muito avançada. Para se ter uma ideia, a Jovem Pan contava apenas com uma viatura – uma Rural Willis – munida de rádio em frequência FM. Assim, a *reportaiada* das rádios e jornais se reunia na sala de imprensa, onde dispunham de Linhas Preferenciais que se conectavam com seus respectivos veículos de comunicação. Muita gente que hoje está nos píncaros da carreira amassou barro comigo naquela salinha acabrunhada. De orelhada, posso lembrar de Dora Kramer, Paulo Markun e Randau Marques.

O trampo se mostrava empedernido, principalmente para o cabra aqui, mas enfim estava empregado e, melhor ainda, pendurado ao microfone, objeto antigo dos sonhos de infância. Em que pese esse certo alívio, minha rotina não era bolinho – às 6:30h da manhã, fazia ronda com a viatura. Depois ficava no Detran a partir das 9:00. À tarde, faculdade. No final do dia, o mesmo procedimento: fazia a ronda com a viatura, antes de ser depositado em casa.

Mas o pior mesmo era lidar com um assunto que eu não conseguia compreender: a complexidade das ruas, da tecnologia. Um mistério insondável. Para se ter uma ideia da minha caipirice, vou contar, sem peias, dois episódios tragicômicos que a 40 anos de distância podem fazer rir, mas no calor do momento embrulharam meus intestinos.

Na sala de imprensa do Detran, além das Linhas Preferenciais, havia um ramal geral, que vivia ocupado. Me lembro até hoje: o número do telefone era 711161, ramal 116. Um belo dia – eu devia ter uns 22 anos – o “maldito” começa a tocar e me flagra nas redondezas. Eu dei uma de João-sem-braço e me retirei, à francesa, de perto do aparelho. Paulo Markun, setorista e estagiário do *Estadão*, hoje renomado jornalista, que me fazia companhia no plantão, me olha torto e dispara: “Ô, bonitão, por que você não atendeu?!”. Carregava a pergunta a sugestão de que eu tivesse sido arrogante, me eximindo de tarefa tão reles. Na maior das inocências, eu lhe expliquei que não atendia o telefone, porque simplesmente não sabia como fazê-lo: temia confundir o bocal com o auscultador.

Um pouco mais tarde, já em 1973, eu fazia o boletim do trânsito logo às sete da matina. Ainda era completamente verde na lida das ruas. Eu, então, bolei uma estratégia infalível: guardava por escrito a descrição dos congestionamentos do dia. O negócio funcionava assim: pela manhã, a 23 de Maio congestionava no sentido do aeroporto para o centro; a Nove de Julho, no sentido dos bairros para o centro; a Radial Leste, da Zona Leste até a Diametral leste-oeste; o Minhocão, no sentido do Largo Padre Péricles para Praça Roosevelt. À tarde, bastava inverter a ordem do tráfego e, pronto, não tinha erro.

Um dia, para meu desespero, perdi as benditas das folhas. Procurei por todos os cantos em vão. Até por baixo do carpete rasgado fuzei. Minha salvação estava na ajuda alheia. Pedi para o sargento Antonio Sol – o Toninho Sol – funcionário do Detran para que me arranjassem alguns congestionamentos, porque eu, obviamente, não conhecia nada e precisava entrar no ar. Munido de espírito zombeteiro ou talvez por desacreditar na minha ignorância, Toninho escreveu umas situações sem sentido, do tipo, Marginal do Tietê totalmente congestionada

na altura do aeroporto de Congonhas; av. Rubem Berta, na altura da Penha, totalmente parada; avenida Nove de Julho, em Guarulhos, com acidente. Já no ar, depois de informar as duas primeiras situações absurdas, Ney Gonçalves Dias, o apresentador do *Show da Manhã*, me interrompeu incontinenti com uma inabitual condescendência: “Esse é o Milton Neves, brincalhão, jovem lá do Sul de Minas”. Ele achou que eu estivesse troçando, que eu fosse um gozador. Imediatamente, tocou a Linha Preferencial. Do outro lado do fone, vituperava aos berros: “Milton Neves, sua anta, sua besta, você trocou Jesus por Genésio”. Enquanto eu me debulhava em lágrimas, o Toninho Sol entra na sala confrangido, me pedindo desculpas. O sargento logo percebeu a gravidade da situação e pôs-se, ele também, a chorar. Nunca podia imaginar que aquele jornalista realmente não conhecesse as ruas paulistanas. Antonio Sol, hoje com 79 anos, vive na Zona Leste de São Paulo.



Com Silvério Rodrigues, motorista da Pan: o homem que, desde os anos 70, anunciava a iminência de um acidente aéreo na Rubem Berta, à beira do aeroporto de Congonhas

FUTEBOL JOVEM PAN

com
OSMAR SANTOS



10h: PALMEIRAS
e XV de Jau

na **JOVEM PAN 2**
FM 100.9MHz



15h: CORINTHIANS
e S. BENTO

e
ainda o
SHOW
DE
RADIO



WATER & CRYSTAL
TIGRE

Óleos
Continental

vitasey

Itaú

JOVEM PAN 1

620kHz

Primeira aparição no jornal, como jornalista da Pan, ao lado de Osmar Santos, Orlando Duarte e Cândido Garcia (de barba)

Estava locado, portanto, no limbo do Detran e lá pareciam residir meu carma e destino. Fadado a mofar entre o vaivém dos automóveis. A minha fortuna mudou devido ao Osmar Santos e sua vaidade. Digo vaidade porque, na época, o *must* entre o *jet set* era mandar fazer placas de carro personalizadas. E o Detran era o lugar que resolvia essas pendengas.

Em 1973, lá apareceu Osmar Santos. Na época, só dava ele no rádio. Dividia a titularidade do microfone da Jovem Pan, nas transmissões de futebol, com Willy Gonzer, locutor gaúcho, hoje radicado na Bahia, depois de ter trabalhado por anos em Belo Horizonte, na Rádio Itatiaia. Gonzer era titular, mas Osmar arrebatou o posto: estava atropelando os concorrentes, com uma voz que transmitia aos ouvintes a sensação de um sorriso perene, interminável.

Assim que pisou nas dependências do Detran, Osmar foi recebido pelo Dr. Nerval Braga Ferreira Filho, então manda-chuva da instituição. O narrador viera com um pedido especial: queria a placa OS 1974 para ornamentar seu Corcel LDO, cor de vinho. Sem se fazer rogado, Dr. Nerval mandou que dois estafetas – Paulo Comba, sargento de cabelos grisalhos, e Sargento Salvador, popular Tartaruga – fossem pagar a TRU (espécie de IPVA da época), a confecção da placa, o seguro obrigatório e as outras quimeras. Claro que o *speaker* levou a placa na hora, sem passar pelas alimárias e trâmites protocolares.

Para quem duvida, o Detran era uma festa de celebridades. Na mesma época, os rapazes-revelações dos Secos e Molhados apareceram por lá para tirar carta. Enquanto as burocracias não se desanuviavam, fui incumbido de fazer sala para Osmar Santos. Ficamos quase uma hora papeando de futebol e rádio esportivo. Quer dizer, ele mais ouviu que falou. Aquela era a primeira vez que o via em carne

e osso. Passei o tempo lhe contando histórias, entusiasmado com os grandes narradores da minha infância, como Haroldo Fernandes, Jorge Cury, Waldir Amaral, Fiori Giglioti, Flavio Araújo, Joseval Peixoto. Ao mesmo tempo em que colocava em prática aquilo que eu fazia de melhor: disparar minha memória e estalar saliva de tanto falar. Escalava em torrente uma fieira de escretas de outrora que conhecia de cor e salteado. O Osmar ficou apenas ouvindo, meio embasbacado. Devia estar se perguntando quem era aquele “foca” tagarela. Afinal, fazia apenas seis meses que eu trabalhava na Jovem Pan. Mas sabia tudo de futebol. Talvez foi isso que deixou Osmar Santos de joelhos...

Naquele mesmo dia, tocou a Linha Preferencial, a célebre LP. Do outro lado, estava Fernando Vieira de Mello. Era uma quarta-feira e o pedido do meu chefe veio a mudar a minha vida. “Mineiro, vamos ver se você é bom mesmo e se o Osmar não é mentiroso. Hoje você vai fazer futebol”. Depois vim a saber que Osmar Santos havia se debulhado em elogios sobre meus conhecimentos futebolístico, a ponto de Fernando achar que ele estava o sacaneando. O fato é que me colocaram para fazer o *Plantão Esportivo* no lugar do Narciso Vernizzi (“o Homem do Tempo”). Algum tempo depois, assumi a titularidade do programa. Na passagem de bastão, contei com o *forfait* de Fausto Silva, o Faustão, que recusou o posto por implicar com a cadeira, a qual, para seu gosto e porte, era muito estreita. Na época, revejavam na folga do Vernizzi, aos sábados, o hoje apresentador da Globo, Aluani Neto e Milton Parron.

Fiz meu primeiro plantão tremendo. Eu escrevia em papeluchos tudo o que falaria no programa, meus garatujas, rascunhos, eram a minha bússola, meu código de comportamento: “Boa noite, Joseval Peixoto!!!...” Ainda guardo a primeira escala de minha vida, onde meu nome apareceu vinculado ao *Plantão Esportivo*.

Essa oportunidade consolidou de vez minha fé na carreira de jornalista, que ficara abalada logo no meu primeiro ano de Jovem Pan. O fato é que eu tinha muita saudade de casa e a vida na Pauliceia era dura demais. Além disso, ninguém escutava a Jovem Pan no Sul de Minas. Uma vez mandei um recado no aniversário da cidade que passou incólume por lá. Ficava decepcionado a cada vez que voltava a Muzambinho e transitava como um reles desconhecido entre os meus amigos e parentes. Acreditava que por morar em São Paulo e trabalhar numa grande emissora, as pessoas me reverenciariam como um rei. Uma doce ilusão juvenil. Quem me dissuadiu de abandonar tudo foi Nicolau Anechine, um antigo colega de Muzambinho e ex-jogador do Noroeste de Bauru, que tinha se dado bem em São

Paulo, trabalhando na Liquigas. Ele era casado com uma prima da Lenice. Quando lhe fiz menção que estava descontente da vida, ele me devolveu um verdadeiro esculacho que me fez abrir os olhos. No final da tertúlia, disparou a pergunta fatídica, da qual me lembro até hoje como um soco na fuça. “Tudo bem, volta. Mas o que você vai fazer lá? Vai ser vagabundo?”. Engoli a seco, e aguentei firme. De vergonha, resolvi ficar mais “alguns dias”, que se transformaram em mais de 40 anos...

O resultado é que passei a trabalhar como um camelo. Trânsito e Detran pela manhã e à tarde; leitor do *Jornal de Esportes*, na hora do almoço, e apresentador do *Plantão Esportivo* no pós-futebol (para não dizerem que não falei de flores, ainda fazia plantão de lutas de boxe no estúdio). Às vezes, ficava à disposição da rádio das 6:30h da manhã até de madrugada. Para completar, ganhava uma miséria e não tinha moral nenhuma com a direção ou com os tubarões das antigas.

No *Jornal de Esportes*, para onde me desabalava ao sair do Detran, o máximo que me permitiam era anunciar a hora certa. Tecnicamente, funcionava como cuco: “Este é o *Jornal de Esportes* da Jovem Pan. É meio-dia e meia”. Ainda assim me coçava, quando davam brecha: nas entrevistas ao vivo, eu queria fazer perguntas também, o que era prontamente vetado pelo Cândido Garcia, o diretor do programa. Ele ficava na técnica com a mão no queixo e o cotovelo em cima da mesa. Eu chegava com minha pergunta escrita num papelucho e ele nem se dava ao trabalho de mexer o rosto. Só virava um pouquinho o olho e falava assim: “Essa pergunta não presta”. De vez em nunca me concedia a honra de participar, mas em troca de muita má vontade e do aviso: “A próxima pergunta só no mês que vem”.

Isso durou até 1982, quando entrou no ar o *Terceiro Tempo*. Até então meu espaço na emissora era residual, quase envergonhado. As estrelas da companhia eram Osmar Santos, depois José Silvério, Orlando Duarte, Leônidas da Silva, Silvio Luiz, Cláudio Carsughi e Randal Juliano. Eu vivia da caridade alheia. Só me manifestava quando me chamavam. Em 1981, essa minha situação subalterna deu vez a um episódio meio constrangedor. Na segunda-feira subsequente a um São Paulo e Botafogo que haviam se enfrentado por uma das semifinais do Campeonato Brasileiro, vencida pelo Tricolor, foi convidado para participar do *Jornal de Esportes* o lateral-esquerdo são-paulino Marinho Chagas, no auge da carreira. Eu estava no meu posto de locutor-cuco. Quando ele chegou, ficou um pouco de lado, pois o estúdio estava lotado. Estavam, além de mim (na reserva), Randal Juliano, Orlando Duarte e Cláudio Carsughi.

Foi a primeira vez que Marinho Chagas me viu e vice-versa. Antes de se sentar ao microfone, ele assistiu por uns cinco minutos à azáfama do estúdio na abertura do programa: nesse dia, fiz a escalada das notícias em pingue-pongue com Edemar Annuseck. Mas foi só começar a entrevista, comandada por José Silvério, que eu, imediatamente, cedi meu lugar.

Passados trinta minutos de programa, o Marinho Chagas vira e fala assim: “Escuta, e o grandão aí da voz bonita? Vocês não vão deixar ele perguntar? Ele é o melhor de vocês aqui”. O Cândido Garcia ficou desarmado. Me fez um sinal com a cabeça e eu tasquei uma pergunta. Nunca me esqueci disso. Em 2010, quando reencontrei Marinho em Natal (RN), com a saúde depauperada, ajudei a interná-lo no Hospital São Paulo. Passados três anos, ele se encontra em uma situação bem melhor.

Uma história parecida aconteceu quando Carlos Aymar, presidente da Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo (Aceesp), foi participar do *Jornal de Esportes*, nas celebrações do bicentenário dos Estados Unidos, em 1976. Eu ainda era estudante no Objetivo.

O fato é que não falo nada de inglês, e não tenho um bom sotaque, mas, ainda assim, me viro bem com algumas palavras. Desenvolvi essa pequena habilidade graças ao incentivo de um grande professor que tive, chamado Arnon Hollaender, já falecido. Em 1976, estava informando, em parceria com Edemar Annuseck, que o Brasil jogaria contra a Itália, em Seattle, com transmissão direta de Osmar Santos.

Depois da escalada de notícias, o técnico de som aumentava o volume da música para dar um efeito sonoro. O operador chamava-se Oswaldo Silva, um moreno baixinho. Antes de reabrir nosso microfone, o coordenador Cândido Garcia disse, escandindo bem as sílabas: “Mineiro burro, Seattle (Siatol) a puta que o pariu; fala-se Siatlê!”.

Carlos Aymar, também fora do ar, retorquiu: “Não, senhor, o menino está certo é Seattle”. Nunca vou me esquecer, o Carlos Aymar ficou do meu lado. Cândido Garcia não me pediu desculpas, mas ficou muito sem graça.



No estúdio principal da Jovem Pan, meados da década de 1990, entrevistando Marcelinho Carioca (à direita), com Flávio Prado, Tatiana Ferraz e Luis Carlos Quartarollo (em pé)

A placa do Di Gênio

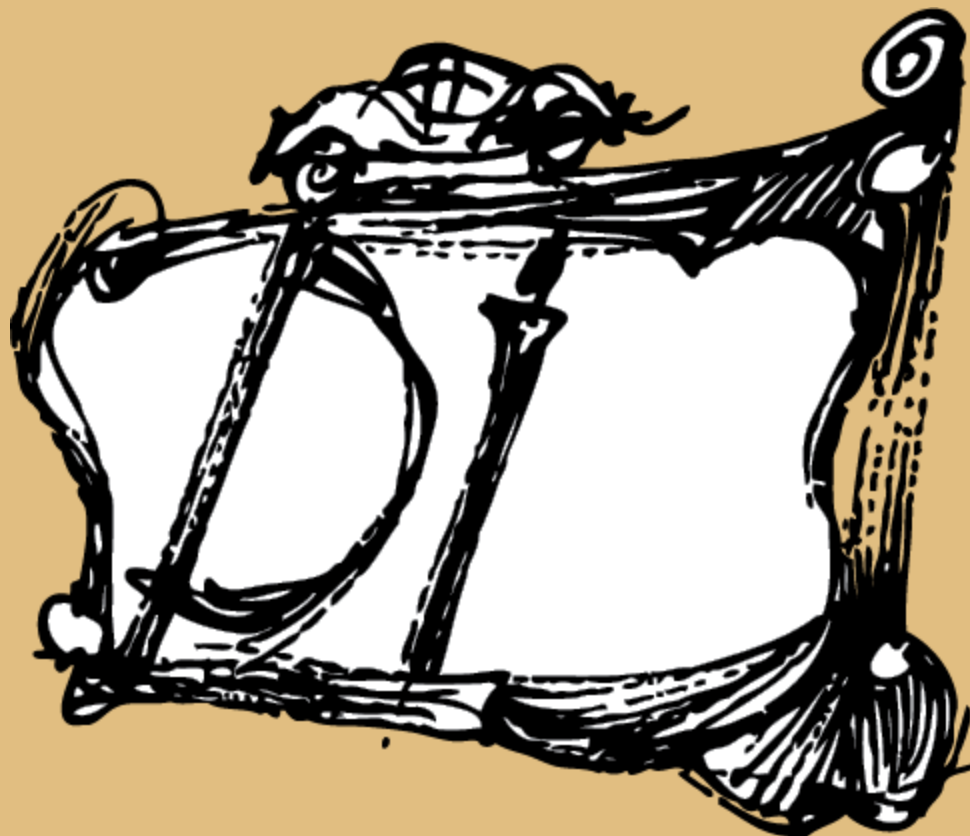
Na garagem do Objetivo, cintilavam dois automóveis importados, que em tempos pré-Collor chamavam atenção como fossem naves espaciais. Um deles era o espetacular Met One, com uma águia de bico recurvo adornando o capô. Era do Jorge Brihy, um dos sócios e pilares do Objetivo e hoje (quem diria?) meu vizinho em condomínio da Grande São Paulo; o outro carro importado era a Mercedes do Di Gênio. Na época, o *must* era ornar as carangas com placas personalizadas. Como trabalhava no Detran, às vezes servia de intermediário para as veleidades alheias. Sabendo disso, Di Gênio me conferiu a missão de levantar uma chapa com as iniciais DI. Para minha desgraça, tal placa era impossível de se obter. Não existia aquela série disponível... O máximo que consegui foi uma DO 5555.

Flávio Guilherme Correa Rathsam e eu levamos a placa para o Objetivo, já nos justificando pelo mau jeito. Dito e feito: ele bateu o pé pelas iniciais DI. Redargui, destilando ironia: disse que DO significava “Dono do Objetivo”. O professor Di Gênio arriou as orelhas, não adocicou restrições à minha fala: simplesmente ficou puto da vida. E não aceitou o regalo.

Voltei à labuta no Detran: vamos achar uma DI para atender as vaidades do homem. E imaginem só. Década de 70, a tecnologia era digital, isto é, na ponta dos dedos se folheavam as fichas nos catálogos, uma por uma, para encontrar uma placa ao gosto do freguês. Achamos! E a famigerada placa do Di Gênio “abrilhantava” nada mais, nada menos do que um DKW velho! O carro pertencia a um japonês, feirante de Taboão da Serra, na grande São Paulo. Um então funcionário de Di Gênio, hoje um médico genial, chamado Yugo Okida, foi até a casa do japonês... e comprou o tal DKW. Só para pegar a placa. O carro, digamos que valesse hoje seus 10 mil reais, foi comprado a 12 mil reais e devolvido ao feirante depois da retirada da bendita chapa DI 5000.

A disputa por placas era tamanha que até o famoso radialista Afanásio Jazadi, então repórter policial, lutou anos a fio para conseguir uma AJ 0007:

além de levar suas iniciais, adicionava o numeral do mais famoso espião do mundo... e tudo o que Afanásio sonhava em ser então era converter-se no 007 brasuca.



O exame do Roberto Carlos

Numa tarde de 1973, apareceu no Detran o cantor Roberto Carlos para renovar a carteira de motorista e os exames médicos de praxe, que também eram realizados nas dependências do órgão. Tratava-se de um evento extraordinário naquela sensaboria burocrática. Todos ficaram de plantão para conversar com o grande ídolo da Jovem Guarda: o Franz Netto, da Rádio Bandeirantes; o José Neto, da Rádio Marconi; o José Carlos Marques, da Rádio Piratininga; o Paulo Markun, iniciante, do *Estado de S. Paulo*; Aluani Neto, da *Folha da Tarde*; Benê Braga, da Jovem Pan. Menos eu, creiam, porque fiquei com vergonha.

Os médicos de plantão eram o Dr. Galvão, pai do jornalista Paulo Galvão, que hoje trabalha na Rádio Bandeirantes, e o saudoso Dr. Vicente Sá Puppo, que também era médico da Portuguesa. Entretanto, ambos os especialistas não examinavam pessoas com deficiência física. Para esses casos, se formava uma banca específica conduzida pelo Dr. Antônio Carlos Corsi, já falecido. Me lembro muito bem dele: Corsi era alto, tinha um nariz de periquito, um rosto bem vermelho, adornado por uma barba espessa.

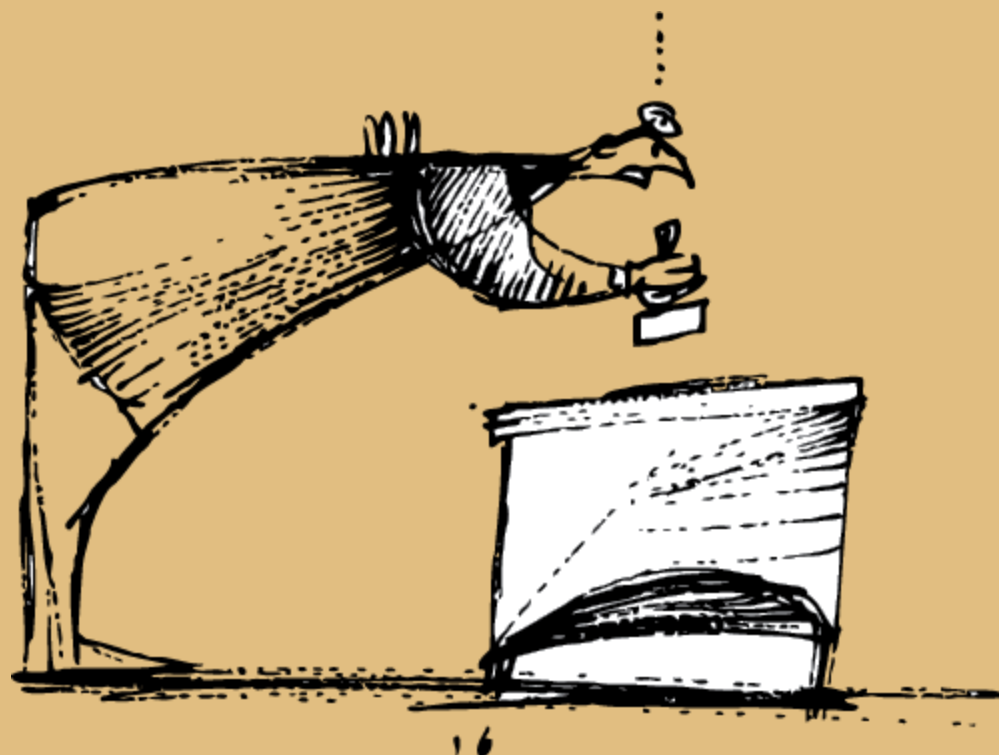
Foi ele quem examinou Roberto Carlos. No entanto, o saudoso Nerval Ferreira Braga Filho, então diretor do Detran, pediu para Corsi levar Roberto Carlos do terceiro andar, onde se realizavam os procedimentos, para o quinto andar, na diretoria, a fim de dar mais privacidade ao artista.

Dr. Corsi ponderou que seria necessário transportar todos os equipamentos oftalmológicos, verdadeiros trambolhos na época. Mas a hierarquia se fez inflexível e o exame foi marcado para o quinto andar.

Nem bem se encerraram os trabalhos, a nova carteira de motorista do cantor foi emitida, atalhando os descaminhos da papelada. Sem dúvida, um enorme privilégio. Roberto Carlos estava autorizado a conduzir seu Lincoln Continental importado, preto, que seria adotado mais tarde pelo governo. Eu nunca tinha visto um carro daquele.

Antes de entregar a carta ao condutor famoso, Dr. Corsi carimbou o documento com uma insígnia destacada: “Portador de defeito físico”.

Roberto assinou a carta. Na hora, Dr. Nerval disse que aquilo pegava mal e que não era necessário. O médico, então, retrucou com severidade: “Lei é lei”. Ele estava puto por ter sido obrigado a transportar o equipamento de um andar para o outro. E o carimbo foi mantido. Mas se outra carta, sem carimbo, foi emitida, não sabemos.



O Pluto é filho da Pluta

Numa sexta-feira à tarde, em 1972, quando me preparava para ir a Muzambinho, onde passaria o fim de semana, Fernando Vieira de Mello bateu a Linha Preferencial no Detran, me informando que eu teria que ficar em São Paulo para cobrir uma batida policial do Esquadrão Bem-te-vi do Detran, muito famoso nos anos de 1970. Haveria uma blitz contra maus motoristas no Vale do Anhangabaú, entre a meia-noite e às quatro da manhã de sábado.

Esperei a perua Rural Willis na minha pensão. Conduzido pelo célebre motorista Silvério Rodrigues, cheguei ao local na boca da madrugada. Aliás, Rodrigues foi um profeta. Já em 1972, rodando pela Rubem Berta, ficava abismado com o tráfego aéreo sobre Congonhas. Não foram poucas vezes que vaticinou um acidente nos moldes do que aconteceu com o Airbus da Tam, em 2007.

Quem comandava a blitz era um célebre tenente-coronel, o Horácio Bonzon, homem bravo para burro. Ele usava umas botas de cano de couro até a coxa.

Um dos veículos abordados foi uma Kombi, cujo motorista – um feirante – chorava desesperadamente cercado por policiais. O veículo estava cheio de mercadorias que ele levaria para a feira em Santana.

Os soldados seguravam seus dois braços como se se tratasse de um criminoso dos mais perigosos. Eu era muito inexperiente, nunca tinha visto uma violência daquelas, pois em Muzambinho a polícia só pegava uns



pinguços, e muito de vez em quando. Pensei comigo que o cara deveria ser algum assassino. O tenente-coronel se dirigia ao feirante dizendo repetidas vezes que ele era “um homem mau do Brasil”.

Não é de se esquecer que, na época, grassava a ditadura militar. No fim, o ato de lesa-pátria cometido pelo feirante foi ter, no vidro da Kombi, um adesivo com um desenho estilizado do Pluto e de uma cadela – a Pluta –, com a seguinte inscrição: “O Pluto é filho da Pluta”. Por causa disso, Horácio Bonzon mandou prender o cara e apreender o veículo.

Na minha inexperiência, fui dar palpite. Falei ao tenente-coronel que aquilo não tinha nada demais, coitado do homem, etc., etc. O militar me falou: “Você tem certeza, menino? Então tudo bem, você tem razão. Toninho Sol, solta ele, mas me dá aqui esse adesivo. E suma daqui, Japa, e sem olhar prá trás”.

Bonzon pegou o decalque e picou em dez pedaços. O sujeito, ligeiro, abriu a porta da Kombi, entrou e deu a partida, engatando a primeira. Antes de partir por um milésimo de segundo, olhou para trás, para mim, com um rosto cheio de gratidão. Isso foi em 1972. Até hoje guardo o olhar daquele sujeito, que estava prestes a perder todas as suas frutas e verduras por causa de um adesivo de mau gosto para a época.

Se é que ainda está vivo, quando me vê na tevê, ele deve se recordar disso. Foi o olhar de gratidão que jamais esquecerei.

O calça branca

Num sábado, estava de plantão na redação da Jovem Pan com Gilberto Pereira, Paulo Saab, Marco Antônio Gomes da Conceição e Antônio Garini.

Pintou um tiroteio na Zona Sul de São Paulo, evento que nunca imaginaria ter que cobrir. Tinha 21 anos e me mandaram para lá numa C14 azul com um motorista chamado Moacir Targa, o popular Dom Pedro, apelido pespegado graças às suas avantajadas costeletas. Chegamos ao local por volta das 23h. Quem comandava a operação era o coronel Sidney Gimenez Palácios, que, anos mais tarde, se tornou deputado pelo PTB.

Era a primeira vez na vida que entrava numa cela. Fui a “convite” do coronel Palácios. Quando chegamos, estavam os quatro suspeitos de calção, com chinelo em um pé só, sem camisa, todos ensanguentados. Eram meninos de 18, 19 ou 20 anos. Tinham uma cara de santo... Comentei em voz alta que eles eram uns coitados.

O coronel retrucou com uma frase lapidar, me chamando de calça branca. Diante da minha cara de interrogação, ele explicou que calça branca é o sujeito noviço, inexperiente, iniciante, na gíria dos policiais. O comandante me perguntou se eu gostaria de ver o que aqueles menininhos que eu achava santinhos haviam feito. Me levou onde uma das vítimas estava prestando testemunho junto ao escrivão e ao delegado de plantão.

Eles tinham entrado numa casa na região de Interlagos, estuprado três mulheres – a filha, a mãe e a avó – e matado uma outra pessoa. Arrematou a lição de moral, explicando que quando os bandidos são presos, eles viram



todos santinhos. Registrei a reportagem com o gravadorzão que eu carregava. Ele me explicou tudo isso no ar: aprendizado na carne.



E o General Costa cantou em Brasília

Nos anos 80, trabalhava na Jovem Pan um locutor chamado Ibraim José. Eu carinhosamente o apelidei de “Fuinha”. Em seu auge, na TV Tupi, ele fora candidato a deputado. Durante a campanha lhe perguntaram seu local de nascimento e a resposta, desastrada, foi: “A cidade é tão pequena que não vale a pena dizer o nome”. Natural de Itapetininga, não conquistou nenhum voto lá. Perdeu a eleição.

Na Pan, Ibraim apresentava o noticiário *Terceiro Tempo*, que ia ao ar de madrugada, depois do meu *Plantão Esportivo Permanente* que fechava a jornada do futebol. Numa noite, enquanto arrumava minhas coisas na mesa, Ibraim começou a ler a escalada das manchetes. Com sua voz empostada de locutor, mãos nas orelhas, caprichava na gravidade do tom, já que a notícia era “política”: “General Costa chega em Brasília e canta amanhã”. Estupefação geral! Ibraim confundiu a abreviatura de general com a Gal... a Gal Costa! A manchete era: “Gal Costa chega em Brasília e canta amanhã”!



Afanásio e os mortos que gemiam

Ainda era um noviço na Jovem Pan. Numa madrugada, às três da manhã, bate na porta da República dos Muzambas o motorista da rádio, Paulo Caveira, avisando que tinha acabado de acontecer um acidente terrível nas obras da Imigrantes, então em construção. Segundo os primeiros relatos, havia caído um viaduto. No ar, Afanásio Jazadji anunciara a morte de pelo menos 300 pessoas. E eu fora escalado para fazer a cobertura *in loco*. À medida que nos aproximávamos da cena, o tamanho da tragédia era atenuado pelo Afanásio, até que, no saldo final do acidente, “nenhum morto morreu”. Houve apenas operários feridos.

Não obstante, num dos boletins proferidos no calor da hora, Afanásio, com sua voz inconfundível, afinando ainda mais o tom lúgubre, informou: “São 275 mortos gemendo sob os escombros”.



Histórias de Cláudio Carsughi

Cláudio Carsughi é um decano do jornalismo brasileiro. Veio ao mundo em Arezzo, na Toscana, e foi criado em Florença. É torcedor fanático da Fiorentina. Tem tanto tempo de janela que já se tornou uma lenda viva. O cenário dessa história foi um *tubão*, num dos estúdios da Jovem Pan. O vocábulo - tubão - é oriundo de *off tube*. Esse é o nome que se dá a narrações e comentários feitos a partir de imagens da televisão. Àquele estúdio específico, bastante modesto em suas proporções, demos o nome de Tutão, em homenagem a ‘seu’ Tuta”, o apelido de Antônio Augusto Amaral de Carvalho, o dono da rádio. Chovia. E o sempre ético Carsughi chega no seu protocolar estilo inglês: a pé, de guarda-chuva e galocha.

Estávam lá Luiz Carlos Quartarollo, eu, Fred Junior, Cláudio Carsughi, Flávio Prado, Rogério Assis. Todos são testemunhas oculares do caso. Conversa vai, conversa vem, antes de entrarmos na transmissão, Carsughi contou essa história sensacional.

Corria o ano de 1939, quando Hitler e Mussolini assinaram o chamado Pacto de Aço, em 22 de maio e somaram as duas maldades para aguentar o confronto mundial que se prenunciava. Cláudio, que nasceu em 1932, tinha seus sete anos. Enfim, depois de firmado o acordo, ambos os ditadores desfilaram em carro aberto por Florença. Saudavam o povo da Itália, que lotou as ruas e avenidas nesse trajeto.

A multidão segurava as bandeirinhas dos dois países. Cláudio jura que estava lá, acompanhado do pai italiano, Odoardo, e da mãe brasileira, Marina. Até que o carro aberto sobre o qual Hitler e Mussolini acenavam para a multidão passou em frente ao local onde se encontrava a família Carsughi. Ainda conforme o relato de Cláudio, Hitler teria dado um cutuco na costela de Mussolini, como se chamando sua atenção. E falou na sua voz de ditador: “Mussolini, aquele menino ali, olha, quero ele de garoto propaganda, esse será o símbolo de nossa união”. O dedo fatal de Hitler estava em riste, como uma flecha, direto entre os olhos do pequeno Cláudio.

Pai e mãe se assustaram com a inesperada predileção do ditador. Os três, depois do rápido contato, dissiparam-se tal qual vento. Como não sabiam qual motivo levara o Führer a apontar seu indicador em sua direção, acharam mais prudente se escafederem. Todos nós ouvimos embasbacados a narrativa. Mas sua força retórica se fez tão persuasiva que convenceu a crédula audiência. E, arrematando, Cláudio jura que deu tempo para Hitler apertar suas bochechas e perguntar seu nome. “Eu respondi, Cláudio, Cláudio Carsughi, e meu pai e minha mãe me puxaram”, lembra o mestre.



O ponta-direita Faustino, que, na década de 60, jogou na Ferroviária de Araraquara e no São Paulo, morreu assassinado em 1988. Muita gente sabia disso, principalmente os jornalistas esportivos. Menos o Cláudio Carsughi e eu. Numa noite de março de 1992, ele encontrou num restaurante de São Paulo um cantor de churrascaria que garantia ser o Faustino.

Carsughi acreditou e encaminhou para mim o assunto. Com o aval do sério companheiro, coloquei o tal Faustino no ar, que contou muitas histórias de futebol, com verve e verossimilhança impressionantes. A entrevista já durava muitos minutos quando o comentarista Waldo Braga me ligou e advertiu: “Tira esse louco do ar porque o Faustino morreu mesmo. Eu fui ao enterro”. Já Carsughi, quando cobre dele esse mico que paguei, deu de ombros e asseverou com seu inconfundível sotaque: “É, eu me enganei”.

A necessária agilidade do rádio e as transmissões ao vivo propiciam muitas gafes. Algumas ficam registradas na memória de seus profissionais.

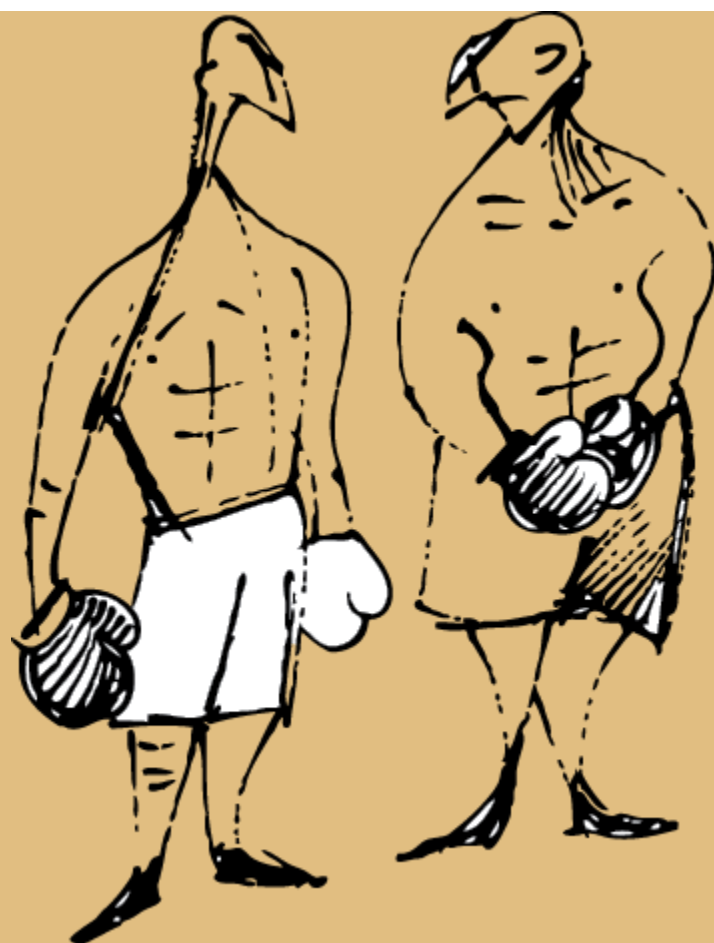
Em 1973, na abertura de cada jornada esportiva, Osmar Santos disparava a inevitável pergunta: “Alô, Milton Neves, qual é o destaque internacional de hoje?”.

Era um domingo e o telex da Jovem Pan, um trombolhão barulhento, estava quebrado. Resultado: não havia nenhum destaque estrangeiro para anunciar. E eu lá, desarmado, sem nem uma notícia sequer. Sabia que vinha a pergunta e me preparei como deu.

Na hora, não tive dúvida, e a notícia inventada em minha cabeça fluiu com naturalidade: “O destaque internacional de hoje é a decisão do título sul-americano de boxe, peso leve, entre o chileno Juan Contreras e o argentino Ortiz Peña”.

Osmar Santos, sempre vibrante e meio desligado, no embalo e no pique, pediu a opinião do comentarista Cláudio Carsughi. Para meu espanto, o italiano foi ainda mais cara de pau. Disse que Contreras tinha uma esquerda portentosa, mas que Peña possuía um cartel maior de nocautes, e por isso era o favorito.

Ri sozinho com a desfaçatez de meu colega. Esperei a chance e um dia cobreí de dele aquele comentário. Carsughi jamais admitiu o fato e afirma até hoje que eu só posso estar maluco. Mas que aconteceu, aconteceu mesmo.



Brasil 2 x 3 Itália: a derrota mais sofrida

A estreia improvisada do *Terceiro Tempo*, na Rádio Jovem Pan, depois da debandada intempestiva do Estevam Sangirardi não poderia ter sido de pior agouro. Deu-se depois da chamada “Tragédia do Sarriá”, na Copa de 1982. Lembro que nesse dia, estava tão nervoso com o jogo que, logo após o terceiro gol da Itália, me tranquei no banheiro e disparei a descarga, uma daquelas Hidra, cujo barulho parece estrondo de bomba atômica, para tentar não escutar mais nada. No finalzinho do jogo, tomei coragem e larguei o botão. Fui invadido por um silêncio revelador: a Seleção ainda perdia o jogo. Resolvi me esconder num quatinho da técnica. Queria mastigar sozinho a amargura da espera do apito final. Doce ilusão. Já me esperavam no escuro da angústia outros desiludidos com a derrota iminente. Um deles era o operador José Carlos Zavanella, rezando.

Local: Sarriá (Barcelona);

Juiz: Abraham Klein (ISR);

Público: 44 000;

Gols: Rossi 5, Sócrates 12 e Rossi 25 do 1º; Falcão 23 e Rossi 29 do 2º;

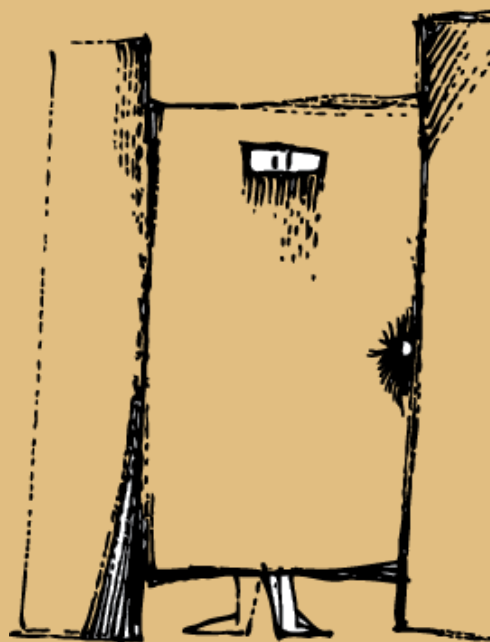
Cartão amarelo: Gentile e Oriali

Itália: Zoff, Gentile, Cabrini, Collovati (Bergomi) e Scirea; Tardelli (Marini), Antognoni e Oriali; Conti, Rossi e Graziani.

Técnico: Enzo Bearzot

Brasil: Valdir Peres, Leandro, Oscar, Luizinho e Júnior; Toninho Cerezo, Falcão, Sócrates e Zico; Éder e Serginho (Paulo Isidoro).

Técnico: Telê Santana







Em 1974, entrevistando o saudoso investigador Airton, vistoriador do Detran, o homem que “descobriu” César Sampaio. No detalhe, a onipresente camisa florida

Em 1976, me vi obrigado a acrescentar outra jornada de trabalho na minha rotina para salvar um apartamento, meu primeiro, de apenas dois quartos, que eu comprara como mutuário do BNH, com financiamento de quinze anos pelo Banco Itaú. Um belo dia, a prestação que custava X passou a valer 10X, me pegando, literalmente, de calça curta. Para salvar minha pele, prestei concurso na polícia e após o curso na Acadameia fui colocado no Detran, onde já dava expediente como setorista da Jovem Pan. O funcionalismo público me salvou da concordata.

No Detran, primeiro fui alocado na Corregedoria, depois me recrutaram para a recém-criada DEAT (Delegacia Especializada de Acidentes de Trânsito), a menina dos olhos do Delegado Walter de Moraes Machado Suppo, cunhado de Laudo Natel. Mais tarde, devido à minha expertise na imprensa, fiz assessoria para vários delegados. Terminei meus dias de funcionário na TV Assembleia, doando meu salário para a AACD, APAE e Fundação Gol de Letra.

Nos meus primeiros anos de Detran, trabalhava mais que relógio de corda. Ralava por demais atrás das indefectíveis mesas de fórmica, suando o couro como escrivão. Foi um período muito duro, porque quase não tinha tempo para a família. Mas, mesmo assim, guardo muito carinho dessa época: são muitas histórias saborosas, muita gente boa com quem dividi as glórias e as agruras do escrivanato. Na época, o emprego público servia de tábua de salvação para aqueles que se deambularam em carreiras economicamente menos agraciadas – jornalistas e artistas – cujo reconhecimento financeiro mostrava-se parco e

instável. Para se ter uma ideia, o ator Norival Rizzo, hoje na Rede Globo, compartilhou comigo o tec-tec das Remingtons.

Me lembro de muitos colegas de repartição: Baptista Médici Carpigiani, Laerte Pereira da Silva, Alan, corintiano roxo, João Carlos de Oliveira, Palmiro Olivastro, Osmar Venâncio da Silva... tantos outros. O escrivão-chefe na minha época de corregedoria chamava-se Oswaldo Passini. Brandia uma severidade draconiana com o horário. O expediente começava pontualmente às 9h e, na Pan, me escalavam para informar o último boletim de trânsito cinco minutos antes. Era um tormento constante, pois bastavam dois minutos de atraso para ele chiar.

Na hora do almoço, me submetia à mesma correira: o *Jornal de Esportes* começava 12:15h, e, eu, sempre esbaforido. Não havia tempo nem para me dar conta dos flertes das moças, o que chegou a depreciar um pouco minha fama, se é que vocês entendem...

Sorte que eu contava com a complacência dos operadores – principalmente de Chico Vieira – que me permitiam gravar com antecedência o boletim de trânsito de meio de tarde, evitando, assim, que precisasse pendurar o paletó para entrar ao vivo. Imaginem só, nos dias de hoje, apresentar um boletim de trânsito gravado!

Dentre os meus cargos no Detran, acho que o mais estimulante foi na DEAT, quando tive o privilégio de ser chefiado pelo delegado Mauricio Henrique Guimaraes Pereira. Em vista da verdade histórica, preciso tecer um reconhecimento público a ele. Dentre os anônimos que fizeram o mundo evoluir, por meio do engenho, da criatividade e da pertinácia, Dr. Maurício é, sem dúvida, um deles. Se hoje o serviço de investigação policial conta com esse instrumento louvável da denúncia anônima, sua criação e implementação foram devido à coragem do delegado. Na época, vivíamos em plena ditadura, ou seja, uma medida como essa, baseada na delação, podia levar a reações raivosas, estimuladas pelo histórico de arbítrio do regime.

De fato, ele foi muito patrulhado. Quando pôs em prática o sistema de denúncia – que vale lembrar tinha como objetivo incrementar a taxa de elucidação dos autores de atropelamentos, a partir de um programa desenvolvido no Japão – a imprensa caiu de pau em cima dele. Dr. Maurício rebatia as críticas com argumentos muito racionais. Dizia que as técnicas disponíveis eram precárias; normalmente o que se fazia era uma comparação cromática da tinta deixada na vítima após a colisão com a do carro suspeito. Ocorre que era

necessário encontrar o carro antes, incumbência de uma equipe de apenas 20 investigadores que percorriam as oficinas em busca do “fujão”.

Lembro que a *Folha de S. Paulo* destacou um repórter para entrevistá-lo a respeito da medida. Era um sujeito encorpado, irmão do zagueiro Polaco, que se destacou no Corinthians e no Palmeiras. Já vinha com a pauta preparada, pronto para esgrimir o mantra do denunciismo. Dr. Maurício dobrou o jornalista. Mostrou que a intenção não era nefasta nem autoritária; tratava-se apenas de uma medida eficaz de segurança pública. Ele se fez tão persuasivo que a matéria caiu.

Dr. Maurício fumava quatro maços de cigarro por dia. O delegado-geral da Polícia Civil, Dr. Romeu Tuma, não ia com sua cara. Por isso, o comissionou para chefiar a DEAT, uma delegacia menor na hierarquia da instituição. Dr. Maurício tinha certeza de que o superior o grampeava, mesmo em seu escritório. Quando falava ao telefone, ele sempre dava um jeito de achincalhar o chefe. Ao telefonar para a esposa, acrescentava maledicências ao diálogo conjugal: “Oi, bem, vou chegar atrasado hoje para o jantar e o filho da puta do Tuma tá me grampeando”. Ele também era odiado na própria polícia: sua honestidade era rascante e incomodava os mal intencionados. Ainda assim, no topo da carreira, se tornou Delegado Geral e, hoje, seu nome orna uma sala na DGP, o Vaticano da Polícia Civil.

Conheci outros grandes delegados para quem fiz assessoria, no final dos anos 80: Dr. Cyro Vidal Soares da Silva, Dr. Francisco Guimaraes do Nascimento, Dr. Homero Honório Ferreira e Dr. Abrão José Kfoury Filho. Em 2002, antes de ser transferido para a TV Assembleia, fui durante 28 dias comissionado novamente no Detran para cumprir uma exigência legal. Lá, trabalhei com o Dr. Francisco Leigo e Mario Gobbi Filho. Jocosos como de costume, o atual presidente do Corinthians condicionou minha presença na corporação se eu repetisse *ad eternum* a frase que eu cunhara anos antes, e que se tornou mote para os milhares de adesivos que distribuí: “Corinthians, nada é mais bonito!”.

Terminei meus dias de funcionalismo público na TV Assembleia, após uma passagem pela Secretaria de Esportes e Turismo. Quem me fez o convite foi o deputado Paulo Kobayashi, que tinha sido meu professor no Objetivo. Lá apresentei o *Jornal da Assembleia* e o *Tribuna do Esporte*, que, aliás, entrava no ar no mesmo horário do *Terceiro Tempo*, da TV Record, que eu também apresentava. Vejam que situação cômica essa da onipresença: apesar do bom

Ibope carregado pelo *Terceiro Tempo*, recebia constantes reclamações do bispo Honorilton, uma vez que o *Tribuna* roubava minha própria audiência!

Na TV Assembleia, cumpri os últimos anos necessários para minha aposentadoria. Para falar a verdade, um dos motivos que me fez aceitar o convite de Paulo Kobayashi foi a possibilidade de se completar o tempo regulamentar de serviço público para que me fosse concedido o direito sagrado a todo o trabalhador brasileiro. Afinal, só faltavam dois anos... Era uma verdadeira questão de honra que resgatava a dureza da minha vida pregressa.

De certa forma, a aposentadoria significava o sucesso da minha trajetória. Não era do dinheiro, portanto, que eu estava atrás; afinal, ainda que tivesse me retirado com 75% do salário, o valor ao qual tinha direito não passava de uma quirera, como costuma acontecer com a esmagadora maioria das aposentadorias no Brasil (tirante os privilegiados de sempre). Foi uma espécie de orgulho que me moveu a completar o círculo: orgulho de ter vencido. Olhando para trás 40 anos, em Muzambinho, com as perspectivas que se me apresentavam na época, ainda que não precisasse, por dinheiro, cumprir meu tempo de serviço na área pública, eu devia para mim mesmo e para os que me acompanharam desde sempre aquele exercício de humildade: dar valor ao trabalho árduo e não desprezar o que se ganha com o suor. Tanto é que, repito, doo integralmente o montante da pensão para a Casa de Atendimento do Muzambinhense com Câncer, prestes a completar dez anos de existência.



Em 1976, na corregedoria do Detran, em pleno escrivanato, suando sobre a mesa de fórmica. Reparem na camisa florida, presente mais uma vez





Em 1984, com Wanderley Nogueira (à esquerda) e José Silvério, e suas respectivas
filhas, no Troféu Bola de Ouro, Rio de Janeiro

Plantão de domingo e Terceiro Tempo

Embora me esfalfasse na rádio, meu “talento” demorou a ser reconhecido: mais de uma década, para ser honesto. É verdade que tinha uma relação muito boa com o Fernando Vieira de Mello. No seu estilo morde-e-assopra, ele vivia dizendo que eu era um índio bravo, mas que quando fosse catequizado me tornaria um grande jornalista esportivo, o melhor de todos em se tratando de rádio. E ele tinha certa razão, confesso: mesmo com a cancha adquirida em quase dez anos de Jovem Pan ainda me sentia um capiau na cidade grande. A toada só começou a mudar quando fui cobrir as Macabíadas em 1985. Foi quando “descobri” que o mundo não terminava na Avenida Paulista e saquei que minha vida não podia se restringir ao *Plantão Esportivo* e ao Detran. Mas essa história conto daqui a algumas páginas.

Depois que assumi a apresentação do *Jornal de Esportes* e o comando do *Plantão Esportivo*, passei a fazer parte da vida esportiva da rádio. E, mais importante, foi onde descobri meu “lugar ao sol”: um âncora futebolístico de estúdio. Transformei essa função totalmente desprestigiada até então numa possibilidade de carreira para outros profissionais que vieram depois. Hoje, o “Plantão Esportivo” (ou “Âncora Esportivo”) não é um mero ledor de resultado; é uma peça essencial na complexa engrenagem das transmissões. Modéstia à parte, o pontapé para esse up grade foi meu. Falando a verdade, o *Terceiro Tempo* da Jovem Pan é um divisor de águas na comunicação esportiva de estúdio. Hoje, todas as emissoras têm os seus genéricos do *Terceiro Tempo* com seus âncoras valorizados.

Um passo importante para a consolidação dessa nova função foi a “invenção” do *Plantão de Domingo*, em 1978, cuja paternidade se deve a Fernando Vieira de

Mello. Desde então, inaugurou-se uma nova maneira de se tratar o futebol nas rádios, a partir do estúdio. Outra novidade foi passar a privilegiar, durante a programação dominical da emissora, a cobertura esportiva.

Anteriormente, o domingo era um dia dedicado à família e, portanto, as atrações musicais dominavam a grade. Os DJs eram as grandes vedetes das rádios. Quando a Pan quebrou esse paradigma, substituindo música por bola, causou uma espécie de escândalo no meio. Anos depois, Idalina de Oliveira, grande locutora, rádio-atriz e uma das primeiras garotas-propaganda da televisão junto com a Hebe Camargo, encontrou-se comigo por acaso e me agradeceu ironicamente. Disse que havia “roubado” seu emprego na Pan, já que a programação musical fora expurgada dos domingos. O *Plantão* passou a tomar conta do “dia da família”, registrando os bastidores do jogo, colocando na ribalta os personagens principais. Eu capitaneava as transmissões no pré-jogo e podia dar vazão a meu repertório acumulado de memória esportiva. O programa agradou tanto que me acompanhou, na Pan, entre 1978 e 2005 e já há oito anos na Bandeirantes, onde o apresento por até sete horas direto. E de improviso!

Durante a década de 70 e começo da década de 80, a Jovem Pan tinha em mãos um verdadeiro case no pós-jogo: o humorístico-esportivo *Show de Rádio* que marcou época, fazendo paródia e imitando os jogadores. Tirante a reprise dos gols, o programa quase não tinha relação com o jogo que recém-terminara, mas fazia um sucesso danado, conduzido pelo sensacional Estevan Sangirardi. A audiência era tamanha que mal o juiz apitava o fim da partida, aquela fieira de personagens invadia a transmissão, sem intervalo para não desperdiçar o público. Na sequência, eu voltava para o ar, com o *Plantão Esportivo Permanente* e as últimas informações da rodada.

Embora já contasse com certo nome na seara esportiva, ainda ressentia de reconhecimento da Jovem Pan em relação à minha dedicação e competência. Trabalhava como um escravo, ganhava pouco e não me davam muito espaço. Minha sorte só foi mudar em 1982, quando o Estevan Sangirardi, numa resolução absurda e tresloucada, decidiu abandonar a emissora em plena Copa do Mundo da Espanha, trocando a Pan pela Bandeirantes, concorrente direta. Do meu ponto de vista, foi uma decisão terrivelmente equivocada de sua parte. A mudança determinou o eclipse do programa, que nunca mais se reergueu. Foi uma atitude intempestiva que quase enlouqueceu a diretoria da Pan. A pergunta que ficava no ar era como preencher a lacuna deixada por um campeão de audiência e de faturamento. Tuta agiu rápido e “inventou” de bate-pronto um programa pós-jogo:

o *Terceiro Tempo*! O nome fora tomado de um informativo de final de noite que levava ao ar o resumo das notícias do dia. Não era um programa esportivo. Para se ter uma ideia da responsabilidade que estávamos assumindo, o programa estreou logo depois do fatídico Itália 3 x 2 Brasil, comandado pelo grande Telê Santana.

Pois, então, foi a partir dessa sequência de coincidências que eu assumi o programa que se tornou, como um patronímico, minha própria razão de ser, além de ter impulsionado de vez minha carreira. Eu brinco (com um fundo de verdade) que se Deus me concedesse outro filho, lhe daria o nome de Terceiro Tempo Neves, para simbolizar a importância que essa marca tem para mim. Hoje, possuo a propriedade do nome Terceiro Tempo, que foi criado em Porto Alegre (RS), além da exclusividade do seu uso nos mais diversos ramos de atividade – jornal, publicidade, imobiliária. Posso dizer, sem medo de errar, que me apropriei do *brand*. E isso só foi possível devido a uma certa avareza do ‘seu’ Tuta, que, não antenado, ficou com preguiça de registrar o nome no Instituto de Marcas e Patentes. Na época, eu nem sabia que marca se registrava, mas com a permissão da diretoria da rádio eu paguei a merreca que cobravam para a inscrição, a qual, aliás, só levei adiante porque havia a possibilidade de o *Terceiro Tempo* ser exibido na TV Manchete. Vejam que coincidência... mais uma.

Em 1994, estava em meu escritório, quando apareceram Hélio Vargas, que foi meu diretor na Record e na Band (hoje está na Rede Globo) e Emílio Surita, que apresentava um programa musical na Jovem Pan 2. Vieram com a ideia de produzir um programa esportivo para a tevê. Fiquei animadíssimo, pois estava querendo muito me arriscar em novas empreitadas. Fomos procurar Osmar Gonçalves, homem poderoso da Manchete, então diretor comercial da emissora, que condicionou a viabilidade do negócio à comercialização, de nossa parte, de metade das cotas de patrocínio. Prontamente, fechei com a Rede Zacharias e com o Bradesco. Além disso, para utilizarmos o nome Terceiro Tempo no novo programa era preciso a anuência da rádio e o registro no Instituto de Marcas e Patentes. Tuta me concedera de antemão a autorização, mas não quis registrar a marca. Lembro que quando fui informá-lo sobre a necessidade daquela providência, ele me respondeu, bastante irritadiço, como de praxe: “Ah, não! Tem custo, tem custo... Se quiser, você registra”. Dali uma semana, recebemos a notícia de que a Manchete já havia vendido o horário de segunda-feira à noite para outra produção, o que inviabilizou a exibição do *Terceiro Tempo*. Confesso que fiquei bastante frustrado.

No rádio, o programa já estava emplacado. Não havia nada similar na praça. Um pós-jogo que literalmente invadia os vestiários e fazia prolongar a emoção da partida. Em pouco tempo, o *Terceiro Tempo* se tornou o modelo a ser copiado. É um conceito que passou referenciar os programas que vieram depois. E isso vale até hoje.

Logo de saída, o pós-jogo segurava uma bela audiência e faturava adoidado. Seu sucesso alavancou minha carreira, me deu bastante moral com a diretoria, principalmente quando começou a atizar o departamento comercial com o potencial para atrair patrocínios. Nosso primeiro *sponsor* foi a Rede Zacharias de Pneus e Acessórios. Do lado jornalístico, o *Terceiro Tempo* rendeu grandes momentos: entrevistas memoráveis, passagens cômicas e episódios saborosos. Lembro, por exemplo, da primeira e única vez que vi o Garrincha.

Foi assim: em 1982, a Jovem Pan decidiu tornar habitual a prática de trazer convidados para participar das transmissões. Nos programas pilotos, por assim dizer, vieram os ex-árbitros José Roberto Wright e Arnaldo Cézar Coelho. A ideia era mantê-los no estúdio até a hora do jogo e depois mandá-los para o estádio, participar da transmissão ao vivo. Finda a jornada, ainda participavam do *Terceiro Tempo*.

O primeiro convidado oficial foi Manoel Francisco dos Santos, o Mané Garrincha. A rádio pagava um bom cachê, uns dois mil reais no dinheiro de hoje. Para Garrincha, muito mal das pernas, aquilo valia muito. No final, para se sustentar, jogava por umas quireras nas várzeas da vida. Num certo domingo, depois de uma pelada no campo do Jabaquara, chegou numa viatura da Pan, junto com o repórter Michele Marino, para participar do programa.

No fim do dia, o pagamento. O cheque, em vez de trazer o valor redondo, já computava os descontos de fundo de garantia, de imposto de renda, etc. Garrincha estrilou. O diretor José Carlos Pereira da Silva pagou a diferença do próprio bolso. O pior foi quando o craque foi remexer os bolsos na busca dos documentos para conferir o CPF necessário para a quitação. Daquela barafunda amarfanhada de papéis diversos, maço de cigarro, notas miúdas, bilhete de loteria, Garrincha sacou uma carteira de identidade toda amassada, com as bordas de plástico carcomidas e foto amarelada, de onde mal se divisavam as informações pessoais. Depois de cumpridos os trâmites, Mané foi embora. Fiquei reparando no caminhar dele. Acompanhei-o até o elevador – aquelas pernas tortas, famosas. Nunca vou me esquecer dessa cena.

Da Jovem Pan, guardo alguns outros momentos memoráveis. Muitos deles, por óbvio, ligados ao futebol. Foram tantas entrevistas, reportagens, furos... Nunca mais o rádio esportivo fará igual, muito por culpa dessas malditas e modorrentas entrevistas coletivas.

De passagem, me lembro de alguns episódios. Uma entrevista que fiz com Cafu, no comecinho da carreira dele no São Paulo ficou na minha memória. Era para ser mais uma entrevista com um jovem promissor, cujo risco de dar em nada parecia ser muito grande. Aliás, no meio esportivo, quando alguém diz “olha, anotem esse nome... esse vai ser craque”, pode ficar certo de que o fracasso é iminente.

Num domingo de manhã, na Jovem Pan, estava fazendo o programa, e o repórter Dirceu Cabral entrou no ar para dar as informações do São Paulo: “Milton Neves, estou com um menino aqui e queria que você anotasse esse nome”. Perguntei como o garoto se chamava: “É Cafu. Esse vai emplacar”.

Coloquei o menino na linha e comecei conversar. Fiz as perguntas de praxe: idade, estado civil, família. Ele contava 17 anos, quase 18, era solteiro e já tinha dois (!!!!) filhos, com o terceiro a caminho. Outro dia, numa entrevista com a Regina, a mulher do Cafu, que está casada com ele desde a época em que viviam no Jardim Irene, respondeu aos meus parabéns pela longevidade do matrimônio, explicando que a longa duração devia-se ao fato de ter se casado com o Marcos e não com o Cafu. Dessa vez, fui pé-quente, para a desgraça dos meus destratores que caçoam da temperatura de meus pés...

Outra entrevista marcante que fiz foi com o saudoso Dr. Sócrates. Em um domingo de 1983, antes da decisão do Paulistão entre Corinthians e São Paulo, o repórter João Bosco colocou o Magrão na escuta para a famosa “uma pergunta só”. O repórter estava na porta do hotel, concentração do Timão, antes da partida. Eram 11h da manhã e o democrático jogador havia recém-chegado no local.

Para esse mesmo domingo, estavam programados importantes exames vestibulares. Com o craque na escuta, não titubeei – perguntei na bucha, sem bom dia: “O que o deixa mais nervoso: a grama decisiva do Morumbi ou o banco da escola no vestibular?”. Ele permaneceu em silêncio. Fiquei com medo de que me ignorasse. Mas, de repente, começou a matraquear. Falou por longos cinco minutos – um milagre para um sujeito extremamente inteligente que odiava pergunta comprida e que amava dar respostas curtíssimas. E concluiu: “É claro que o banco da escola na hora do vestibular!”. A entrevista seguiu por quase uma hora – um recorde! O assunto? Educação. Não falamos uma vírgula sobre futebol.

Algumas horas depois, ele arrebentaria com o São Paulo. Com o Timão campeão, a comemoração teve lugar numa casa noturna. Em meio à festa, abordado pelo jornalista Orlando Duarte, Sócrates perguntou quem era o jornalista que fizera aquelas questões diferentes. De bate-pronto, Orlando respondeu: “Uma revelação”.

Disso jamais me esquecerei, como ficará sempre na minha memória a saudação que Sócrates fez a mim, antes de um jogo do Corinthians no Maracanã, quando nasceu meu terceiro filho, Milton Neves Netto. Em 6 de março de 1983, o repórter Israel Gimpel, no gramado, avisou-o sobre o nascimento de meu filho. Sócrates fez questão de, antes do jogo (uma raridade), colocar o fone e me cumprimentar, desejando felicidades ao bebê que havia nascido em Muzambinho.

Uma pena que nada disso ficou registrado para os anais do jornalismo. Na época, era caro e raro gravar reportagens para arquivo. Só excepcionalmente, a direção da Jovem Pan autorizava o procedimento. O velho bordão do ‘seu’ Tuta - “tem custo, tem custo” - se fazia escutar, e o acesso às tão sonhadas fitas K-7 de capinha vermelha ficava para as calendas. Fazer o quê? Azar da história...

Corinthians 1 x 1 São Paulo

Local: Estádio do Morumbi - São Paulo (SP)

Data: 14/12/1983

Árbitro: Dulcídio Wanderley Boschillia

Público: 88.085

Renda: Cr\$ 126.715.000,00

Corinthians: Leão, Alfinete, Mauro, Juninho, Wladimir, Paulinho, Sócrates, Zenon, Biro-Biro, Casagrande (Wágner) e Eduardo.

Técnico: Jorge Vieira

São Paulo: Waldir Peres, Paulo (Paulo César), Oscar, Daryo Pereira, Nelsinho, Zé Mário, Humberto (Gassen), Renato, Márcio Araújo, Marcão e Zé sérgio.

Técnico: Mário Travaglini

Gols: Sócrates (46 - 2º) e Marcão (48 - 2º)

Me recordo de um outro episódio marcante que não está relacionado ao futebol. Sua dimensão trágica marcou demais a minha carreira. Era sábado de carnaval. Mais precisamente 14 de fevereiro de 1981. Dia importante: o Brasil

jogaria uma partida amistosa em Quito, no Equador. Como de costume, saí cedo de casa, na rua Capote Valente, rumo à Joven Pan a bordo da minha “possante” Brasília.

Em frente ao Conjunto Nacional, o farol ameaçou fechar, reluzindo a luz amarela. Eu bem poderia ter avançado o sinal naquela manhã preguiçosa, mas resolvi não seguir. Ou seja, minha previdência ao volante me propiciou um dos maiores furos jornalísticos da minha carreira. Outra coincidência fantástica. Pois, assim que parei o carro, reparei, no lado esquerdo, uma fumaceira danada. Quando firmei os olhos na fachada do Edifício Grande Avenida, me dei conta de que as labaredas já lambiam o prédio.

Apertei o pé e rápido cheguei na rádio. Fui direto para a cobertura do prédio, que também fica na Paulista. Meu figurino era uma lástima: bermudão e chinelo de dedo. Paulo Barreiros Freire, chefe da técnica, me entregou um microfone e me pus a narrar, sozinho a princípio, o desenrolar da tragédia.

Foi um furo sensacional, num tempo sem celular ou internet. Para resumir, fiquei sete horas no alto do edifício. Naquela época jogo do Brasil era sagrado. A equipe toda no Equador – José Silvério, Wanderley Nogueira, Orlando Duarte, Bento de Oliveira – e a partida simplesmente não foi transmitida. Só deu Jovem Pan. Eu cheguei primeiro no 25º andar, depois fui ladeado por mais uns dez repórteres. Foi inesquecível.

A cobertura tornou-se um grande aprendizado para mim – profissional de estúdio que só falava de futebol comandando a reportagem. No dia seguinte, recebi vários elogios escritos na “pedra” da redação. A tônica das mensagens era a surpresa das pessoas que diziam achar que eu só sabia falar de futebol. Uma pena que não guardei esses bilhetes.

A tragédia foi considerável: morreram 17 pessoas e mais de 50 ficaram feridas. O dano só não foi maior porque era Carnaval. A reportagem do incêndio foi uma lição marcada na carne de uma máxima apregoada por Fernando Vieira de Mello (e que aprendi a fórceps na minha carreira). Ele dizia mais ou menos assim: a responsabilidade número um da emissora é com o ouvinte e nada é mais importante do que a prestação de serviço. O dinamismo inerente ao veículo, ainda mais numa época pré-internet, fazia do rádio um instrumento de comunicação imediato. Eu mesmo fui suspenso algumas vezes quando não obedeci a essa prescrição. Quando ancorava o *Plantão Esportivo* me demorava demais nas informações sobre futebol, relegando para segundo plano assuntos mais

prementes. O incêndio do Grande Avenida foi a epítome desse modelo de fazer jornalismo criado pela Jovem Pan, e que se espalhou como paradigma.

Nesse mesmo dia, depois de umas quatro horas ininterruptas de cobertura, desci para o 24º andar, sede da Pan, arejar o gogó. Me veio a ideia de ligar para a rádio Continental de Muzambinho, reportar o sinistro em primeira mão. Era um momento marcante da cidade, do jornalismo e da minha carreira. Precisava informar a aldeia os eventos da metrópole, mesmo que fossem trágicos. No fundo, queria enaltecer a pequenez de Muzambinho, que na sua modéstia, não costumava viver dramas daquele talante. Enfim, tinha uma necessidade anímica de me conectar com os meus.

Chamei três vezes a cobrar, mas por falta de verbas, o pessoal rejeitou minha ligação. Da minha parte, tinha muito pudor em abusar da Jovem Pan e resistia a fazer um interurbano de cunho pessoal. A custo, venci meus bloqueios e entrei no ar, ao vivo, em pleno programa do João Baptista da Silva, o João Dureza, um veteraníssimo do rádio. Na época, ele apresentava um “campeão de audiência”, que ressoava longe pelo Sul mineiro, o programa *Cidade Sertaneja*. Na minha cabeça, a assimetria de *status* entre João Dureza e eu era a mesma de São Paulo a Muzambinho. Ele era um ícone; eu, um bagrinho.

Dureza me pôs no ar. Depois de terminado meu boletim exclusivo, ele passou a se desfazer em elogios. Disse que eu era um orgulho para a cidade, que eu era o melhor repórter que ele conhecia. E não falava isso da boca para fora: afirmava com convicção. Até hoje esse episódio me emociona. Lembrar João Dureza do outro lado da linha, impressionado com meu relato, me deu a noção exata do que é ser jornalista. Abrir mão de todo o resto para buscar a notícia, a satisfação do ouvinte, do público.

João Dureza está marcado na minha vida. E assim restará eternamente. Digo isso sem qualquer licença poética. Seu túmulo fica ao lado do túmulo de minha mãe, em Muzambinho. Cada vez que vou visitá-la, faço questão de dar uma palavrinha com ele. Paro diante de sua “última morada”, abro os braços e o agradeço de viva voz. Quem passa perto, acredita piamente estar diante de um maluco... Um detalhe emocionante: no epitáfio que adorna seu mausoléu lê-se a seguinte frase: “Enquanto houver uma moda de viola, e uma folia de Reis, João Dureza nunca morrerá”.

Essa mesma experiência que sorvi dos veteranos durante meus tempos de noviciado, procurei transmitir para os garotos que passaram pela Pan ou que trabalham comigo na Bandeirantes e no meu portal de internet. Muitos deles estão

muito bem colocados na vida. O mesmo orgulho que João Dureza disse ter sentido de mim, quando liguei para a Continental no dia do incêndio do Grande Avenida é o que eu sinto de gente como Fabricio Bataglini, Pedro Bassan, Otávio Mesquita, Alan França Pires, Gustavo Grohmann, Paulo Galvão, André Kfourir, Ernesto Paglia (por segundos), Monalisa Perrone, Valmir Salaro, Renata Fan, Oscar Godoi, Daniela Freitas, Chico Prado, e tantos outros. Espero que para todos esses “meninos” possa ter dado algumas dicas valiosas e ensinado alguma coisinha da profissão que eu abracei. Diz o ditado que se conselho fosse bom a gente vendia, mas pelo menos uma lição fiz questão de transmitir para essa turma da nova geração. Dizia para todos, sem exceção: “Treina bastante aqui e vai para a televisão. Radio é trampolim. Eu já sou puta velha, mas vocês podem voar”. E na Pan, dizia o Silvinho do caixa, só duas pessoas conseguiam ganhar dinheiro: o ‘seu’ Tuta e eu.

Num domingo, Fabricio Bataglini me confidenciou em primeira mão, antes mesmo de anunciar à sua família, que havia recebido uma proposta da Rede Globo e que pediria demissão no dia seguinte. Disse que me agradecia muito pelo conselho e que parte da coragem necessária para a mudança viera da minha insistência. Bataglini trabalha até hoje na Globo, na produção do programa de Ana Maria Braga. O narrador Milton Leite, hoje no Sportv, foi outro que se aconselhou comigo antes de aceitar o convite da ESPN e deixar a Pan.

Um repórter, hoje global, que literalmente, e por coincidência, começou a carreira comigo foi Ernesto Paglia. A primeira vez que entrou no ar foi numa quarta-feira, dia de futebol. Era um Inter e Corinthians o jogo-comando, com José Silvério narrando. Ele se sentou ao meu lado no estúdio para dar a notícia de um congestionamento na Anchieta. Meu operador Paulo Barreiros Freire avisou Silvério que o repórter Ernesto Paglia entraria ao vivo. Pois bem, num intervalo da transmissão, o narrador chama em alto e bom tom: “Agora Ernesto Paia com informações do trânsito. É com você, Paia”. Antes de ligar o microfone, Paglia desabafou num impropério cabeludo: “Paia é a puta que pariu”. No ar, recuperou a compostura e deu o boletim sem problemas. Retomando a transmissão, Silvério insistiu. “Bem, os senhores ouviram Ernesto Paia, com informações do congestionamento na Anchieta”. Ainda puto da vida, o repórter novato saiu do estúdio soltando os cachorros. “Desde criança me sacaneiam o nome... agora aqui também. Paia é a puta que o pariu”. Me lembro que Paia, ops, Paglia tinha um Chevette branco, caindo aos pedaços, emplacado em Ribeirão Preto, sua cidade

natal. Várias taxas e multas pendentes para piorar o cenário. Ajudei-o a elaborar os recursos para o Detran e nos livramos de algumas dívidas.

Outros jornalistas que passaram pela Pan e hoje têm grande cartaz são Monalisa Perrone e Cesar Tralli. Monalisa, a quem carinhosamente apelidei de “Carnudinha”, por motivos pouco lisonjeiros que prefiro declinar, tinha o vício de se aferrar muito ao texto escrito, o que tornava sua locução meio travada. Com o Tralli era a mesma coisa. Vivia insistindo para que improvisassem mais. Um dia, antes de entrar no ar, arranquei o papel das mãos de Monalisa, que começou a se debulhar em lágrimas, coitada. Depois, pegou os macetes e hoje dá show na televisão.

Outro que ajudei no início de carreira foi Everaldo Marques, da ESPN, nota 1000 em tudo que faz. Levado para a Pan por Flávio Prado, era o melhor aluno do pedaço. Humilde, modesto e sonhador, queria fazer tevê, e ganhava muito pouco no rádio. Durante uma participação especial que fez no curso de jornalismo Praetzel-Fábio Neves Terceiro Tempo, revelou que o cachê que havia recebido era superior ao seu salário na emissora. O mesmo vale para Felipe Motta, outra jovem realidade do jornalismo esportivo. Todos eles, salvo algumas exceções, como Milton Leite, sempre demostram ser muito gratos a mim. E, como digo sempre, a gratidão é a maior virtude do homem, base de todas as demais.

Claro que o mérito é pessoal de cada um, eu não poderia dizer diferente. Mas vendo todos eles com carreira já sedimentada e realizando o fino do jornalismo não posso esconder meu sentimento de orgulho, mesmo que minha colaboração seja na base de 0,1%.



Na redação da Jovem Pan, em 1987. Da esquerda para a direita: João Antônio de Carvalho, Flávio Prado, Nilson César, José Carlos Carboni (em pé), Milton Neves e Luís Carlos Quartarollo

O faraó da tevê

Certa noite, em 2003, jantava eu na companhia de amigos no La Tambouille, restaurante top de linha em São Paulo. Tínhamos entornado umas e outras quando aborda nossa mesa a eterna musa da tevê brasileira, a saudosa Hebe Camargo. Ela me disse: “Você está ótimo até em programa policial”. Era o *Cidade Alerta*, da Record, que apresentava à época substituindo José Luiz Datena.

Como sempre, ela se mostrou muito carinhosa com todos. Confesso que já estava um pouco balão, já que sou desacostumado a farras etílicas. E, no embalo de Baco, ela pediu um selinho para mim. Solicitação prontamente concedida.

Talvez pela emoção do momento, retribuí a boa ação com a maior rata que dei na vida. Com minha voz de locutor, em frente a todos aqueles preclaros comensais, lancei a pérola em alto e bom som: “Hebe Camargo, foi uma emoção muito grande ter beijado o faraó da televisão brasileira”.

Passados os breves segundos do indefectível silêncio constrangedor, a plateia caiu na risada. Inclusive a homenageada. Eu fiquei com uma baita vergonha daquela saia justa...

E na “plateia” era composta “só” por João Carlos Di Gênio, Abílio Diniz, Jorge Bornhausen, Isael Pinto dos Sucos Camp, Olacyr de Moraes e suas moças e etc...



O sine qua non do Leônidas



Em 1973, em uma sexta-feira, quando Joseval Peixoto voltou à Jovem Pan, vindo da Rádio Bandeirantes, a ideia era que dividisse as incumbências da narração com Osmar Santos, que já comandava 70% dos jogos importantes. Joseval, com uma prole de miúdos, declarou que não tinha mais condições de trabalhar em um dos finais de semana por mês. Mesmo que fosse jogo de Copa do Mundo, ele requisitava uma folga. Era sua condição *sine qua non*.

Vejam o que se sucedeu. Leônidas da Silva, o comentarista líder da equipe, se esgueirou na turma, escolheu o mais humilde de todos, logo eu, óbvio, e me indagou, com um olhar suplicante: “Menino, o que é *sine qua non*, hein?”. Explicada a expressão latina, ele se deu por satisfeito.

Pois bem, durante a primeira transmissão após a reunião, logo no clássico do domingo, Osmar Santos, como sempre chamou a participação do comentarista da seguinte maneira: “E agora, a opinião de Leônidas da Silva, o Diamante Negro, ele esteve lá!”. Aí, Leônidas, “analisou” o renhido São Paulo e Corinthians, no Morumbi, resolvendo usar sua nova sapiência e deitou o verbo: “Senhoras e senhores, quero dizer que esse jogo está muito... *sine qua non*, porque essa é uma condição de *sine qua non*, quem tiver mais *sine qua non* ganha o jogo”.

E Telê Santana quis me matar

A cena se passou em 1992, no restaurante Esplanada Grill, que não existe mais, por ocasião do aniversário do saudoso Julinho Bordon. Fui à festa acompanhado do “voz de trovão” Antônio Freitas, até hoje locutor da Rádio Jovem Pan. Não deu nem tempo de piscar: quando me dei por mim, Telê Santana segurava uma faca contra meu pescoço naquela enorme mesa compartilhada por Osmar Santos e Rosa Maria, então sua esposa, Carlos Alberto Torres, Kalef João Francisco Neto e Fernando Casal De Rey, ex-diretor do São Paulo.

Numa das extremidades do instrumento cortante estavam os dedos nodosos, as mãos trêmulas, de Telê Santana. Na outra, a minha jugular. Por minuto e meio, se tanto, passaram aqueles filminhos na minha cabeça. Os melhores momentos da vida. Da família. Os gols mais sensacionais. Até que o técnico do São Paulo interrompeu a sessão com seus berros:

- Fala agora! Fala agora, coió, se você for homem! Fala na minha frente que eu botei o Elivélton na reserva do São Paulo por inveja do Parreira...

Tentei balbuciar algo. Mas a lâmina não deu trégua. Arrochou mais ainda. O pomo de Adão já começava a ficar avermelhado. Afinei um pouco mais o pescoço para tentar me livrar do aço selvagem da faca. Não funcionou. Meus pés subiram ao ar como se eu galgasse uma escada imaginária. São meus segundos finais.

Telê voltou à carga:

- Você falou que tenho inveja do Parreira. Você disse que eu coloco o Elivelton na reserva só porque, na Seleção, com o Parreira ele é titular. Repita agora!!!! Repita... Saiba que o Elivelton não está jogando nada, por isso está no banco...

Então, puxado por Fernando Casal De Rey, Telê distende finalmente os músculos, a faca se abaixa. Eu estou arrasado. Mas a salvo. Quase fui dessa para a melhor, graças a vaidade do Mestre, e também pela minha verve polêmica. Fazer o quê? Ossos do ofício... E o detalhe: a faca era de ponta reta, texana, e não pontiaguda como quase todas.



Milton Leite e seus colchões

Milton Leite é um dos melhores jornalistas que conheci. Sujeito eclético e culto. Com ele trabalhei anos e anos na Rádio Jovem Pan. Eu o chamava de “Milton Bom”. Juntos, torcíamos e rezávamos por Guga em seus áureos tempos de Roland Garros. Um dia, ‘seu’ Tuta, dono da Jovem Pan, parou o Milton Leite no corredor e, ao meu lado, comunicou-o que estava escalado para, junto comigo, transmitir futsal na TV Jovem Pan, Canal 16 UHF. Milton Leite relutou, mas “intimado” foi para o Ginásio Presidente Cyrillo, perto do Parque São Jorge. Estava muito receoso, pois não tinha qualquer experiência em narração esportiva. Ele faria a preliminar, Wimpro x Cães Vadios, e eu, o jogo de fundo, Corinthians e Palmeiras.

Vendo sua apreensão e aflição, inverti os jogos, dispensei o comentarista Mário Travaglini e narrei o primeiro jogo – uma pelada – ladeado por Milton Leite, que fez as vezes de comentarista. Na verdade, minha intenção era ambientá-lo com a nova função, deixá-lo à vontade com o retorno, o timing; enfim, com as manhas da transmissão. A ideia era que ele narrasse o jogo com o Emerson Leão de comentarista. E assim foi. Competente, acalmou-se, comentou e depois transmitiu seu primeiro jogo da vida. E bem. Ao final, feliz, me abraçou e disse que eu tinha sido um pai para ele.

E seguimos a vida na Jovem Pan, rádio e TV. Quando a TV encerrou as atividades, Milton Leite foi convidado para trabalhar na ESPN. Imediatamente, ele me consultou se a mudança seria benéfica. Respondi para que fosse “ontem”, pois, financeiramente, a Jovem Pan era boa apenas para ‘seu’ Tuta e para mim. O resultado foi um sucesso!

Nossa relação começou a estremecer quando Milton Leite teceu críticas a meu respeito na internet em razão de um episódio em que José Trajano, seu chefe então, me ofendeu no ar e foi processado.

Ingrato, agindo como uma cobra venenosa para puxar o saco de seu diretor, escreveu que era uma vergonha “fazer referência a duas cervejas” na mídia. Ora, desde 1994 que venho sendo contratado por cervejarias em

meus trabalhos de rádio e tevê, sendo disputado a tapa por elas. Mas sempre anuncio uma de cada vez, nunca ao mesmo tempo, o que seria um absurdo.

Mas quem fez *merchan* simultaneamente para três marcas concorrentes de colchão na Rádio Jovem Pan? Justamente o “crítico” Milton Leite! E por um longo tempo no Show da Manhã, jornal que apresentava, e muito bem. E aí vem me criticar só porque eu trocava de cerveja de dois em dois ou de cinco em cinco anos?

E por que ele passou a fazer *merchan*?

Um belo dia, meados dos anos 90, um desesperado Milton Leite me procurou em meu escritório, onde aparecia só ao meio-dia e no final da tarde. Foi me comunicar que havia se apaixonado por uma repórter da rádio e que estava em dificuldades financeiras devido a despesas com a família anterior e com os gastos do novo relacionamento.

Ele ansiava por fazer *merchan*, mas seu Show da Manhã não contemplava ações de *merchandising* no plano comercial. Diante de sua insistência canina, eu fui tentar dobrar o ‘seu’ Tuta, que resistiu, mas concordou. Isso fez com que Milton Rodrigues Leite recebesse de minha agência sua remuneração mensal – cachê por testemunhais dos colchões concorrentes Copel, Ortobom e Giorgio Nicoli.

Meses depois, ele volta a implorar por mais *merchans*, alegando que as despesas haviam aumentado. Mais uma vez, consigo dobrar ‘seu’ Tuta, com o argumento de que manchetes negativas sobre Milton Leite poderiam manchar a reputação da rádio. O dono da rádio cedeu, aumentamos os *merchans* e os repasses para o narrador. Milton, mais uma vez, emocionado, disse que eu era o seu segundo pai.

Pai nada! Tratou-me como um “madrasto”, criticando hipocritamente minhas anuais mudanças de cervejarias e virando a cara para mim em 2010, no Rio, durante a convocação de Dunga para a Copa, e nos estúdios da Rede Globo, na África do Sul, quando fui entrevistar Galvão Bueno.

Na verdade, ele não virou o rosto. Ficou é com vergonha de me encarar.



Sócrates e a Schincariol

Ali pela segunda metade dos anos 90, eu era apresentador do MediaCast, um projeto pioneiro lançado nos balbucios da internet que transmitia via web conteúdo jornalístico e esportivo. Chegamos, inclusive, a transmitir um *Terceiro Tempo* com o suporte tecnológico da empresa, mas a Jovem Pan não se interessou muito e não soube capitalizar aquela estupenda revolução tecnológica que se anunciava. Foi a primeira vez no Brasil que um programa esportivo foi ao ar ao vivo pela “nova” internet.

Enfim, mesmo sem a parceria da rádio, a MediaCast continuou a operar. Lá tive a chance de realizar várias e encorpadas entrevistas num programa que durava duas horas, dentre as quais me lembro com carinho da que fiz com o Doutor Sócrates. Durante todo o tempo, ele não largou sua latinha de Skol. Deve ter tomado umas quinze.

Aquela foi a primeira vez que estive cara a cara com o Magro. Já o havia visto em uma ocasião, mas de relance, quando, em 1983, ele saía furtivamente da garagem do prédio da Jovem Pan diretamente para o elevador que o levaria até a sala de um misterioso italiano, com escritório no mesmo edifício da rádio. Foi nesse dia que Sócrates acertou pessoalmente sua transferência para a Fiorentina.

Ao final da entrevista, da qual Raí participou de metade, informei que, conforme costumava fazer com os convidados, mandaria uma geladeira personalizada da Schincariol, minha parceira na ocasião, assim como uma



Kombi lotada de camisetas, relógios de parede, canetas, bonés, guarda-sóis, guarda-chuvas e dezenas e dezenas de caixas de água mineral, refrigerantes e cervejas da marca. Ao escutar o nome da cerveja, ele não se fez de rogado, levantou os dois braços e, gargalhando, berrou: “Essaaaa... só em últimaaaaaaaaaaaaa instânciaaaaaaaaa!!!!!!!”. Mas, conta Terence Paiva, seu amigo e hoje meu companheiro de Band, que ele recebeu tudo em sua casa no Brooklin e bebeu sim as “Schincarióis”. E depois vendeu a casa com a geladeira e tudo.





Na redação da Jovem Pan, no início da década de 1980, com uma bolsa promocional da Rede Zacharias de Pneus

Publicidade e viagem para Israel

Em 1982, já desfrutava de um certo sucesso devido ao *Terceiro Tempo*, que já bombava na audiência. No entanto, não havia jeito: continuava ganhando uma merreca. Me virava do jeito que dava – na rádio e no Detran. Eu e minha Brasília velha. A oportunidade de fazer um *up grade* no quesito automotivo veio com uma venda em baciada dos carros que eram descartados pela diretoria da GM. Nessa, comprei uma Caravan, onde cabia, com folga, a família toda. Mas em cavalo (quase) dado não se olha os dentes. Me venderam o carro com os pneus em frangalhos. Certamente substituídos, à socapa, antes do negócio ser fechado. Quem poderia prever que devido a essa insuspeita calvície, consegui meu primeiro patrocínio? Mais uma das coincidências que guiam minha vida.

Pois, sem me fazer de rogado, estacionava minha Caravan no pátio do Detran, com os pneus reluzentemente à mostra. Certa vez, o delegado Sérgio Madureira me chamou de lado para uma admoestação muito justa. Afinal, casa de ferreiro, espeto é de pau. Funcionário do Detran com os pneus carecas? Onde já se viu...

A minha fortuna foi retroativa. Explico o porquê. Dois anos antes, conhecera no Detran Ademir Lopes Parra, um dos diretores da Rede Zacharias de Pneus, que viera fazer o BO de um estelionato de que havia sido vítima. Um gaiato havia lhe emitido um “cheque borrachudo” na compra de dois Rádios Rio de Janeiro, o top de linha da época. Numa época pré-cartão de crédito, esse golpe era muito comum. Por sorte, ele havia anotado a placa do carro e, após um eficiente trabalho de investigação, chegamos no 171, que se viu obrigado a pagar o que devia. No fim das contas, Ademir ficou contentíssimo.

Com os pneus carecas na minha Caravan nova decidi ir à loja de Ademir solucionar o meu problema. Não apenas me agraciaram com um desconto de 10%,

como também ganhei “lindas” rodas raiadas, que o pessoal achava bastante bregas, mas ornaram muito bem na minha Caravan. Na ocasião, estava presente outro diretor da rede, Luis Antonio Píccolo, que elogiou muito o *Terceiro Tempo*, a ponto de me oferecerem um patrocínio. Disse que não sabia como funcionava o negócio, mas que me interessava, sim. No entanto, sem dar muita trela para a proposta. Marcaram comigo no dia seguinte às sete da madrugada: em ponto. Dei uma atrasadinha básica, sem desdém nenhum, apenas dando vazão à minha caipirice. Uma oportunidade de ouro que só vim a vislumbrar mais tarde. Tomei um presta-atenção daqueles. E ganhei nova chance, já que a diretoria comercial, claro, não havia esperado a primadona chegar. Marcaram o encontro para o mesmo horário na manhã seguinte. Tomei tenência e cheguei na hora aprazada. Fechei, sem problemas, o patrocínio. A partir de então o bordão “Zacharias é uóóóóóóótimo” me acompanhou por doze anos, enchendo o microfone da Pan. Durante muitos anos a rede automotiva seguiu como meu *sponsor* exclusivo.

O mais curioso foi que no mês seguinte, me chamaram no caixa para assinar um boleto. Logo lamentei: acreditava que seria mais uma vez admoestado por alguma falta que tivesse cometido, como costumava acontecer com certa frequência. Chegando na boca do caixa, Silvio Malagola, vulgo Silvio Pintado, no seu proverbial mau humor, mandou que eu assinasse logo a via. Diante do meu embasbacamento, decidi me esclarecer a questão: “É a tua comissão do Zacharias”. Eu olhei para aquele cheque do Banco Nacional, e olhei de novo e tornei a olhar. Os cifrões cintilavam. Achei que houvesse alguma coisa errada... Era quase o dobro do meu salário mensal. Cheguei em casa com aquela dinheirama (para os meus modestos fundos) e mostrei para a Lenice. Decidimos ir para Santos no fim de semana seguinte. Nos hospedamos no Hotel Parque Balneário, com direito a camarão no jantar. Gastei metade da comissão nessa extravagância. Na volta para casa, Lenice ponderou que devíamos guardar o dinheiro e, no futuro, comprar uma casa no litoral, sonho antigo dela. Desde então, guardei religiosamente todo o dinheiro que recebi do Zacharias, morrendo de medo que ele largasse mão de mim... Durou doze anos.

Ainda assim, eu fiquei durante muito tempo sem ter a dimensão do meu lugar na publicidade. A ficha só caiu quando, muitos anos depois, o mesmo Silvio Pintado que me pagou a minha primeira comissão, me encontrou no corredor e disse: “Milton Neves, no que diz respeito a faturamento, essa radio só é boa para dois caras. Para o Tuta e para você”.

O casamento entre jornalismo e publicidade rendeu muito patrulhamento na minha carreira. Hoje, um pouco menos, pois as vestais começaram a perceber que as atividades não são incompatíveis. Ao contrário. Não há qualquer conflito de interesses, uma vez que a publicidade não interfere na credibilidade do jornalista. O *merchandising* que faço para determinada empresa, os eventos institucionais de que participo ocorrem em espaços separados. São as empresas patrocinadoras que produzem o material. Minha função é apenas a de reproduzi-lo, com clara distinção do conteúdo editorial. E não estou sozinho nessa empreitada: muitos jornalistas consagrados se dedicam à publicidade, sem prejuízo da reputação que construíram. Mesmo os grandes jornais, hoje em dia, se renderam à publicidade para sobreviver. O *New York Times*, por exemplo, passou a veicular propaganda na antes imaculada primeira página. A *Folha* e o *Estadão*, em São Paulo, envelopam o jornal com publicidade, com a chancela do dono da empresa, já que os anúncios, muitas vezes de página inteira, aparecem coroados pelo cabeçalho oficial, sob os auspícios do diretor de redação.

Por motivos de foro íntimo, três produtos eu me recuso a anunciar: cigarro, cachaça e insumos da Parmalat. Os dois primeiros são autoexplicativos. Já dos derivados da empresa italiana evito fazer propaganda, porque quando a Parmalat entrou com força no futebol, na cogestão com o Palmeiras, no começo dos anos 90, muito se falou da influência econômica nos resultados esportivos. Eu sempre disse que a chegada da Parmalat representou uma revolução no gerenciamento do futebol no Brasil, ainda que as suas influências tenham sido mal aproveitadas. Assim, para evitar que as más línguas associem meus reiterados elogios a qualquer tipo de vantagem desabonadora, prefiro me abster de anunciar seus produtos.

A aliança entre as duas carreiras – jornalista e publicitário – foi o que me ajudou a tirar a barriga da miséria. Mesmo com o patrocínio da Rede Zacharias, eu ainda era muito tímido na prospecção de clientes. Na minha caipirice humilde dava graças aos céus da vida que estava levando: apartamento próprio, os meninos em escola particular, o comando do *Terceiro Tempo*. O que mais eu podia pedir para Deus, ainda mais tendo em vista as perspectivas da minha infância e adolescência?

Quem me abriu os olhos para a esteiteza dos meus horizontes foi o Osmar Santos. Durante a viagem que fizemos para Israel, em 1985, para cobrir as Macabíadas, ele me fez ver o final inglório de alguns radialistas que conheceram muito sucesso no auge, mas que sucumbiram à falta de dinheiro quando suas carreiras declinaram. E todos eles tomaram parte do meu panteão de ídolos:

principalmente Fiori Giglioti, que terminou seus dias sem o reconhecimento financeiro à altura do seu lugar no pódio dos narradores de futebol. O Pai da Matéria vivia a me dizer: “Mineiro, você precisa aliar o sucesso profissional ao sucesso financeiro”. A percepção exata do rumo que tomava minha vida, eu só tive na Terra Santa: minha primeira viagem internacional, a segunda vez que voei de avião na vida.

A estada em Israel representou um divisor de águas na minha trajetória profissional. A Lenice costuma dizer que antes da viagem eu era um índio a ser catequizado. No exterior, a convivência com outras culturas, com outras formas de se relacionar com a vida e com a profissão me fez perceber a premência em sacudir a modorra da modéstia que conduzia meu cotidiano, em ampliar meu horizonte, o qual se limitava à rotina do rádio e do Detran. Continuei um caipira, é verdade, porque a essência da gente não muda com o tempo. Mas, ao menos, me tornei um caboclo com os olhos abertos para as oportunidades.

Como a que quase deixei escapar em 1994, quando fui contratado pela cervejaria Schincariol, com a qual fiz parceria por 10 anos até abrirem mão dos meus serviços em 2004.

Na Schin, que antes de se tornar amplamente conhecida e reconhecida, na grande mídia e em rede nacional, era chamada pelos poucos consumidores de “Xincariol”, fizemos grandes campanhas. Talvez a mais emblemática tenha sido a do “Experimenta”, em conjunto com Zeca Pagodinho.

Até 1994, a cervejaria tinha um alcance somente local. Esse fato, confesso, me desanimava a entreter contato comercial com a empresa. Deslavadamente, fazia muxoxo com a insistência dos executivos que correram atrás de mim durante um mês. Foi o grande comentarista Mauro Nóbrega, que alcunhei de “O Correto”, natural de Porto Feliz, vizinha de Itu, terra da Schin, que me convenceu a procurar Rosan Francischinelli, um dos diretores.

A obstinação em minha contratação, apesar das seguidas refugadas que dei, deveu-se à performance jornalística que demonstrei num dos momentos mais dramáticos da história esportiva nacional: a morte de Ayrton Senna, em 1º de maio de 1994, em San Marino, após se chocar com o muro da curva Tamburello.

Eu não conheço patavinas de Fórmula 1, mas tenho sensibilidade jornalística considerável. Tanto no exato instante do acidente, quanto no tenso lapso de tempo que se sucedeu, tive certeza absoluta de que o piloto fenomenal não tinha mais chance de vida, ainda que houvesse indefinição e sigilo médicos a respeito do desfecho do sinistro. No ar, e contra todas as prescrições do manual do bom

jornalismo, mantive o tom pesaroso e pessimista, afirmando ser impossível para alguém sobreviver a um impacto daqueles, reprisado *ad nauseam* pela televisão.

Me lembro que, fora do ar, Nilson César, na época o titular das transmissões de automobilismo na Jovem Pan, me admoestava, à beira da loucura, afirmando que eu não devia ser tão categórico sobre a situação do piloto. Mas, mesmo antes da lúgubre confirmação pela médica italiana - “Ayrton Senna è morto” -, mantive meu veredito.

Foi, enfim, esse memorável trabalho de cinco horas que levou meu grande amigo Nelson Schincariol, morto num assalto, e Rosan a bater o pé por minha contratação. Mais uma coincidência a guiar minha carreira...



Com colegas jornalistas, em Israel, no ponto mais baixo da Terra, às margens do Mar Morto, durante as Macabíadas de 1989





As famosas pedras redondas de Massada (Israel), que serviram de munição para os judeus contra o assédio Romano. Durante a cobertura das Macabíadas de 1989, com Lenice

Macabíadas

As Macabíadas são uma reunião esportivo-religiosa. Têm um pretexto esportivo, mas seu fundo é espiritual. Um conagraçamento judaico que se divide no evento pan-americano e no encontro mundial. Cobri as competições em Tel Aviv e Jerusalém, em 1985, 1989 e 1993.

Na primeira das edições, minha presença estava meio incerta: não sabia se eu seria liberado para viajar. Afinal, apesar de três anos à frente do *Terceiro Tempo*, eu não granjeara ainda grande sucesso na Jovem Pan. Muitos ouvintes já faziam parte da minha carteira de fregueses, mas nas convicções e respeitabilidades da casa, eu ainda era uma faca das boas, porém sem muito gume (aos olhos deles, é claro...).

O busílis é que não havia muita possibilidade com o ‘seu’ Tuta. O “Cabeça de Manga”, como era chamado amorosamente pelos mais próximos convivas, sempre foi um cara que manteve distância olímpica da maioria de seus funcionários. Vamos e convenhamos: ele tinha um certo relacionamento, soltava sorrisos, frases de efeito muito inteligentes. Ficava em pé o tempo todo na rádio. Tuta, como todo chefe, tem seus privilegiados. Eu era um coadjuvante, talvez um bom coadjuvante, sem grife, porém.

Numa tarde, saí do Detran onde era assessor de Imprensa e, a pedido de Francesco Giuliano, me dirigi à rádio. Ele comunicou a sugestão de Marcos Arbaitman de me levar para Israel. A comitiva dos jornalistas brasileiros estava escalada com Paulo Adário, do *Jornal do Brasil*; Mário Marinho, editor de esportes do *Jornal da Tarde*; Fran Augusti, editor de esportes do *Estadão*; Samuel

Ferro, da Rádio Bandeirantes; Osmar Santos, da Rádio Globo e eu, representando a Jovem Pan.

Antes de tudo, precisava da liberação dos chefões. Cheguei lá por volta das 18h, mas não fui até o aquário do Fernando Vieira de Mello, nem à redação e, muito menos, à sala do ‘seu’ Tuta, onde dificilmente eu entrava. Em vez disso, me dirigi a uma das mesas do Departamento Comercial. No local confabulavam Tuta, Fernando Vieira de Mello e Realy Junior. Eu, inexperiente, queria realmente viajar. Foi a segunda vez que interrompi tertúlia alheia. Os três estavam conversando, quando, abruptamente, me meti no meio: “‘Seu’ Tuta, me desculpe, mas é o seguinte. Fui convidado e confirmado para ir às Macabíadas”. O dono da Jovem Pan não olhou para mim. Quando um assunto não lhe interessava, Tuta sempre lançava mão da expressão “*vamo ver, vamo ver*”, que valia o mesmo do que um solene “NÃO”.

Ele não disse mais nada. Ficou olhando para o lado, fingindo que a coisa não lhe dizia respeito. Insisti que seria interessante viajar. Afinal, nunca havia saído de São Paulo, não tinha passaporte, etc. Nada adiantou: o patrão permaneceu quieto naqueles segundos demoradíssimos.

Da minha parte, estava nervoso. Fernando Vieira de Mello também não dizia nada. A decisão estava na mão do dono da rádio. Tuta permanecia inflexível. Ele seguia com uma má vontade danada, sem me dar atenção nenhuma. Mas ali estava Realy Junior, com sua sensibilidade fantástica. Devo muito a ele. Ele é um ponto flamejante na minha trajetória de vida. Passados alguns segundos, Realy Junior fala pra mim: “Você vai para Israel, parabéns. Eu e minha mulher passamos sempre as férias na Europa, na Iugoslávia. Mas estou louco para conhecer Israel. Tel Aviv, Jerusalém, Jericó, Massada, Muro das Lamentações...”.

Depois da homilia do Realy, arguto que só ele, Tuta declarou em tom contrariado: “Pode ir, pode ir, mas você vai ter que tirar férias, viu? E vê se vende patrocínio”. Agradei com muitos salamaleques, ainda que sob aquela draconiana condição de tirar férias para ir trabalhar. E ainda por cima com a incumbência de vender anúncio. O que fiz, e com muita propriedade. Afinal, convenci um árabe, o Adhmar Zacharias, a patrocinar um evento em Israel. Haja ecumenismo!

Enfim, vendi o patrocínio, tirei férias e não recebi nenhuma outra verba. Tudo pela enorme vontade de ir para o exterior. No dia de embarcar, a Rádio Jovem Pan não me levou ao aeroporto. Eu fui no Opala preto do Dr. Cyro Vidal Soares

da Silva, diretor do Detran, de quem recebera uma folga autorizada em troca do excesso de horas trabalhadas.

Na época, eu não tinha nem passaporte. O grande Badeco (Ivan de Oliveira), volante da Portuguesa, Fluminense e Corinthians, trabalhava no setor de expedição da Polícia Federal. Hoje ele é delegado aposentado da Polícia Federal. Graças ao Badeco, pude viajar para as Macabíadas, já que ele adiantou a expedição do documento em 48 horas.

No aeroporto, uns meninos, filhos de diretores e atletas da Hebraica, me reconheceram da televisão (fazia o *Mesa-Redonda*, da TV Gazeta) e, muito gentis, se ofereceram para fazer o *check in* em meu lugar. Fingi ser um cara experiente, mas não fosse o cicerone da moçadinha perderia o voo, pois nem sabia como embarcar. Entrei no avião da TAP muito nervoso. Comecei a me sentir mal por causa de minha mãe, que estava internada num hospital em Poços de Caldas. Mamãe estava entre a vida e a morte. Quando visitei o Muro das Lamentações, coloquei nas frinchas das pedras milenares um papelzinho pedindo saúde para ela. Os deuses devem ter me escutado, pois ela viveu ainda dez anos após minha viagem. Ainda na aeronave, recebi o apoio incomensurável de Giba Stein, dono da rede Babilândia, que não existe mais. Chegou com sua careca lustrosa, alegre, feliz, trazendo a tiracolo um médico que ministrou um sossega-leão que me derrubou até Lisboa, onde fizemos escala.

No início das Macabíadas, a Jovem Pan comportou-se com desdém, inclusive em relação a horários. Eu tinha direito de falar durante um minuto no *Jornal da Manhã*, que, na época, como atualmente, era o principal noticioso da emissora. Sem dúvida, um excelente noticiário criado por Fernando Vieira de Mello. Foi o primeiro grande jornal do rádio brasileiro de integração nacional no período da manhã. Em 1985, era apresentado por Marco Antônio, Antônio Alexandre, Franco Neto, Antônio Del Fiol, todos grandes locutores.

Mas, enfim, falar de Tel Aviv com São Paulo, nos idos de 1980, era uma dificuldade danada. Naquele tempo, no Brasil, a conexão demoradíssima dava-se via Collect Call, Ligação Internacional a Cobrar. Uma verdadeira tragédia. Os boletins eram curtinhos, já que, convenhamos, a relevância do assunto era pequena. Mas depois de três ou quatro dias, chegou um recado do José Carlos Pereira, o diretor de jornalismo da Jovem Pan: “Pode falar dois minutos de manhã e três à tarde, no *Jornal de Esportes*”.

É preciso dizer que nas Macabíadas, os resultados do atletismo e da natação eram pífios comparados aos das competições principais, ainda que houvesse personagens importantes, como o célebre nadador americano Mark Spitz, que conduziu a pira olímpica no estádio de Ramat Gan, na abertura da competição. Só que o evento agitou a comunidade judaica de São Paulo. Os donos de bancos, indústrias, comércio curtiam aquilo ali porque seus filhos e netos participavam das disputas. O Salomão Schvartzman, então na TV Manchete, ligava com frequência para o Fernando Vieira de Mello querendo saber o resultado dos jogos. Resultado: passei a falar um tempão na programação.

Agora estava com moral na rádio, agradando em cheio uma bela fatia do PIB brasileiro com meus boletins. Até que José Carlos Pereira veio ao telefone: “Negão, você não está mais de férias, mas vou te mandar mil dólares. Fica na Europa por mais um tempo, não tem problema não”. Na verdade, ele estava com medo que eu seguisse José Silvério e trocasse a Pan pela Bandeirantes.





Com o ex-presidente Lula, nas Macabíadas de 1993

Massada

Massada é um imponente planalto escarpado, localizado a Oeste do Mar Morto. Ergue-se cerca de 400 metros para cima da planície que o circunda. O platô tem cerca de 600 metros de comprimento e 300 metros de largura.

Massada tem uma importância particular para os judeus, e sua história remonta a 150 a.C, quando lá se construiu uma fortaleza, que foi reforçada, anos depois, pelo rei Herodes. Além da muralha militar, o rei, muito vaidoso, fez erigir dois palácios luxuosos, plantou uma horta e edificou depósitos de armas e duas cisternas, com capacidade para mais de 40 milhões de litros, incrustadas na pedra, com o objetivo de recolher as águas pluviais.

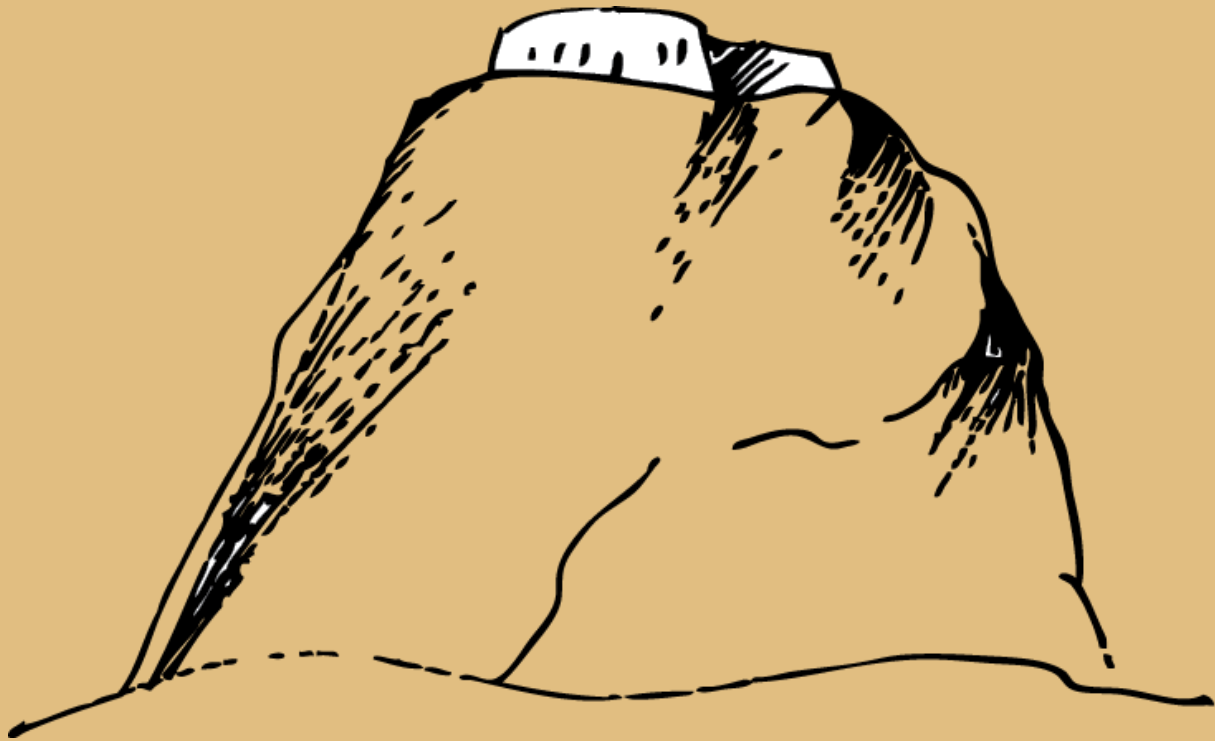
Após a morte de Herodes, Massada foi deixada sob a proteção de legionários romanos. Em 66 d.C, em meio à rebelião judaica contra Roma, um grupo de rebeldes – os sicários (ou zelotes) –, contrário ao domínio romano, invadiu o platô, assassinou os soldados e tomou a fortaleza. Com a destruição de Jerusalém pelos romanos (em 70 d.C), outros sobreviventes se refugiaram em Massada. Após a tomada completa de Jerusalém, a montanha sobreviveu como o último bastião da resistência judaica. E para lá foram enviados todos os esforços de guerra dos invasores, representados pela Décima Legião, comandada pelo novo procurador Flávio Silva.

Segundo a crônica do historiador contemporâneo Flavio Josefo, única fonte disponível sobre aqueles eventos, o cerco romano à fortaleza foi renhido e brutal, logrando vencer as linhas de defesa dos judeus através de uma engenhosa estratégia bélica. A sobrevivência dos judeus só foi possível graças à sofisticação da estrutura deixada por Herodes, com a cisterna, o depósito de armas e os silos para mantimentos.

No último dia de cerco, em 73 d. C, após dizimada a resistência local, em vez de os romanos investirem no derradeiro e definitivo assédio, resolveram tornar à base da montanha para descansar. Durante a noite, Eleazar Ben Jair, o líder dos sicários, persuadiu seus compatriotas a matarem-se uns aos outros (o judaísmo condena o suicídio), em vez de

morrerem sob o jugo inimigo ou se tornarem seus escravos. Os 960 judeus restantes decidiram pôr fim à própria vida e destruir a cidade antes da retomada do ataque.

Atualmente, Israel homenageia o ideal que guiou a atitude de seus antepassados no hino nacional, em cuja letra se lê: “Viver em liberdade na terra de Sião e Jerusalém”.



Baixou o santo no Nilson Cesar

Na Copa dos EUA, em 1994, nossa sede era em Dallas, onde se alojavam delegações de várias emissoras brasileira. Na ocasião, dividia o quarto com Nilson Cesar, até hoje narrador da Jovem Pan. A cobertura do evento foi uma loucura: trabalhávamos 18 horas por dia no Centro de Imprensa.

Uma noite, cheguei no meia-boca Grand Dallas Hotel cansadíssimo. Encontrei meu companheiro de quarto já na cama, assistindo à tevê. Fui direto tomar banho e saí do banheiro enrolado na toalha. Qual não foi minha surpresa quando sou recebido à porta pelo narrador em pé, com as duas mãos para a frente, olhos vidrados como um sonâmbulo de filme de comédia, repetindo “Zifio, zifio, zifio, o amor, o amor, o amor...” Tomei um susto terrível e saí do quarto assustadíssimo, quase “au naturel”, não fosse o pedaço de pano cobrindo as minhas vergonhas.

Branco como vela, comecei a esmurrar a porta do quarto da frente, onde estavam hospedados o repórter Luis Carlos Quartarollo e o operador Luís Carlos Pereira, o Luisão. Quando me dou conta, Nilson Cesar estava atrás de mim, naquela espécie de transe: “Zifio, zifio, zifio”. Para piorar, na correria, a toalha foi ao chão.

Imagina a cara do Quartarollo quando abriu a porta de seu quarto e me viu nu no corredor, e o Nilson Cesar, lá, possuído, atrás de mim, gemendo seu mantra: “Zifio, Zifio”. De tão assustado que fiquei, na mesma hora juntei meu farnel e com meu inglês macarrônico exigi na recepção “change



my room”. Mediante uma módica taxa, consegui um quarto pequeno só para mim e o Nilson com seu santo baixado ficou sozinho naquele quartão.





Com o narrador da Jovem Pan, Nilson César, em frente ao Centro de Imprensa de Grotta Rossa da Rai, em Roma, durante a Copa do Mundo da Itália, em 1994. Na Itália, Nilson não entrou em transe





Com sua cartolinha verde e amarela na mesa de som na rádio Bandeirantes

Bandeirantes

Em 2005, depois de ser demitido indiretamente, conforme asseverou a Justiça do Trabalho, troquei a Pan pela Bandeirantes após 33 anos de serviços prestados. Desde a época em que ouvia a voz impagável de Fiori Giglioti, perdido em Muzambinho, sonhava com esse momento. E, pensando bem, olhando para trás, para o começo da minha carreira, aquela era uma ideia realmente absurda. Analisando friamente, sem falsa modéstia, a previsão que meu sogro fizera na longínqua década de 60 (disse que eu só entraria na Bandeirantes se fosse para limpar privada) era a mais razoável de se concretizar do que a realidade que eu estava vivendo.

Minha saída da Pan, entretanto, foi um pouco atribulada. Deixei a rádio estremecido com ‘seu’ Tuta. Na verdade, fui fritado pela direção, tanto que estou ganhando o processo judicial que movi contra eles por assédio moral. Me vi sendo gradualmente limado da programação e indisposto com meus colegas. No final, a situação estava tão crítica que os repórteres eram proibidos de citar meu nome no ar, mesmo quando eu ancorava o *Plantão Esportivo* e o *Terceiro Tempo*.

O problema todo é que havia muito ciúme da minha presença na Record, que estava cada vez mais frequente. A diretoria achava que eu levava os melhores patrocinadores para a tevê e relegava a Pan ao segundo plano. Mas ele foi injusto nessa avaliação. Eu até me recusei a apresentar um programa de variedades no domingo à noite, o *Domingo Espetacular*

(após minha desistência, ele foi apresentado por Celso Freitas e Paulo Henrique Amorim), criado para concorrer com o *Fantástico*, porque tinha compromisso com a rádio. Hoje, minha relação com ‘seu’ Tuta é diplomática, quase cordial. O aceno protocolar no elevador quando nos cruzamos é a praxe. De verdade, eu gosto muito dele. No final de 2012, fui até a Jovem Pan duas vezes e cruzei com antigos colegas. O carinho e a admiração são mútuos e, confesso, fiquei comovido com a recepção. Foram mais de três décadas de convivência. Mas como a maledicência não tem limites, houve aqueles que desconfiassem do propósito desinteressado das minhas visitas (afinal, era tempo de Natal) e creditaram minha presença no prédio a razões pecuniárias. Um dia posso precisar do dinheiro da Pan, mas hoje não.

Na Bandeirantes, dei continuidade à minha carreira, já impulsionada pela presença na televisão. Reencontrei amigos, como o Zé Silvério, a quem apelidei de Pai do Gol, e fiz novas e profundas relações, Alex Muller, Sérgio Patrick, Mário Baccei, Ricardo Capriotti, Cláudio Zaidan, Frank Fortes, companheiros a quem saúdo aqui. Na nova casa, consolidei minha função de âncora de mídia eletrônica e pude replicar minha experiência em outras emissoras da rede. Verdade que hoje trabalho um pouco menos, mas com o mesmo afinco e determinação de outras épocas, quando virava barro 16 horas por dia. Mas eu mereço. Com mais de 60 anos no lombo, tenho direito a um refresco de vez em quando.

Ainda assim, minha vida profissional continua repleta. Faço tevê na Band e Band Sports, escrevo para a *Placar* e *Agora São Paulo*; na internet, toco o portal Terceiro Tempo, o twitter e meu blog, e ainda dou a cara para bater nas rádios Bandeirantes AM e FM, Band News FM, Sulamérica Trânsito FM, Bradesco Esportes FM, com dezoito intervenções diárias. Escrevo para três revistas segmentadas e faço eventos corporativos por todo o Brasil. *At last, but not the least*, como diria o poliglota, dou palestras em faculdades, nas quais troco meu cachê de 50 mil reais, que normalmente cobro para enventos corporativos, por um depósito de três mil reais em dinheiro e o equivalente a esse valor em mantimentos, a serem revertidos

para o Asilo São Vicente de Paulo de Muzambinho e para a Casa de Atendimento ao Muzambinho com Câncer de Jaú.

Souvenires perigosos

Em Israel, em 1985, o grande jornalista Ricardo Setyon nos levou ao deserto da Judeia, onde jazem cadáveres de tanques, caminhões e outros trens bélicos. Os restos mortais ficarão por lá por toda a eternidade como troféus da vitória de Israel sobre os árabes na guerra de Yom Kippur, em 1973. Nas placas dos equipamentos, lê-se “Made in URSS”.

No assoalho dos tanques, há sangue talhado misturado ao combustível e muitas cápsulas deflagradas. Muito matuto, subi num desses veículos destruídos e recolhi uns cartuchos – enormes. Antes de irmos embora, guardei alguns na mala. Queria mostrá-los no *Mesa-Redonda* da TV Gazeta, onde fazia participações especiais.



No aeroporto David Ben Gurion, esperávamos o embarque rumo a Paris. Dali a um pouco chegou o Jack Leon Terpins (era sócio das Lojas Brasileiras, que não existem mais, e das lojas Marisa, casado com a Denise Goldfarb, filha de Bernardo Goldfarb) todo esbaforido, porque ressoava um aviso chamando um tal de “Mister Filho Neves Milton”. Terpins me conduziu às autoridades, que, imediatamente me detiveram. Não vou me vangloriar: não teve algema ou revólver no peito. Marcos Arbaitman também foi me socorrer.

Com minha mala escancarada sobre uma mesa, os seguranças mostravam a cápsula que peguei no assoalho do tanque. O Jack não falava nada de hebraico, mas com seu inglês macarrônico fez compreender que eu era um jornalista brasileiro e queria levar os “souvenires” para mostrar na televisão. O mal entendido foi desfeito, mas confiscaram os petardos. Resultado: o voo atrasou e eu ganhei um *upgrade*:

me colocaram na First Class. Eu nem sabia da existência daquela parte nobre do avião.

E Samuel andou sobre as águas

Num barzinho às margens do Lago Tiberíades, onde Jesus caminhou sobre a água, estávamos Osmar Santos, Rosa Maria, Mário Marinho, Fran Augusti, Samuel Ferro, Paulo Adário do *Jornal do Brasil* e eu.

Samuel Ferro ficou escutando Rosa Maria, ex-esposa do Osmar Santos e mulher muito religiosa, contar histórias bíblicas. Samuel já havia tomado dez latas de Maccabi Beer, a Brahma deles lá. Frágil a tais libações, ele fica grogue rápido. Só de olhar o carrinho do avião vindo com as bebidas, o moço já ficava de fogo. Quando bebe, como costuma acontecer com os mais sensíveis, o bicho se ouriça. Rosa Maria contou que Jesus pegou uma canoa, foi ao centro do lago e andou sobre as águas. Samuel, já meio balão, não se fez de rogado: “Se Jesus andou, eu também ando”. Aí, ele remou uns cinquenta metros, e ousou emular o milagre de Cristo. Das mesas, ao primeiro “passo” de Samuel, só se ouvia o glup, glup, glup.

Na hora H, foi salvo por dois militares israelenses que almoçavam ao lado e que o tiraram da água em meio a uma série de impropérios contra o dublê de santo e contra seus acompanhantes “irresponsáveis”.





Em 1988, no programa *Mesa-Redonda*, da TV Gazeta, após a primeira partida da final do Campeonato Paulista entre Corinthians e Guarani, quando Neto (o terceiro, da esquerda para a direita) marcou um golão de bicicleta em pleno Morumbi. Com Pedro Luiz, Roberto Avallone, Eduardo José Farah, Wanderley Nogueira e Gilberto Costa





Com Pelé, no *Terceiro Tempo* da TV Record, em 2001

Para ser sincero, eu só conheci fama, popularidade e dindim mais grosso no momento em que passei a fazer televisão. O impacto é exponencialmente maior do que no rádio, até porque, jornalista de estúdio, ficava completamente recluso. Hoje o acesso à imagem dos radialistas via internet é bem mais tranquilo. Até os anos 2000, salvo uma ou outra exceção, podíamos transitar anônimos pela multidão: éramos uma voz sem rosto. A televisão transformou minha relação com o público definitivamente.

Até então, minha experiência na tevê era modesta, para usar um eufemismo. Entre 1986 e 1988, participei da *Mesa-Redonda* da Gazeta. Em 1994, apresentei o *Canal 100* na Manchete por seis meses. Estive no *Cartão Verde*, da TV Cultura, duas vezes em 1998. Também fui narrador da TV Jovem Pan, em UHF, entre 1990 e 1991. Resumia-se a isso minha relação com a telinha.

Verdade que tinha um pouco de preconceito com o formato disponível na época – a discussão em forma de debate. No final dos anos de 1990, a mesa-redonda de futebol, uma verdadeira instituição do jornalismo esportivo, havia sido abandonada, reflexo da série de derrotas brasileiras nas Copas de 1974, 1978, 1982 e 1986.

Durante muito tempo, Roberto Avallone manteve no ar a única mesa-redonda da tevê. Um grande mérito dele. No entanto, aquele modelo, quadrado (com o perdão do trocadilho) era um negócio *démodé*; considerado algo intelectualmente subnutrido.

Para piorar, na Gazeta, fui vítima da inveja do Avallone. Hoje nós voltamos às boas, depois de um período em que ele viveu às turras comigo. Enquanto participei da mesa, trouxe muitos patrocinadores para o programa, marcas

importantes como a Le Coq Sportif, Adidas, Rede Copel, Caltabiano, William Sports. Eu era responsável por mais de 50% do faturamento. O ciúme de minha performance toldou a razão do apresentador, que não era capaz de me ver como parceiro. Até o célebre jornalista Peirão de Castro me dizia que Avallone tinha em mim um imaginário concorrente. O resultado é que fui lentamente escanteado do programa. Meus apartes eram cada vez mais raros, e, no final, não tinha tempo de citar a contento os meus patrocinadores.

Atualmente, as mesas-redondas voltaram à crista da onda, muito devido ao sucesso do *SuperTécnico* (estreou em dois de maio de 1999) que mostrou como se faz em estúdio esportivo, sem aquelas superadas mesonas. Mesmo o *Cartão Verde*, que surgiu como um respiro para o formato, ainda padecia de um certo ranço do velho sistema do estúdio de tevê dos anos 60.

Como já mencionei, participei de apenas duas edições do programa. A efemeridade de cometa da minha presença na Cultura ainda é dos grandes mistérios da minha vida... Em 1998, logo após a Copa da França, onde trabalhei como comentarista para a Jovem Pan e TV Manchete, Marco Antônio Coelho, então Diretor Nacional de Jornalismo da TV Cultura, me chamou para uma conversa. Lembro que seu escritório ficava num mezanino de ferro, suspenso, de onde ele podia observar toda a redação. Sua ideia era que eu participasse de um jornal apresentado por Carlos Henrique Corrêa, paranaense de Jacarezinho, que tinha sido meu colega no Objetivo. O tema seria o “caso Ronaldo”, que ainda repercutia muito no momento. Havia toda aquela suspeita conspiratória de que a CBF havia vendido o campeonato em troca da realização da Copa de 2006 no Brasil. Uma bobagem, enfim.

Minha performance agradou em cheio e, na sequência, Marco Antônio Coelho me fez um convite oficial para tomar parte do *Cartão Verde*. Me ofereceu o equivalente a dois mil reais/mensais, pouquíssimo em se tratando de televisão. Mas para as minhas aspirações era mais do que suficiente. Afinal, queria muito fazer televisão e o dinheiro era secundário. Nas tratativas com Marco Antonio Coelho, estranhei que fosse acrescido mais um componente à bancada, que já contava com três apresentadores – José Trajano, Juca Kfoury e Flávio Prado. Só então soube que, na verdade, entraria no lugar do Trajano. De bate pronto, me assustei: “Pô, vai tirar o melhor dos três?!”. Coelho então me explicou que a situação era uma manobra temporária para que Trajano pudesse auferir uma indenização extra, de cujo valor ele precisava. Assim que terminasse a quarentena

compulsória imposta pelo regimento trabalhista da TV Cultura a funcionários afastados, ele retornaria ao posto no meu lugar.

Lembro que o Cris, zagueiro que jogou no Corinthians, Cruzeiro, Lyon e Grêmio, foi o convidado do primeiro programa de que participei. Então em começo de carreira, ele estava tão nervoso quanto eu. No dia, tanto Juca Kfourti como Flávio Prado me trataram com distanciamento e eu pouco falei. No domingo seguinte, me senti um intruso, mesmo escalado pelo próprio diretor Marco Antonio Coelho. De fato, ele se mostrou omissos, pois nunca me deu satisfação sobre o convite que não teve pulso para manter.

A partir desse episódio, José Trajano começou a tecer comentários desairosos contra mim, os quais logo se transformaram numa campanha muito pesada de difamação. Ele certamente encrespou porque achou que eu teria feito picuinha de bastidores a fim de derrubá-lo. Nada mais longe da verdade. Eu o admiro até hoje – considero-o um jornalista completo, culto, intelectualizado, que engrandece o debate esportivo. E logo ele que tinha sido tão gentil comigo e com minha família às vésperas da Copa dos EUA, quando se ofereceu à Lenice, minha esposa, durante um encontro casual em um restaurante, para levar qualquer coisa de que eu precisasse até Dallas, onde eu já me encontrava para a cobertura do evento.

Para falar a verdade, eu não tinha muita ambição de fazer televisão, ou melhor, me tornar apresentador de programa esportivo não estava no meu horizonte próximo. O meu negócio era rádio, que, para mim, era o máximo das minhas aspirações. Até hoje digo que rádio faço mudo; na tevê ainda sou um coadjuvante nobre, bem conhecido, mas que já soma 15 anos seguidos no ar nas noites de domingo, apresentando programas na Band e na Record. Mas as perspectivas existem só enquanto valem na teoria. Tudo mudou no dia em que recebi um telefonema do Hélio Sileman para um almoço. Na ocasião, ele me convidaria para ser apresentador do *SuperTécnico* e do *Gol – Grande Momento do Futebol*, na Band.

A história do convite é curiosa e está vinculada com o projeto Band-Traffic, um acordo do J. Háwilla com o Johnny Saad, que arrendou a grade esportiva da TV Bandeirantes, a partir de maio de 1999.

O carro-chefe do projeto era o programa *SuperTécnico*, um formato revolucionário, repaginado para a atualidade dos anos 2000, em que apenas técnicos de futebol eram convidados, sendo devidamente remunerados (pagava-se dois mil dólares por participação). A questão que restava era saber quem seria o apresentador. No mais, as coisas estavam operando: o projeto estava na rua e os

departamentos pessoal e comercial estavam trabalhando a todo o vapor. A cereja do bolo seria decidida em um jantar, no famoso restaurante Rodeio, em São Paulo (um parênteses para mais coincidências: no mesmo restaurante Rodeio e na mesma mesa, assinei dois importantes contratos de publicidade, com a Brahma, em 2004, e com a Sil, em 2000). Na ocasião, estavam reunidos J. Háwilla, Vanderlei Luxemburgo, Candinho, Hélio Sileman e os saudosos Amir Michel Faha e Ruy Pinheiro Brisola Filho. Vanderlei e Candinho eram os técnicos da Seleção Brasileira.

Um dos comensais mencionou que o apresentador poderia ser o Fernando Vanucci, então ainda na Rede Globo. Ele realmente foi contratado, mas para apresentar a programação de domingo à tarde. Consideravam que Vanucci não sabia improvisar; aventou-se o João Carlos Albuquerque, ele era bom, mas não estava disponível; Wanderley Nogueira, da Jovem Pan, era querido pelo J. Háwilla; o Amir Michel Faha sugeriu meu nome. Ruy Pinheiro Brisola Filho também demonstrou simpatia por mim, mas haveria uma incompatibilidade entre a Bandeirantes, patrocinada pela Brahma, e a Antártica, para quem eu trabalhava na época.

Háwilla, então, disse gostar de mim, mas achava que eu traria os cacoetes da rádio, onde se fala o tempo inteiro. Na tevê, o apresentador precisa ser comedido. Na época, eu elogiava muito o Felipão, que rivalizava com o Vanderlei na preferência nacional dos técnicos. Luxemburgo me odiava por isso. Brigamos três vezes quando ainda estava na Jovem Pan; duas delas foram ao vivo. Quando Luxemburgo foi treinador do Santos, também tivemos um entrevero: eu discordava da mudança da numeração das camisas do time que ele havia imposto. Tradicionalmente, no Santos, o goleiro é o número um; o lateral-direito, quatro; o zagueiro-central, dois; lateral-esquerdo três e o quarto-zagueiro, número seis. O Luxemburgo cometeu o sacrilégio de interferir com o sagrado. Brigamos também por outros motivos: por causa da célebre história da manicure de Campinas. Ele me considerava falastrão, briguento, fofoqueiro e começou a falar muito mal de mim durante o jantar.

Segundo Amir Farah, Brisola, braço direito de Háwilla, sinalizou para o chefe que Marcos Lázaro, também envolvido no projeto, jantava na mesa ao lado. Lázaro a tudo ouvia, mas continuou a tomar sua sopa, quieto, sem fazer qualquer referência (uma anedota: Marcos Lázaro era o único cliente para quem o falecido Roberto Macedo, dono do Rodeio, concedia o benefício de ser servido de uma sopa na sua churrascaria). Finalmente, J. Háwilla lhe perguntou qual opinião tinha

sobre o impasse. No intervalo entre a boca e o prato, enquanto a colher viajava para levar outra porção de sopa, ele decidiu salomonicamente o dilema: “Io só ouço o Milton Neves”. Disse isso num carregado sotaque portunhol. E, com isso, fez-se o silêncio perturbador dos grandes momentos. E a história foi escrita. J. Háwilla, então, emendou na direção de Hélio Sileman, o diretor do projeto: “Liga para o Milton Neves”. E o Luxemburgo, ali, de cara amarrada...

Assim entrei na televisão. O programa durou três anos, o tempo da parceria entre Háwilla e Saad. Logo antes de o *SuperTécnico* sair do ar, fui para a Record, contratado para encabeçar a programação esportiva que se iniciava. Fiquei sete anos na emissora, onde apresentei vários programas, entre esportivos, policiais e de variedades. Na televisão, tive uma outra dimensão do significado da relação com o público. Estampado na telinha, literalmente se dá a cara para bater, exposto ao escrutínio de milhões de espectadores.

Verdade que desde muito cedo desenvolvi um contato muito íntimo com o público, uma interação que precede a internet, quando as vias de contato ficaram muito mais estreitas. Me lembro da minha infância, quando esperava semanas as cartinhas da Tupi chegarem em casa. Essa expectativa do reconhecimento por parte da emissora da existência e da importância de cada ouvinte ou telespectador, em sua individualidade, cultivo desde sempre. E minha presença na tevê só reforçou essa postura.

Nas minhas eventualíssimas participações na *Mesa-Redonda* da TV Gazeta, não ia embora sem levar para casa os papezinhos que os atendentes de telefone, como Cléber Machado – sim, ele mesmo, hoje consagrado narrador esportivo da Rede Globo – me entregavam ao final do programa. Na segunda-feira seguinte, passava a noite telefonando para TODAS as pessoas que haviam contatado o programa. Já na época, os torcedores não acreditavam, pensavam que era trote, mas, ao final, agradeciam demais. Uma dessas pessoas que tive o prazer de me comunicar foi César Sachetto, hoje jornalista do SBT, com quem trabalhei na Rádio Jovem Pan e na Rádio Bandeirantes.

Ainda me lembro do número do telefone de onde fazia as chamadas. Foi meu primeiro telefone, comprado a duras penas, num plano de expansão da Telesp. Na época, a linha custava uma fortuna: dividi o valor em 36 longas prestações, mas valeu a pena. Ele me deu muita aceitação e credibilidade junto a meu público. O número, me lembro de cor: 645903, instalado na rua Capote Valente, 513, apto 123. Na época, éramos vizinhos de Ciça Guimarães, quando ainda era casada com Paulo César Pereio.

Hoje, ainda que a tecnologia tenha evoluído, e o email, o twitter e o blog tenham substituído o telefone, a filosofia de respeito a quem me banca o pão de todo o dia ainda é a mesma. Fiz essa digressão toda para reforçar o compromisso que o jornalista, comunicador, publicitário têm com aqueles que o veem e escutam. Essa confiança é a base de todo o trabalho e é o que paga toda a saliva que gastei nesses mais de 45 anos de profissão.



Em 2002, no *Terceiro Tempo* da TV Record, com o Dr Osmar de Oliveira, Fernando, ex-volante, e Neto, então muito fora de forma



Em 2000, no *SuperTécnico*, com Zagallo, Luize Althenhofen e Abel Braga

Meus programas de tevê

Canal 100

Em 1994, em parceria da Rede Manchete de Televisão com a Sport Promotion, empresa de marketing esportivo, eu apresentei por cinco meses o *Canal 100* na tevê dentro do projeto “A Grande Jogada”, que teve em Osmar Santos um de seus líderes. O *Canal 100* entrava no ar de segunda-feira à sábado, às 20h00 em programetes de cinco minutos e, aos domingos, entre 13h00 e 15h00 dentro do “A Grande Jogada”.

As atrações eram transmitidas em rede nacional. Foram programas memoráveis, recebendo ícones da memória esportiva brasileira como Sérgio Cabral, Armando Marques, Romeiro, Flávio Minuano, José Trajano, Écio Capovilla, Luís Pereira, Ademir da Guia, Francisco Horta e muitos outros astros e personagens do futebol de ontem.

SuperTécnico

O programa *SuperTécnico*, na Rede Bandeirantes de Televisão, idealizado pelo executivo esportivo J. Háwilla, marcou época reunindo todo domingo à noite treinadores que foram destaque na semana. Nos três anos de programa, passaram por lá Felipão, Vanderlei Luxemburgo, Abel Braga, Tite, Telê Santana, Joel Santana, Oswaldo de Oliveira, Leão, Rubens Minelli, Zagallo (que deu nome ao estúdio de onde era apresentado o programa) e até treinadores internacionais, como o saudoso Omar Pastoriza, também ex-craque do Independiente e da Seleção da Argentina. Para Carlos Alberto Parreira, o *SuperTécnico* foi o melhor programa esportivo da história da televisão brasileira. Ele fez escola abolindo os feios e superados “balcões de despachante” das mesas-redondas, introduzindo o bate-papo livre em cenário moderno. O *SuperTécnico* foi ao ar pela Rede Bandeirantes de Televisão de 1999 a 2001, exatamente o período da feliz parceria Band-Traffic. Nesses três anos, eu pude desfrutar da companhia de

Nereide Nogueira, Luize Altenhofen, Bianca Russo e Daniela Freitas. Já Renata Fan, hoje na Bandeirantes, foi revelada pelo *Terceiro Tempo* e pelo *Debate Bola* da Rede Record de Televisão.

Terceiro Tempo

Pela primeira vez na televisão com este nome, o *Terceiro Tempo* estreou na Rede Record de Televisão no dia 02 de dezembro de 2001. Nos primeiros seis anos de vida, o programa sempre liderou em audiência no segmento esportivo de debates e inovou no quesito cenário, tornando-se um modelo para programas similares. O *Terceiro Tempo* bateu recordes de resposta comercial e lançou ou recebeu nomes como Robinho,

Diego, Mascherano, Vágner Love, Daniel Passarela, Kia Joorabchian, Tevez, Kerlon e Rafael Sóbis, que, pela primeira vez, foram vistos ao vivo em rede nacional.



Debate Bola

O *Debate Bola* estreou na Rede Record de Televisão no dia 3 de dezembro de 2001, deixou a grade no dia 21 de fevereiro de 2008, quando voltei para a Bandeirantes. Ele inaugurou uma nova maneira de se discutir e informar o futebol na tevê. Com a entrada de Cacá Rosset – ator, humorista e corintiano –, o programa logo emplacou consagrando o estilo irreverente, calcado no tripé opinião-informação-humor. O *Debate Bola* teve momentos memoráveis e expressivos índices de audiência, daí sua permanência no ar por mais de seis anos.

Roleta Russa

O programa de perguntas e respostas foi ao ar entre outubro de 2002 e outubro de 2003, na Rede Record. A atração, que na época foi líder de audiência da emissora em três ocasiões e por duas vezes chegou a 10 pontos de pico, era baseada em um formato pertencente à Sony Pictures Television Internacional. Consistia num cenário em que os participantes permaneciam sobre um círculo que se abria, simulando o tambor de um revólver, acionado por meio de uma alavanca. O “selecionado” caía em um buraco (com toda a segurança, é claro) de quase dois metros de altura e ficava eliminado da disputa. Na última rodada, o remanescente tinha 60 segundos para responder oito perguntas, podendo “pular” se não soubesse, mas deveria, obrigatoriamente, responder a todas para conquistar o prêmio. Mesmo acertando todas as questões, o candidato ainda deveria acionar a alavanca e torcer para que a luz vermelha não parasse sobre o seu lugar, acionando o mecanismo. O ator, diretor e multimídia Cacá Rosset foi o único a conseguir chegar à última fase, mas não teve sorte com a “alavanca” e acabou ficando sem o prêmio de quinhentos mil reais.

Cidade Alerta

Numa emergência, surgida pela saída de José Luiz Datena da Record para a Bandeirantes, eu fui convidado a apresentar o jornal policial *Cidade Alerta* por quase um semestre, em 2003. Foi nessa ocasião que assinei o melhor contrato da minha vida. A saída do Datena foi mais uma das coincidências a guiar minha vida. Foi uma experiência interessante, mas cruel, já que o programa era barra pesada. Obrigado por contrato a apresentar qualquer programa que a emissora convocasse, atendi ao chamado. Os altos índices de audiência mostraram que foi uma escolha acertada. Nesse período, eu apresentava quatro programas na Record (*Roleta Russa*, *Cidade Alerta*, *Debate Bola* e o *Terceiro Tempo*), o que levou a emissora a me retirar do *Cidade Alerta*.

Renata Fan

Tanto na Rede Record, como hoje na Band, o *Terceiro Tempo* era exibido no horário nobre, por volta de 19hs ou 20hs, sempre aos domingos. Cheguei a fazer programas com até três horas de duração. Renata Fan, em início de carreira, gaúcha de beleza ímpar, participava entregando coolers, brindes e atendendo o público, via computador.

Certa vez, participaria do programa um jogador muito badalado, que, na ocasião, estava muito feliz porque sua mulher acabara de dar à luz duas filhas. Por ele ser muito reservado, o assunto não foi discutido no ar. Entretanto, no intervalo do segundo bloco, o tal boleiro se aproximou da bancada onde estava Renata e começou a elogiar a moça.

Ela sempre foi muito gentil e deu-lhe parabéns por ser papai novo e também por causa da sua grande fase nos gramados. Em retribuição, o rapaz mostrou-lhe a foto das recém-nascidas, recebendo de volta os encômios de praxe. Vestindo a pele do lobo, o jogador não se segurou, e mandou uma resposta lasciva: “São lindas sim, mais seriam muito mais bonitas se você fosse a mãe”.

Resultado: Renata se sentiu constrangida, acuada, cantada e simplesmente “sumiu” do programa nos 80% do tempo que restava. Nos outros intervalos, a moça não conseguia conter as lágrimas, borrando toda a maquiagem. O jogador também “murchou”.

Ela passou o resto do programa entregando maquinalmente os vários brindes que distribuíamos, devido ao grande número de patrocinadores : Brahma, Bom Bril, Correios, Sonda, Sucos Camp, Predilecta. No final, ela desabou, correu para o camarim, lavada em choro. Renata mostrou muita dignidade. Não denunciou a xavecada que levou no estúdio. Seria trágico.

Na época, os diretores Mário Quaranta e Edu Zebini levavam dez, às vezes doze, jogadores, que eram distribuídos num semicírculo de cadeiras vermelhas. Havia entre seis ou sete jogadores top, e pagávamos dois mil reais de cachê para cada um. Às vezes, o número de convidados excedia a capacidade do palco, o que nos forçava a adotar um sistema de rodízio.

Sempre fui adepto a remunerar os participantes do programa, afinal todos são profissionais. Lamentavelmente, os jogadores brasileiros ainda não cobram. O *SuperTécnico*, por exemplo, pagava dois mil dólares para cada visitante.

Eu costumava brincar muito com a Renata Fan, “acusando-a” de namorar o Wagner Love ou o Vampeta. Essas troças consagraram o apelido Renata “Love” Fan. Aproveitando o sucesso da brincadeira, eu resolvi estender o rol dos enamorados, e adicionava o Love Fan para outros jogadores, como o zagueiro Fabão, então jogador do Goiás. Durante dois meses, levei à frente a campanha Fabão Love Fan, até que ele acreditou na piada.

E como acreditou.

Num domingo em que ele foi ao *Terceiro Tempo*, esperando sua vez de entrar no palco, toda vez que a moça aparecia nos monitores das coxias, ele abraçava e beijava o aparelho. E repetia em voz alta: “Ao vivo, no ar, lá dentro, vou pedi-la em casamento”.

Ah, Renata Fan... Eu fui seu pai e técnico. Uma ligação que se perdeu há seis anos. Seu início na TV Record, em 2003, foi pelas minhas mãos e pelas mãos da providência. Como costumo dizer sempre, numa das frases feitas que adoro, “sorte é o encontro da capacidade com a oportunidade”. Pois, no dia seguinte da saída da Daniela Freitas do programa, me aparecem no camarim duas moças: uma loira, alta, esguia e tagarela, e outra, gordinha, esposa de um alto executivo do Unibanco, acompanhadas pelo diretor do *Cidade Alerta*, Luís Gonzaga Ribeiro. Por iniciativa desta última, elas tinham ido visitar os estúdios.

Na ocasião, eu estava deitado, com um japonês sobre as minhas costas. Mas antes que os maledicentes tirem conclusões precipitadas, o sujeito, um notável massagista, tentava aliviar minha tensão lombar, fruto das horas e horas que ficava em pé para apresentar os programas *Terceiro Tempo*, *Cidade Alerta*, *Roleta Russa* e *Debate Bola*. Com o esforço repetido, estava me tornando inapelavelmente corcunda! Resultado: ao deparar a moça loira e loquaz, sugeri a Luis Gonzaga Ribeiro e a Edu Zebini, diretor do *Debate*

Bola, hoje na Fox Sports, que fizessem um teste com ela. Do alto do seu talento, ela passou com louvor

Fiquei um ano a mais que a Renata na Record, quando ela trocou a emissora pela Band. Aliás, quem a colocou na Bandeirantes fui eu. Na época, começo de 2007, não pude atender o convite de Marcelo Parada, então diretor de programação do canal, já que havia recém-renovado meu contrato com a Record, amarrado por uma multa pesada imposta pelo bispo Honorilton Gonçalves. Num almoço de duas horas, quando apresentei os motivos da minha recusa, não me cansei de elogiar Renata Fan.

Marcelo Parada, entretanto, insistia que programa de debate de futebol com mulher não daria certo, mas argumentei que a aquela moça era diferente, pois tinha aprendido muito comigo. Na Record briguei muito por ela, confrontando, inclusive, o Edu Zebini que não lhe dava nenhuma chance. Tanto que, às sextas-feiras, dia de minha folga mensal, quem apresentava o *Debate Bola* era o Doutor Osmar de Oliveira. Mas eu quebrava lanças, lutava por mais espaço para Renata e até a levei para o *Golaço da Rede Mulher*. Lá, treinei-a por três anos, quando ela fazia as vezes de apresentadora. Ela saiu-se tão bem na função que dobrou a resistência do Parada.

Para Renata, estendi minha mão e fiz por ela mais do que fiz para os meus filhos.



Falta no Ademir da Guia!

Em 1994, estávamos, Julinho Botelho, falecido, Ademir da Guia, Luís Pereira e eu, gravando um programa para o *Canal 100*, na antiga sede da TV Manchete no bairro do Limão. De repente, em plena gravação, aparece um operador completamente desesperado.

Ele olha para nós quatro e avança direto no peito de Ademir da Guia. Lépidio, agressivo, arranca-lhe o microfone da lapela, extraindo com brutalidade também a parte da geringonça que fica nas costas.

No fim, larga Ademir da Guia como se o tivesse recém-assaltado e sai correndo do estúdio. O genial meia do Palmeiras, em plena gravação, falou: “Nossa, que violência”. O problema todo é que, no mesmo horário, estava para entrar no ar um jornal vespertino e não havia microfone disponível para a apresentadora Lídia Andreatta.

A TV Manchete estava tão mal das pernas que não tinha outro microfone para que a moça pudesse apresentar o jornal. Tiveram que arrancá-lo à força de Ademir, que pela primeira vez na carreira sofreu uma falta sentado e na televisão.

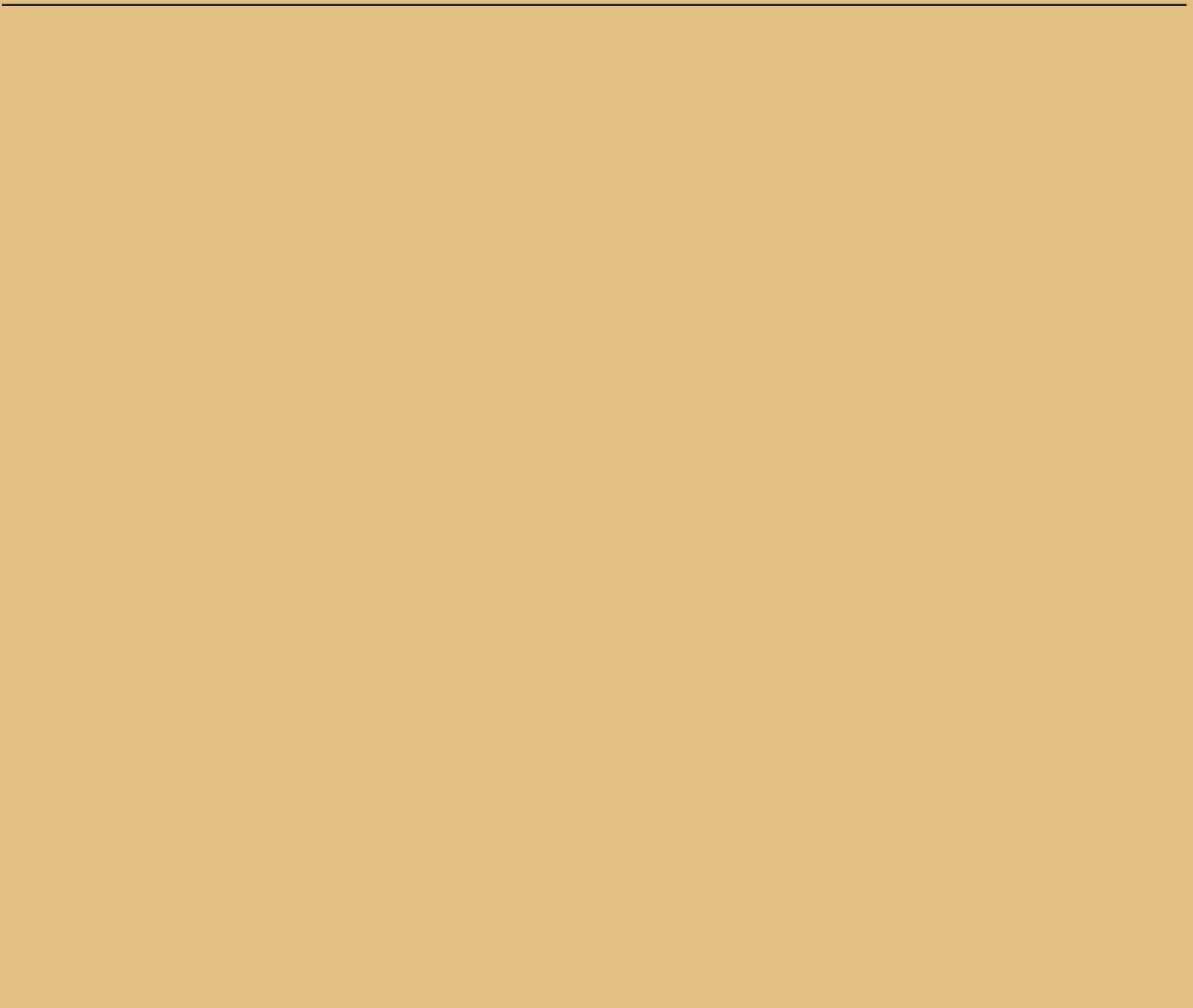


E Silvio Luiz gorou o *SuperTécnico*

Era minha “estreia” na tevê. Pela primeira vez comandaria um programa de esportes e, claro, estava nervoso e excitado com a experiência. Ainda me via um pouco cabreiro com tudo aquilo. Afinal, na minha convicção, eu era um homem de rádio. Acreditava piamente que o *SuperTécnico* não passaria da terceira semana. Até fiz esse comentário para o Rafael, meu filho mais velho, que me acompanhava até os estúdios da Band, onde gravaríamos o programa-piloto. A ideia era marcar a iluminação, a distribuição dos convidados no palco, essas coisas.

Participaram da encenação o Nivaldo Prieto, Mauro Beting, Silvio Luiz e o Rafael (fazendo número porque Oliveira Andrade deu o cano), além deste que vos escreve. No final, o diretor Hélió Sileman pediu para que os “convidados” dissessem algumas palavras de incentivo ao novo programa. Todos foram muito elogiosos, augurando a melhor das expectativas.

Quando chegou a vez do velho narrador, ele armou aquela cara de limão azedo e fez questão de criticar o *SuperTécnico* com todo o despeito que Deus lhe deu. Disse que aquilo não era novidade nenhuma, ia fracassar, que o modelo já era antiquado e coisa e tal. Um verdadeiro mala sem alça!



Silvio Santos e Felipão

Em 2003, Daniela Freitas, que já havia sido minha companheira de palco por mais de dois anos no *Super Técnico* (sucessora de Nereide Nogueira e de Bianca Russo), foi afastada, pela direção da Rede Record, do cargo de assistente no *Terceiro Tempo*. A justificativa da emissora foram suas seguidas e públicas separações do ator Alexandre Frota, o que geraria “má mídia”. Também contribuíram os comentários de que ela se relacionara com os jogadores Denílson, então atuando na Espanha, e, principalmente, Diego, à época muito jovem e revelação do Santos. Mas, frise-se, os dois negaram peremptoriamente a história toda, sempre desmentiram o eventual namoro.

Para se ter uma ideia da gravidade dos rumores, em julho de 2003, entre o primeiro e o segundo jogo do Santos contra o Boca Juniors pela final Libertadores, o então goleiro do Peixe, Fábio Costa, entrou no estúdio com o programa prestes a começar, gritando: “Cadê a Daniela Freitas que vou bater nela! Cadê ela?”. Fábio Costa, um pouquinho mais calmo graças à intervenção de sua amiga Helô Campagnollo, explicou todo aquele arroubo devia-se ao comentário que a moça havia feito no ar de que, como corintiana, torceria pelo Boca. E justificou dizendo: “Pô, essa moça arrebitou com a cabeça do Diego. Depois que o menino se apaixonou por ela, ele deixou de jogar e agora ela ainda diz aqui na TV Record que tá torcendo pelo Boca, contra nós e contra o Diego”? E foi direto ao pequeno púlpito onde ficava minha assistente de palco. Chegando lá, deparou-se com Renata Fan. Daniela Freitas tinha deixado a emissora e evitou “ter apanhado”.

Mas, desde dezembro de 2001, Daniela foi fundamental para que o *Terceiro Tempo* conquistasse o público, ganhando notoriedade entre os programas de esporte com muita audiência e resposta comercial. Esse foi o motivo principal para que o programa tivesse se consolidado na grade da Rede Record, então terceira colocada no Ibope, tornando-se intocável na



emissora por sete anos com robustos índices de audiência, grande retorno de mídia e fortíssima veiculação publicitária.

O início promissor do *Terceiro Tempo* deu-se, também, graças à performance notável de Daniela Freitas na noite de 16 de dezembro de 2001, quando nós entramos “em cadeia” com a então bombástica *Casa dos Artistas* do SBT.

Algum tempo antes, a diretoria do SBT havia solicitado que Daniela fosse aos estúdios da emissora, em companhia dos familiares dos outros “confinados”, para um longo bate-papo. Honorilton Gonçalves, esperto, não liberou a saída de Daniela, mas permitiu o “encontro” dela com Frota, ao vivo, via *Terceiro Tempo*. Silvio Santos não teve saída. Concordou, mas limitou o *link* a “apenas” três minutos.

No dia fatídico, Felipão, então técnico da Seleção Brasileira, participava do programa, com Daniela Freitas e demais convidados. Os tais “três minutos” exigidos pelo “patrão” se encompridaram por longos 18 minutos de participação conjunta, o que arrebatou o primeiro lugar da Globo durante o período, somados os números de SBT e Record.

Para “esticar” o papo e o encontro no ar de Daniela e Frota, eu demorava uma eternidade para fazer as perguntas ou emitir opinião. Em contrapartida, Silvio Santos, macaco velho que é, sacou na hora o estratagema e exclamava a todo momento na sua voz inconfundível: “Miltaaam, Miltaaaaaamm”. Foi engraçado e maravilhoso. Mas o melhor foi quando, quase no final, para aproveitar mais ainda o momento tão especial, pedi ao Felipão (vestido de Samurai, devido à proximidade da Copa de 2002) que fizesse uma pergunta ao Silvio. E não é que o Felipão relutou e refugou, acreditando ser uma das “pegadinhas” tão populares na época? Instado a participar, Felipão bufava no seu gauches de fronteira: “Pffffff,



pegadinha para cima de mim, não!”. Ele acreditou que o *link* inédito e histórico era ficção!



Com Felipão, no *SuperTécnico*, em 2001. A bola de cristal, nas mãos de Milton Neves, foi presente do técnico, então à frente do Cruzeiro, devido às previsões do jornalista sobre seu futuro na Seleção Brasileira. Um ano depois, o vaticínio se realizou. No destaque, o link direto do *Terceiro Tempo* com o programa *Sílvio Santos*



Com as netas Giulia Beatriz e Maria Beatriz

Epílogo

No domingo 27 de janeiro de 2013, em meio à modorra do início de temporada do futebol nacional, me dirigia de manhã para a rádio Bandeirantes, onde, durante as sete horas seguintes, apresentaria o *Domingo Esportivo*. Como de costume, avançava pela rodovia Castelo Branco ouvindo música ambiente, ainda um pouco sonado e repassando a pauta do programa.

Cheguei na redação bem antes das 9h e encontrei os plantonistas numa polvorosa incomum para o dia e o horário. Meu faro de 40 anos de janela se confirmou na sequência: os primeiros relatos do incêndio na boate Kiss, em Santa Maria, se anunciavam a conta-gotas. A dimensão total da tragédia ainda era incerta. Em companhia do repórter Cláudio Junqueira, tomei a dianteira da cobertura, entrevistando, em primeira mão, os personagens envolvidos naquele drama.

Ficamos horas no ar, sem interrupção ou propaganda, desencavando informações, orientando o público, prestando serviço. O futebol – a coisa mais importante entre as coisas menos importantes (Arrigo Sachi) – ficou prontamente em segundo plano. A prioridade é sempre do jornalismo, como já me ensinara Fernando Vieira de Mello. A agilidade da equipe da Bandeirantes acabou por pautar outras rádios e emissoras de tevê. Causou comoção a entrevista que fizemos com um dos bombeiros socorristas ao relatar a sinfonia dos celulares onde jaziam os corpos sem vida.

Terminada a cobertura, num momento de desanuvio, vaguei pelos corredores da redação. Não pude deixar de reparar, com o rabo do olho, o zunzum de

estagiários e repórteres, a comentar a qualidade da cobertura, orgulhosos por trabalharem na empresa e revigorados quanto à escolha profissional, ainda que o caminho se mostrasse sacrificante e muitas vezes pesaroso, como aquela terrífica jornada havia deixado evidente. Um deles, Christiano Panvechi, me abraçou emocionado, dizendo que nunca havia imaginado me ver de perto. Eu te perdoo o exagero, querido “Passarinho”!

Da minha parte, sei que a aposentadoria se aproxima. Ando cansado, mas nunca desanimado. O trabalho que levamos a cabo naquele dia fatídico renova a dimensão da carreira, confirma a vocação antiga, dá a medida exata da recompensa dos percalços do caminho e da dureza da labuta. Faz-me perceber que, mesmo transcorridas quatro décadas, em nenhum momento me entreguei ao piloto-automático da soberba, do eu sei tudo. A cada dia de batente, me doo como se fosse o primeiro.

Este livro que se encerra agora serve como um balanço da minha carreira. E o mais curioso é que, apesar de ter-me dedicado quase integralmente ao futebol, ao menos neste epílogo, ele foi figura ausente. A resposta para esse aparente lapso é simples e vai encontrar as indagações que lancei no início do texto: a busca por uma alma.

Embora nesse longo tempo de estrada tenha combinado atividades diversas e transitado por todos os veículos de informação, antes de tudo sou jornalista – de formação e de convicção. Sendo assim, por que não dizer que reside nessa assertiva redundante a manifestação mais plena daquilo que sou? E, até por isso, estou pronto para pendurar as chuteiras, com a certeza do dever cumprido.





A casa onde vive, num condomínio da Grande São Paulo. Ladeando o muro, um
microfone estilizado: homenagem ao eterno companheiro





No aniversário do filho Fábio com a “japona” de couro de antílope, presente de Fausto
Silva, o Faustão, então colega na Jovem Pan

Agradecimentos

Manuel Garcia, o espanhol, foi presidente da Adidas e da Le Coq Sportif no Brasil nos anos 80 e patrocinou por anos meu programas na Rádio Jovem Pan e *Mesa-Redonda* da TV Gazeta. Seu diretor comercial era o saudoso amigo Adelson Porto Galina.

Sven Klaus Schimpf, fundador da loja Ilustre Móveis, hoje uma grande rede. Cafu e eu inauguramos várias de suas lojas no bairro de Pinheiros e em vários shopping centers.

Carlos Brito e Miguel Patrício, altos executivos da Ambev e InBev, foram os que me contrataram pela Brahma em 1º de janeiro de 2004. Brito, presidente mundial da InBev, hoje reside em Nova York e Patrício, na China. Com Miguel Patrício, assinei meu contrato em um guardanapo do restaurante Rodeio, de São Paulo.

Luiz de Alencar Lara, grande publicitário e meu apoiador em várias mídias e anunciantes e parceiro muito leal em nossos tempos de Schincariol nos anos 90 e 2000.

Dilo Gonçalves, saudoso diretor comercial da Rádio Jovem Pan AM. Um dos homens mais corretos que conheci em minha vida.

Paulo Roberto Gonçalves, filho de Dilo e já falecido, foi belo contato comercial e a pessoa a me orientar para abrir uma agência de publicidade e deixar de ser “contato avulso”.

Adolfo Birman, baiano, foi um rei dos móveis com sua Atlântica Decorações, que, a partir de 94, passou a patrocinar o *Terceiro Tempo* da Rádio Jovem Pan.

Renato Duprat, dono do Hospital Duprat, hoje São Luiz, e da extinta UNICÓR. Graças a ele, e a pedido de ‘seu’ Tuta, dono da Jovem Pan, o jornalista Cláudio Carsughi pode receber uma cirurgia cardíaca. Foi uma permuta envolvendo a rádio Jovem Pan e o hospital.

Israel Sapiro, dono das redes Copel e Classe A de Colchões é meu anunciante desde a Macabíada de 1985 na Jovem Pan, TV Gazeta e Rádio Bandeirantes.

Marcos Arbaitman, incentivador para que eu fosse cobrir Macabíadas em Israel, em 1985. A partir dessa viagem, passei a ter outra visão da vida. Sua Maringá Turismo muito anunciou também na Jovem Pan e fui seu assessor na Secretaria Estadual de Esportes e Turismo, gestão de Mário Covas, quando Arbaitman foi secretário.

Rubens Santos, o Rubens da Dimensão Turismo, então uma forte empresa brasileira a levar milhares de brasileiros à Disney. A empresa fechou, mas com ela levei meus filhos várias vezes a Orlando. Em permuta comercial com a Dimensão, a Jovem Pan cobriu as Copas de 82 e 86.

Marcos Sanches e Luiz Borgonovi, dois executivos da notável EMS, grupo farmacêutico fortíssimo do Brasil. Comigo, no rádio e na tevê, seus produtos Gerovital, Gerovital Phytus e Gripen tiveram belo aumento de market share entre 2010 e 2013.

Adhmar Zacharias, meu primeiro anunciante, entre 82 e 94. Foram campanhas memoráveis na base de “O Zacharias é Uóooooootimoooo...” O saudoso ‘seu’ Adhmar foi o “Pelé do Pneu”, mas a empresa não resistiu à sua morte e a de seus filhos, Ademarzinho e Ronaldo. Todo o trabalho de marketing do Zacharias, junto ao *Terceiro Tempo* da Rádio Jovem Pan, era coordenado pelos executivos Luís Antônio Piccoli e Ademir Lopes Parra.

Nelson Biondi, Maria Lucia Bindi Cruz e Júlio Vieira Neto, donos da MAV Publicidade, que tinha a conta da Rede Zacharias. Foram os primeiros publicitários a me apoiar.

Vladimir Antônio Zebini, hoje aposentado. O executivo top e palmeirense Vladimir foi grande patrocinador da Rádio Jovem Pan AM com seu Consórcio Nacional Fiat. Flávio Prado foi meu sócio na conta e, a partir dos contratos com o CNF, ele aderiu de vez à publicidade, coisa que “abominava”.

Giorgio Nicoli, o “Pelé da Cama e do Colchão”, marcou época com suas camas. Ele as produzia até de ouro. Ficou no ar comigo por anos na Rádio Jovem Pan.

Wilson e José Sanches Gallo, ex-donos da Madeirense, Materiais para Construção, ficaram por anos no ar na Rádio Jovem Pan, patrocinando o *Terceiro Tempo* após a saída da Rede Zacharias, em 1994. Só saíram do ar quando venderam a empresa para a C&C.

Nelson Mioshi Takata e Oswaldo Kazumi Takata, antigos donos da fortíssima Conibra, empresa de material de construção. Por quase uma década, esses maravilhosos japoneses foram o pilar maior das coberturas de F-1 da Jovem Pan. O narrador Nilson César, que corria o mundo na F-1, “quase virou um japonês”.

Hiroshi Shimuta, sobrevivente do incêndio do edifício Joelma, era advogado da Conibra e hoje é dono da Nicom, o Gigantão da Construção, meu parceiro há anos na rádio e TV Bandeirantes.

Idi e Delcir Sonda, irmãos e donos do Sonda Supermercados, anunciantes na rádio Jovem Pan (desde 1993), TV Record e Rádio Bandeirantes, são meus amigos particulares. Só nos desentendemos duas vezes: quando “burramente” resolveram “mexer” com jogadores de futebol – o que nos afastou por quatro anos – e quando da eleição de Luís Álvaro de Oliveira Ribeiro, a quem apoiei de olhos fechados. Ah, se arrependimento matasse... À época, quando da primeira eleição de LAOR, Delcir Sonda tentou me demover de meu público apoio ao candidato de oposição. A “conversa” durou 30 segundos e ficamos “séculos” sem nos falar. Aliás, a relação nunca mais foi a mesma.

Paschoal Grassioto, dono da Lousano, então vice-líder do mercado de fios e cabos. O religioso adventista do Sétimo Dia chegou a encostar na líder Pirelli. Mas com as acusações de sonegação fiscal, caiu em desgraça. Teve a prisão veiculada em rede nacional, pelas Redes Globo e Record e viu seu império ruir. Mas foi anunciante por anos da Jovem Pan. Hoje ele vive com imensas dificuldades no Nordeste do Brasil. Outro dia pude dar-lhe uma ajuda humanitária, afinal enquanto foi cliente meu e da Jovem Pan, honrou com suas obrigações. Mas não poderia ter feito o que fez.

Bruno Caltabiano, o grande executivo dos automóveis, morreu de tristeza tempos depois da morte de seus dois filhos a bordo daquele fatídico avião da TAM que caiu em Congonhas vindo de Porto Alegre em 2007. Mas, antes, e por muito tempo, patrocinou também as transmissões de F-1 da Jovem Pan, que, publicitariamente, eu carregava nas costas.

Nelson Schincariol, Rosan Francischinelli e Francisco Flora Neto, os três pilares da Schincariol, grande parceira minha na TV Record e na Rádio Jovem Pan por anos e anos. Jamais os esquecerei e o Nersão está no

céu, morto em assalto em Itu. Atualmente, Flora é fazendeiro e Rosan segue na empresa, que, hoje, é de propriedade de um grupo japonês. Os três, impressionados com meu e nosso trabalho na Jovem Pan, no dia 1º de maio de 94, dia da morte de Ayrton Senna, via jornalista Mauro Nóbrega, “brigaram” para que eu fosse o divulgador da marca. Aliás, eu fui responsável pela primeira campanha da empresa em mídia top de linha e em rede nacional. Quando comecei, o povo falava “Xincariol”. No dia em que minha mãe faleceu, em novembro de 1995, “Nersão” fretou um jatinho - que ainda não tinha – em Sorocaba e foi ao sepultamento dela em Muzambinho, com seus diretores em plena quarta-feira. Desse gesto jamais esquecerei. E do “Nersão” continuo falando no ar, rezando pela alma dele.

Nizan Guanaes, o “Pelé da Publicidade”, atualmente responsável pela conta da Lupo, me contratou um dia pela Antarctica. Hoje, somos parceiros de Brahma há 10 anos, na tabelinha África-Milton Neves.

José Roberto Refinetti Guidi, ex-Hydra e Deca. Quem não se lembra do “Gol Jovem Pan-Hydra”? Pois isso foi ideia do saudoso e brilhante executivo do Grupo Duratex.

Saul Klein, ex-sócio das Casas Bahia, também me apoiou por mais de uma década nas rádios Jovem Pan e Bandeirantes com o “Gol Phillips” e a “Opinião de Milton Neves”.

João Riquena Neto, o rei do ar condicionado, é de Araçatuba-SP e viu sua Central Ar, em quatro anos que anuncia comigo na rádio e TV Bandeirantes, galgar à condição de líder do segmento via internet.

Cloves e Walter Cintra, pais de Rafael e Murillo, fizeram a marca de sapatos Rafarillo e, em quatro anos, desde que passaram a anunciar via Milton Neves, multiplicaram a produção de 970 pares/dia para oito mil/dia. É um *case* do qual muito me orgulho, afinal jamais assinamos um contrato. Com caipiras, como nós três, ainda funciona assim: no velho fio do bigode.

Carlos Botelho, o corintiano mais fanático do mundo, foi diretor de Chuveiros Lorenzetti por décadas e durante alguns anos autorizou patrocínios em programas meus na Jovem Pan e TV Record. Grande parceiro, hoje é dono de restaurante em Itu-SP. Graças a Botelho e à Lorenzetti, pude viabilizar a saída de Alberto Helena Jr. da *Folha de S. Paulo* para o *Diário Popular*. Seu salário era pago pela empresa, via minha agência.

Silvio Barone, da Sil, e **Alcione Albanese**, da FLC. Essas duas marcas também praticamente nasceram e se fortaleceram comigo na Rádio Jovem Pan. E, comigo, continuaram na Band e na Record. Mas, depois, principalmente com Silvio, a convivência ficou difícil porque gratidão também não é seu forte.

Valter Schalka, grande pessoa, grande santista e grande executivo. Foi ele quem me convenceu que se o Santos elegesse LAOR junto com os empresários que o apoiavam, meu clube seria “uma coisa do outro mundo”. Acabei me decepcionando com a política santista, mas conheci um grande sujeito que é o Valter Schalka.

Lupo, por mais de 15 anos esta notável marca têxtil do Brasil, me acompanhou no rádio e na tevê pelas mãos do executivo Valquirio Cabral Ferreira Filho. Valeu muito ter lhe dado dica de contratar Neymar e a vestir o Galo mais lindo do mundo. Com o Galo, a Lupo Sports teve épica exposição esportiva em todo o mundo, principalmente durante a Libertadores-2013.

Bradesco, o meu banco, jamais deixou de fazer tabelinha comigo no rádio e na tevê, desde 1989, graças ao executivo Décio Tenerello, então diretor do líder dos bancos do Brasil. Foi ele quem desatou o nó que havia entre o banco e a Rádio Jovem Pan, então em desacordo publicitário. E Tenerello fez mais: instalou uma agência do Bradesco em Muzambinho,

minha terra. Na inauguração, fomos de helicóptero e chorei muito, pois nunca tinha visto minha cidade do alto.

Família Separovic Rodrigues, dona do Shopping Frei Caneca e de fazendas pelo Brasil. Os irmãos Ricardo, Mário e Neto são grandes amigos meus, de minha família e de boa parte da imprensa esportiva.

© Lazuli Editora, 2013



direção editorial Miguel de Almeida

direção de arte Werner Schulz

foto da capa Talita Zaragoza

ilustrações Paulo Sayeg

edição Fernanda de Araújo Patrocinio

diagramação Luis Eduardo Rocco Consolo

fotos internas e contracapa Acervo Milton Neves

Visite o nosso site:

www.lazuli.com.br

Acompanhe no:

facebook: **/lazuli.editora**

twitter: **@lazulieditora**

**Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Rosemberg, André. Milton Neves : uma biografia /
André Rosemberg, Cláudio Júlio Tognolli. -- São
Paulo : Lazuli Editora, 2013.

ISBN 978-85-7865-113-8

1. Crônicas brasileiras 2. Jornalismo esportivo 3.
Neves, Milton, 1951 I. Tognolli, Cláudio Júlio. II.
Título.

13-06858
070.449796

CDD-

Índices para catálogo sistemático:

1. Jornalismo esportivo
CDD-070.449796

A Editora agradece quaisquer informações sobre os detentores dos direitos autorais das imagens não creditadas neste livro, bem como de pessoas não identificadas nas fotografias, apesar dos esforços realizados para obtê-las.

Todos os direitos reservados
1ª edição – São Paulo – 2016



Lazuli Editora
Rua Inácio Pereira da Rocha, 414 • Pinheiros • São Paulo • SP • 05432-011
Tel.: (11) 3729 6077 • www.lazuli.com.br • lazuli@lazuli.com.br